Allen Ginsberg

UIVO

Kaddish e outros poemas

UIVO
Kaddish e outros poemas

Lançado no outono de 1956, o longo e profético *Uivo*, de Allen Ginsberg, foi apreendido pela polícia de San Francisco, sob a acusação de se tratar de uma obra obscena. Depois de um tumultuado julgamento, semelhante ao que foi submetida a novela de William Burroughs, *Naked Lunch,* o poema foi liberado pela Suprema Corte americana e vendeu milhões de exemplares. Desde então, se tornou uma fonte indispensável para todos aqueles que pretendem penetrar nas estações no inferno e iluminações de Ginsberg e seus companheiros *hipsters,* pelas estradas amplas e becos sórdidos da América.

Junto com *On the Road*, de Jack Kerouac, é *Uivo* que marca o início do movimento beat. Subitamente transformado numa celebridade na América, Ginsberg prosseguiu produzindo no mesmo ritmo frenético: nesse volume editado pela L&PM, aparecem os posteriores *Kaddish* e *Sanduíches de Realidade,* exemplos brilhantes da poesia espontânea e em ritmo jazzístico do poeta maior de sua geração.

Allen Ginsberg nasceu em 3 de junho de 1926, em Paterson, Nova Jersey. Sua autobiografia: "Escola em Paterson até os 17 anos, depois Universidade de Columbia, marinha mercante, Texas e Denver, datilógrafo, Times Square, amigos na prisão, lavador de pratos, revisor, Cidade do México, pesquisa de mercado, satori no Harlem, Yucatan e Chiapas 1954, três anos na Costa Oeste. Viagem ao ártico, Tanger, Veneza, Amsterdan, Paris, leituras em Oxford Harvard, Columbia Chicago, corta, *Kaddish* 1959, mergulhos eventuais no Oriente, etc, etc. . ." Atualmente, Ginsberg continua escrevendo e em breve deverá lançar novo livro nos Estados Unidos. *Uivo, Kaddish e Outros Poemas* é seu primeiro trabalho lançado no Brasil.

Os Editores

Allen Ginsberg

UIVO

Kaddish e outros poemas (1953-1960)

Prefácio, seleção, tradução e notas
Cláudio Willer

Índice

Sobre a tradução

O ponto de partida da presente edição é um conjunto de traduções que já haviam sido feitas em 1967 (entre outros, *Uivo, América, O Fim, Ácido Lisérgico* e trechos do *Kaddish),* que foram apresentadas em um espetáculo teatral preparado em parceria com Decio Bar. Por volta de 1980, apareceram sinais de interesse de editores nacionais na publicação de Ginsberg e outros autores ligados à Geração Beat, levando-me a retomar as traduções e atualizar a pesquisa sobre o assunto. No final de 1983, passei a corresponder-me com o próprio Allen Ginsberg, o que beneficiou enormemente o trabalho em andamento, pois a seleção dos poemas e o plano editorial lhe foram apresentados, tendo ele dado sugestões e esclarecido dúvidas de interpretação do texto.

Esta coletânea dos poemas de Ginsberg – que logo será seguida por outra, dos seus textos em prosa – é fruto de uma convivência com sua obra que começa por volta de 1962, quando pela primeira vez li *Uivo, Kaddish* e outros textos seus. No meu primeiro livro, *Anotações para um Apocalipse* (1964), ele já é citado. Faz parte dessa convivência o diálogo com outras pessoas interessadas em propostas inovadoras e revolucionárias em poesia. Quem, pela primeira vez, me chamou a atenção para a importância de Ginsberg foi o poeta Roberto Piva; no seu primeiro livro, *Paranóia* (1963), há um diálogo e uma relação intertextual com o expoente Beat. As traduções de 1966/67 tive-

ram a colaboração de Norberto Gruberger, principalmente no esclarecimento de expressões idiomáticas e do jargão "hipster". Na preparação da edição final, devo destacar a valiosa colaboração do artista plástico José Roberto Barreto e as sugestões dadas pelos escritores Fernando Naporano, Pepe Escobar e Maria Alice Mendonça Lima. O contato com Ginsberg foi possível graças ao empenho da escritora Joyce Cavalcante. A todos, meus agradecimentos.

Além do original em inglês, foram consultados textos em outras línguas. Destes, os melhores são as edições italianas, *Jukebox All'Idrogenio* e *Mantra Del Re di Maggio*, bilingües, fartamente anotadas, pela Ed. Mondadori, preparadas por Fernanda Pivano com a colaboração do próprio Ginsberg.

Ginsberg é, indiscutivelmente, um poeta difícil de ser traduzido. Há vários problemas na sua tradução. Dentre estes, sua prosódia e ritmo, usando a riqueza sonora da fala americana (baseando-se consideravelmente em William Carlos Williams). É uma poesia sonora, para ser lida como texto e também em voz alta; a métrica tradicional é substituída por vários recursos rítmicos, tais como o contraste entre vogais abertas e fechadas, longas e curtas, como em *and battered bleak of brain all drained of briliance* ou então *and kind king light of mind.* Nossa língua (o português falado no Brasil) é um pouco monocórdica, comparada com o inglês novaiorquino de Ginsberg. Mesmo assim, procurou-se manter esses valores sonoros, preservando o ritmo das suas frases e versos e recorrendo-se, sempre que isso não alterasse o texto, a aliterações e rimas internas.

Semelhante preservação de valores sonoros, respeitando a prosódia e o ritmo do original, não permite, todavia, uma "recriação", ou "transcrição" ou algo assim — ou seja, uma aplicação das concepções de tradução em voga entre nossos construtivistas-formalistas. Qualquer tradução tem sempre que ser feita, na medida do possível, dentro do horizonte da poética do autor que está sendo traduzido. Ginsberg não é um formalista; quando muito, talvez, um construtivista-informal. Tampouco é surrealista. A associação dos seus trechos mais delirantes à escri-

ta automática do surrealismo pode levar a uma leitura superficial da sua obra e a uma compreensão limitada da sua poética. A vertente poética da qual Ginsberg está mais próximo é o "objetivismo". Vale, para Ginsberg, a declaração de William Carlos Williams, "nada de idéias fora das coisas". Tanto é que uma etapa fundamental no desenvolvimento da poesia e da poética de Ginsberg corresponde aos passeios que ele e Williams faziam pelos arredores de Paterson, poetizando objetos, cenas e situações do cotidiano. Também vale, na mesma linha, a declaração de Carl Olsón: "a forma nunca é algo mais que uma extensão do conteúdo". E também a crítica de Pound a declarações demasiado abstratas e generalizantes. O próprio Ginsberg, numa das cartas que me mandou, manifestou sua objeção a "associações demasiado subjetivas".

Textos aparentemente delirantes e próximos à escrita automática, como aqueles que escreveu sob efeito de alucinógenos, na verdade são descrições, tentativas de relatar fielmente o que o autor estava vendo e sentindo.* O mesmo vale para *Uivo*: sua sucessão de imagens está sempre embasada em fatos, em ocorrências reais, como pode ser visto pelas notas para a presente edição. Enfim, em Ginsberg a linguagem tem um sentido, uma exterioridade, o que requer uma tradução fiel, reproduzindo esse sentido.

Ginsberg também tem a ver com Pound e com o Eliot jovem, pelo modo como introduz no poema diferentes códigos (por exemplo, as alternâncias do coloquial e do solene), além de citações de outros autores e menções a situações e aconteci-

---

* Essa ênfase na vinculação de Ginsberg com o objetivismo e nativismo não contradiz o que é afirmado no ensaio a seguir, sobre o fato de sua poesia também ser uma reflexão sobre a linguagem e a própria poesia. Ginsberg é um poeta pos-moderno e plural; nele se integram várias vozes e dicções; não pode ser identificado a uma só tendência, grupo ou seita. Mesmo assim, a preocupação primeira, na sua tradução, deve ser com o sentido, com àquilo que ele está tentando dizer pelo poema. Evidentemente, falar em *sentido* não significa, necessariamente, falar em *referência*. O próprio Ginsberg distingüe, em vários textos seus, entre a *descrição* (na prosa linear, discursiva) e a *apresentação* (presentation), por imagens, da poesia.

mentos. Claro que tudo isso torna imprescindível o uso de notas na tradução; em caso contrário, várias passagens seriam ininteligíveis para o leitor não informado sobre seu contexto.

Ainda há uma última questão a ser colocada, a propósito do informalismo ou coloquialismo: o papel de expressão em gíria ("slang"), jargão, etc. Tenho notado, em alguns dos nossos tradutores, uma tentativa de atualizar a linguagem Beat, utilizando ao máximo a gíria corrente entre os jovens brasileiros atualmente. No entanto, isto deve ser feito de forma cuidadosa. É evidente que, de um lado não se pode depurar a linguagem e torná-la bem comportada. *Cock* é mesmo caralho, *cunt*, buceta, *asshole,* cu. Mas também não se pode partir para o erro oposto, de verter Ginsberg num linguajar pós-bicho-grilo. Em alguns casos, isso é inevitável: daí aparecerem, nesta tradução, expressões como "transar" e congêneres. Mas é preciso levar em conta que a dinâmica da evolução da linguagem e o ciclo de vida das gírias são diferentes, nos Estados Unidos e aqui. Um uso excessivo da nossa gíria atual pode ter apenas uma conseqüência: envelhecer rapidamente a tradução, torná-la obsoleta no momento que certas palavras saírem de moda e forem substituídas por outras. Um bom exemplo é dado pela leitura dos nossos modernistas de 22. As passagens em que eles parecem mais anacrônicos são justamente aquelas nas quais Mario ou Oswald tentam escrever numa linguagem informal e coloquial.

Quero encerrar esta nota expressando minha convicção de que vivemos, atualmente, um momento particularmente adequado para a divulgação de Ginsberg e outros representantes da mesma vertente, como Kerouac, Burroughs, Snyder, Ferlinghetti, Corso, McClure, etc. Em 1967, as apresentações de poemas Beat entusiasmavam o público presente mas também recebiam uma reação que variava entre a frieza e a hostilidade, por parte da imprensa conservadora e também de setores da esquerda. Agora, o momento é outro; no atual processo de mudança social e política, nossa sociedade interroga-se sobre seu futuro e também sobre sua identidade cultural. Significativas parcelas de público querem ampliar seu horizonte cultural e sua

informação literária. Nossa juventude não aceita mais o mandarinato cultural, a ortodoxia das seitas e grupos acadêmicos. Por isso, cresceu a leitura de bons autores europeus e latino-americanos. Agora surgem as edições dos autores ligados à Beat. Em breve teremos (espero) a publicação de textos surrealistas e de outros autores rebeldes e transgressores. Nada disso irá prejudicar a boa recepção da nossa própria produção cultural. Muito pelo contrário. Basta lembrar que vivemos num país que sempre marginalizou e menosprezou seus escritores mais inquietos, rebeldes e inovadores. Em diferentes momentos, foram marginalizados (e alguns ainda o são) Sousândrade, Qorpo Santo, Adolfo Caminha, Lima Barreto, Oswald, Dionélio Machado, Murilo Rubião, Antonio Fraga, Roberto Piva, entre outros. A leitura de autores rebeldes, que começaram como "malditos" e conseguiram ultrapassar a barreira da marginalidade, não irá produzir epígonos e imitadores; irá, isto sim, nos ajudar a interrogar criticamente nossa produção e nossa tradição cultural, resgatando do ostracismo nossos próprios rebeldes e transgressores.

Claudio Willer
Maio de 1984

Allen Ginsberg, poeta contemporâneo[1]

O tempo passado depois de alguns fatos marcantes da história da Geração Beat e de Allen Ginsberg já pode ser medido em décadas: 40 anos desde que Ginsberg, Kerouac e Burroughs se conheceram em Nova York; 28 e meio desde a famosa leitura de *Uivo* na Galeria Six de San Francisco; 28 da publicação de *Uivo e Outros Poemas;* 24 de *Kaddish* e 21 de *Sanduíches de Realidade.* A demora na publicação da sua obra no Brasil tem alguns aspectos positivos: ela nos chega despida de uma certa aura episódica e circunstancial, de um determinado folclore criado em torno da Geração Beat e dos seus principais representantes. Ginsberg é, atualmente, o poeta vivo de maior prestígio no seu país, reconhecido como um dos maiores poetas contemporâneos no mundo todo, com seus mais de dois milhões de exemplares vendidos, sua inúmeras traduções em outras línguas e suas consagradoras apresentações públicas. Ao im-

1. Os dados biográficos para esta introdução foram tirados de uma nota autobiográfica *(Autobiographic Precis)* enviada por Ginsberg e de várias obras que constam da bibliografia no final deste volume, principalmente *Naked Angels* de John Tytell, *Allen Ginsberg in America* de Jane Kramer, *The Beat Generation* de Bruce Cook, além de textos do próprio Ginsberg, como seus diários (*Journals Early Fifties Early Sixties* e *Indian Journals*) e seus depoimentos coletados em *Allen Verbatim* e em *Towards a New American Poetics* de Ekbert Faas, assim como suas entrevistas para Thomas Clark e para Fernanda Pivano. Aspectos da vida e da obra de Ginsberg são retomados com maior detalhe nas notas que acompanham o texto traduzido.

pacto e à surpresa provocados por *Uivo* e *Kaddish* soma-se agora uma obra literária avantajada, com 14 livros publicados de poesia e vários em prosa. E também uma consistente atuação política que, como pode ser visto agora, não se esgota no ciclo das rebeliões contraculturais e juvenis dos anos 60. A participação de Ginsberg está indissoluvelmente ligada ao aparecimento da Beat dos anos 50 e da contracultura dos anos 60; no entanto, tendo contribuído para criá-las, ele as ultrapassa: são momentos de uma trajetória mais ampla, com desdobramentos no campo da criação literária, da relação entre poesia e sociedade e da discussão dos grandes temas sociais e políticos da nossa época.

Allen Ginsberg nasceu em Paterson, Nova Jersey, em 1926, filho de Louis e Naomi Ginsberg. Seu pai era poeta e professor de literatura no secundário. Sua mãe, ex-militante de esquerda, tinhas sérios problemas mentais e passou uma parte da sua vida internada. A infância e juventude de Ginsberg, relatadas em *Kaddish*, foram difíceis e dolorosas. O drama que viveu levou-o a interrogar-se sobre sua identidade, seu papel no mundo e na sociedade. O início da sua trajetória como poeta rebelde é, de certa forma, uma tentativa de incorporar duas imagens conflitantes e de ultrapassá-las: de um lado, o intelectual apolíneo simbolizado por seu pai, de outro, a dionisíaca loucura da sua mãe[2]. Nota-se, na poesia de Ginsberg e no seu peculiar misticismo, uma busca da síntese, da união dos contrários: a consciência intelectual e reflexiva e o inconsciente poético e vital; o descarnado mundo dos signos da linguagem e o mundo concreto da corporiedade e do erotismo; a liberdade individual e a participação social e política. A produção literária de Ginsberg e sua biografia pessoal mostram que ele efetivamente conseguiu chegar a essa síntese de contrários. Tanto é, que ele se constitui em um fato novo na história da poesia, do Romantismo para cá: o

---

2. Dos autores citados, quem se detém mais neste tema, da trajetória de Ginsberg como superação de divisões, é John Tytell em seu *Naked Angels*. Na sua entrevista para Ekbert Faas, Ginsberg conta que seus primeiros poemas, de *The Gates of Wrath*, rimados e metrificados, receberam influência do seu pai. Na mesma medida, pode-se dizer que nos seus textos mais delirantes o modelo foi sua mãe.

poeta ao mesmo tempo "maldito", marginalizado, e o "olímpico", aclamado em vida, sem, para isso, ter que fazer concessões ou recuar na sua postura crítica. Em suma, uma etapa fundamental na conciliação do "mudar a vida" da rebelião romântica individualista e do "transformar a sociedade" da revolução política, mostrando que ambos podem ser a mesma coisa.

Ginsberg terminou seus estudos no colégio em Paterson e em 1943, aos 17 anos, entrou na Universidade de Columbia, em Nova York, onde se graduou em 1948. Ao chegar lá, logo fez amizade com pessoas que circulavam pelo ambiente boêmio da cidade, freqüentando os bares e lugares de reunião de jovens artistas e intelectuais, estudantes, músicos de jazz, drogados e delinqüentes. Foi lá que conheceu William Burroughs e Jack Kerouac, além de personagens como o delinqüente Herbert Huncke, Lucien Carr e outros. Aquela era a época de uma revolução musical, do aparecimento do jazz "bop" de Charlie Parker, caracterizado pela liberdade de criação e pela riqueza das possibilidades de improvisação, que contribuiu enormemente para a mudança do panorama cultural americano e para o surgimento da Geração Beat. As aventuras e peripécias dessas pessoas nesse ambiente são relatadas em vários dos seus poemas e em obras como *Go*! de John Clellolm Holmes, *Junkie* de William Burroughs, *On the Road, Vanity of Duluoz* e outros de Jack Kerouac. O grupo seria acrescido em 1946, pela presença de Neal Cassady, em 1948 por Carl Solomon em 1950 por Gregory Corso.

A amizade com Burroughs e Kerouac, mais velhos que ele, teve uma enorme importância para ampliar seu horizonte intelectual. Ele relata que Burroughs lhe passou uma série de obras que naquela época, eram desconhecidas e desprezadas na universidade; entre outras, as de Rimbaud, Kafka e Cèline. Foi igualmente decisiva a amizade que travou, a partir de 1948, com o poeta William Carlos Williams e o conseqüente contato com sua "prosódia da fala americana", incorporando a fala comum à literatura, voltada para o cotidiano, para a experiência imediata, contrapondo-se à predileção pelo abstrato, por temas metafísi

cos, de boa parte da produção poética americana daquela época, configurando um tipo de clima intelectual bem descrito nesta passagem de um depoimento de Seymour Krim: "*A partir de 1945, mais ou menos, todos os escritores jovens eram acólitos do legado de T. S. Eliot e de Lionel Trilling. Este eram os que dominavam. Bem, os Beats mudaram essa situação. O domínio desse grupo de críticos acabou . . . Antes da aparição dos Beats não havia, nos jovens da época, qualquer relação entre seus mundos e suas mentes.*"[3] O próprio Ginsberg, em vários dos seus depoimentos, mostra como era sectária e limitada a circulação de textos e informações literárias na comunidade acadêmica. O Eliot de segunda fase (pós-*Quartetos*, não o de *Wasteland*) era o modelo a ser seguido, assim como alguns poetas hoje devidamente configurados como menores, como Allen Tate e John Crowe Ramson. Na crítica, predominava o *New Criticism*. Não se lia Blake, nem qualquer outro dos autores visionários da tradição romântica; seguia-se mais o formalismo de Pope e Driden. Não se falava em Whitman e muito menos em Hart Crane. Sabiam que Ezra Pound era importante, mas sem conseguir explicar os motivos. William Carlos Williams morava a vinte quilômetros de Columbia mas nunca havia sido chamado para dar uma conferência lá.[4] Qualquer semelhança com situações análogas, inclusive em épocas mais recentes no meio literário ou acadêmico brasileiro, não é uma mera coincidência . . .

A passagem de Ginsberg pela Universidade de Columbia foi agitada e tumultuada. Logo tornou-se uma figura notória, um provocador, visto como louco por causa da sua inquietação e da sua amizade com pessoas mal vistas no meio acadêmico, como Kerouac e Carr, que acabavam de ser expulsos de Columbia. São dessa época vários dos episódios relatados e poetizados no *Uivo* e mencionados nas notas da presente edição: sua suspensão em 1945, sua viagens na Marinha Mercante, seu caso amoroso a três com Neal Cassady e sua mulher em 1947, sua

3. O depoimento é transcrito do *Beat Generation* de Bruce Cook.
4. Isto é dito por Ginsberg no seu depoimento para Fernanda Pivano.

"iluminação auditiva da voz de William Blake simultaneamente com a visão da eternidade" de 1948, sua detenção no mesmo ano e subseqüente internamento por 8 meses, suas primeiras experiências com drogas, seu trabalho como lavador de pratos numa lanchoente, etc.

Depois de graduado, Ginsberg continuou levando uma vida errante, tentando diversas atividades profissionais, como a de funcionário da UPI, passando por períodos de desemprego nos quais vivia às custas do seguro assistencial. E não parou de viajar: até a fazenda de William Burroughs no Texas, voltando de navio pela África, e, em 1953, até Havana e depois mais 6 meses no México, conhecendo as ruínas da civilização Maia para na volta estabelecer-se na Califórnia, tentanto recomeçar sua relação amorosa com Cassady. Sua mudança para San Francisco corresponde a episódios decisivos no plano da sua vida pessoal e da sua trajetória literária. Foi quando conheceu Peter Orlovsky, seu companheiro até hoje; e quando entrou em contato com os poetas da "San Francisco Renaissance" – Michael McClure, Phillip Lamantia, Gary Snyder e Philip Whalen (com os quais fez a famosa leitura da Galeria Six), além do poeta-editor Lawrence Ferlinghetti. San Francisco era, na época, um ponto de encontro de intelectuais insatisfeitos com o panorama cultural que lhes era oferecido e que não eram aceitos pelas agências do poder cultural, as revistas literárias e os grupos ligados às universidades. Vale a pena lembrar que este panorama cultural fazia parte de um panorama político igualmente opressivo. Em 1954, os Estados Unidos viviam o apogeu da Guerra Fria, acabando de sair da guerra da Coréia e em pleno período do macarthismo, de perseguições a intelectuais militantes ou suspeitos de pertencerem a organizações de esquerda. Havia uma polarização ideológica entre stalinismo e conservadorismo que, no plano da cultura, se reproduzia como polarização entre o academismo formalista e o "realismo socialista", a arte pretensamente mais militante e engajada. Não só nos Estados Unidos mas também no resto do mundo, vigoravam a repressão e o controle ostensivo no plano da ideologia e da cultura.

É exatamente nessa época que começam a aparecer novas propostas, fugindo a um quadro polarizado onde ambos os pólos eram igualmente repressivos. Basta lembrar que obras como *Eros e Civilização* de Marcuse e *Life Against Death* de Norman Brown foram publicadas, respectivamente, em 1955 e 1958. Começavam a aparecer novas visões da política e da cultura, conciliando justiça social e liberdade individual, arte e vida. A leitura Beat na Galeria Six de San Francisco é um marco importante nesse processo de abertura. Naquele momento, a Beat era uma vanguarda e o local de encontro de vários intelectuais e artistas inconformados com a situação vigente. Sua eclosão, sua projeção em âmbito nacional e sua cidadania literária devem-se, não só ao encontro do grupo de San Francisco com o de Nova York mas também a escritores que, sem chegarem a fazer parte especificamente da Beat, a apoiaram. É o caso do grupo de poetas da revista *Black Moutain* que reuniu autores da maior importância, como Charles Olson, Robert Creeley e Robert Duncan. E também do poeta e crítico Kenneth Rexroth, já há muito tempo radicado em San Francisco e cuja presença contribuiu para caracterizar essa cidade como centro cultural naquele momento.

Toda a rebelião contracultural dos anos 60, toda uma série de mudanças no plano da criação artística, do comportamento individual e da atuação política, descendem em linha direta da leitura na Galeria Six, organizada como uma recepção a Kerouac em San Francisco, por Ginsberg (que, segundo seus biógrafos, sempre se destacou como animador cultural, com seu empenho em aproximar pessoas e promover manifestações). O acontecimento mais marcante da noite foi a leitura de *Uivo*, pontuada por gritos de aprovação de Jack Kerouac (totalmente bêbado depois de uma farta distribuição de garrafões de vinho) ao final de cada verso. Os motivos do impacto provocado por *Uivo* são vários: seu ritmo alucinante, sua seqüência de imagens fortes, a linguagem crua e direta, a ausência de concessões a padrões de moral e bom gosto, o tom profético e apocalíptico, a síntese no relato das experiências dos marginalizados e radicalmente comprometidos com a vida daquela geração.

Uivo foi publicado no ano seguinte pela City Lights, do poeta-editor Lawrence Ferlinghetti, que havia aberto o primeiro estabelecimento de livros de bolso em San Francisco, um dos pontos de reunião daquele grupo de poetas. Sua publicação foi recebida com um processo de obscenidade, acarretando até mesmo a detenção de Ferlinghetti e a interdição do livro até o ano seguinte, quando foi liberado por decisão da Suprema Corte. Uma vez comercializado, *Uivo e Outros Poemas* foi um sucesso editorial, logo seguido pelo lançamento de outros textos dos Beat que estavam na gaveta ou nas filas de espera das editoras: *On the Road* de Kerouac e a poesia de Corso, Ferlinghetti, etc. A criação de uma mística Beat teve a colaboração de matérias na grande imprensa, do *Time Magazine* e *Life*, divulgando-a mas também focalizando-a depreciativamente e tentando diluí-la. Uma das táticas dessa tentativa de depreciação, que até hoje continua sendo usada, é examinar estritamente como fenômeno sociológico e comportamental o que, na verdade, em primeira instância é um fenômeno literário. Tudo isso gerou uma polêmica no meio intelectual americano, inclusive com debates na televisão e adesões entusiásticas, como a de Norman Mailer, e comentários irônicos como o de Truman Capote (*"this is not writing, this is tipewriting"*, a propósito da obra de Kerouac e da sua rapidez como datilógrafo).

A reação da crítica a *Uivo* foi, de um modo geral, muito desfavorável. Chega a ser divertida a leitura das opiniões da época sobre a literatura Beat — e seria muito mais divertido ainda, se não fosse o fato de o recente lançamento de *On the Road* no Brasil ter provocado críticas do *mesmo* teor, com os *mesmos* chavões, em nossa imprensa. Os mais citados, dentre os documentos da época, são uma crônica escandalizada de Diane Trilling (esposa do crítico Lionel Trilling) relatando o que achou de uma leitura de poemas Beat, e um artigo famoso de Norman Podhoretz — que pode ser apreciado pelo leitor brasileiro na antologia *A Geração Beat* de Seymour Krim — que sintetiza e reproduz a maior parte das críticas: anti-intelectualismo ingênuo, desprezo por valores culturais, alegria de viver confundida

com falta de engajamento e de consciência política (a postura de determinada esquerda para a qual o engajamento implica o ressentimento e a culpa), etc. Há coisas piores ainda, como as críticas tentando demonstrar que a Beat era especificamente uma manifestação de viciados em drogas; ou seja, uma visão totalmente policialesca, esquecendo o fato de, naquele momento, correrem soltos os mais diversos tipos de drogas, sem que isso provocasse o aparecimento de uma miríade de poemas como *Uivo* ou de narrativas em prosa como *On the Road.* Em suma, veio chumbo grosso de todos os lados: *New York Times, Partisan Review* (de esquerda), *Encounter* (da CIA), etc. E também chumbo fino, já que sobrou para alguns autores que não eram do grupo de San Francisco nem do de Nova York, que tinham em comum com eles apenas o informalismo ou alguma proposta divergente dos centros de poder cultural, e que passavam a ser acusados de pertecerem à Beat como forma de depreciá-los, como aconteceu com Robert Duncan e com Denise Levertov. Ginsberg sintetiza bem o clima da época: *'Não viram nada a não ser um bando de rebeldes que não sabiam escrever, que não tinham qualquer tradição, que não tinham uma verdadeira cultura, dando voltas por aí cuspindo e berrando seus pretensos versos livres, tentativa já feita em 1910 e aliás sem resultado por Amy Lowell, e por aí afora".*[5]

A perspectiva atual mostra como a tentativa de proibição da obra através do processo por obscenidade, e esse tipo de recepção crítica, são faces da mesma moeda, formas complementares da mesma repressão. A atuação de setores da intelectualidade meramente coadjuvava o trabalho da polícia. Não pela primeira vez, sobrepuseram-se e confundiram-se duas censuras, uma de natureza comportamental e outra lingüística. O discurso da crítica na verdade dizia o seguinte: os Beats eram boêmios, sexualmente liberados e promíscuos, tomavam drogas, não tinham atividades profissionais respeitáveis e, portanto, não poderiam produzir uma literatura de boa qualidade. Há uma evi-

5. De uma declaração sua que consta do livro de Jane Kramer.

dente cegueira crítica nesse discurso: o fundamento das objeções ao espontaneísmo e ao informalismo está no pressuposto que seriam manifestações de incultura e desinformação. Acontece que Ginsberg, Kerouac, Burrouhgs, etc., eram excelentes leitores e pesquisadores; só que suas leituras – Whitman, Rimbaud, Apollinaire, Crane, Céline, etc. – não eram aquelas aceitas na comunidade acadêmica; portanto, não existiam. Além disso, todos eles, antes de fazerem uma obra espontânea e informal, já haviam produzido bastante texto formal e cerebral. *The Town and the City*, o primeiro livro de Kerouac, tem um texto de longas frases elaboradas, com influência de Thomas Wolfe e de Proust. *Gates of Wrath*, a coletânea de poemas juvenis de Ginsberg, é toda rimada, metrificada, em verso curto e temática metafísica. Ou seja, o informal (espontâneo, coloquial, etc.) é um estágio mais avançado da criação, ultrapassando a base literária que eles partilhavam com o "establishment" cultural e introduzindo novos referenciais e relações intertextuais. Um avanço, portanto, e nunca uma perda. O discurso implícito na censura policial é, por sua vez, a recíproca do da crítica: a pretexto de defender a moral, atacava-se a criação literária, o imaginário no plano do texto. Tais confusões – censura da criação a pretexto de controlar o comportamento e censura do comportamento manifestando-se como crítica literária – são freqüentes na história das vanguardas. Basta lembrar que os surrealistas e dadaístas eram tachados, pela imprensa da época, de drogados e pederastas, o que exemplifica particularmente bem esse tipo de tática repressiva (confusão de texto e comportamento e atribuição de características do texto ao comportamento) já que Breton e seu grupo eram bastante bem-comportados no plano da conduta individual.

Como muito bem lembra Ginsberg, essa postura da crítica teve apenas um efeito: atrasar o fim do período macarthista e a circulação de obras de cuja tradição eles faziam parte, como a de Whitman, Williams e Crane[6].

---

6. Também do livro de Jane Kramer.

Depois da publicação de Uivo, Ginsberg viajou novamente, até o Ártico, e na volta intensificou sua atuação em leituras de poesia e debates. Essa sua atuação (junto com Corso, Orlovsky e outros) apenas ampliava o escândalo criado a propósito da Beat. Há um episódio famoso da época: uma leitura de poesia na qual alguém do público perguntou a Ginsberg o que ele entendia por poesia. "Nudez", foi sua resposta. "Mas o que é nudez?"; ao que, como resposta, Ginsberg imediatamente tirou a roupa. Esse tipo de coisa realmente chocava e escandalizava, há trinta anos.

Em 1957, Ginsberg empreendeu uma viagem mais longa, com Corso e Orlovsky: até Tanger, onde estava Burroughs, e depois por vários lugares da Europa, com uma permanência mais prolongada em Paris. É um período muito fértil da sua produção: *Para Tia Rose, No Túmulo de Apollinaire, Morte À Orelha de Van Gogh!*, o começo de *Kaddish*, entre outros. A melhor resposta ao tipo de crítica de 1957/58 foi dada por Ginsberg em 1961, com a publicação de *Kaddish e Outros Poemas,* livro que continua *Uivo e Outros Poemas* e que em certa medida o ultrapassa, por sua densidade e riqueza. Para vários comentaristas – Bruce Cook, por exemplo – *Kaddish* é não só uma obra-prima, mas um dos maiores poemas do século XX. E certamente um avanço pessoal de Ginsberg, uma nova etapa no caminho da conquista da sua identidade ao conseguir relatar de forma realista, fiel e crua, e ao mesmo tempo com um alto nível de criação literária, as experiências que viveu na infância e juventude e a relação com sua mãe.

As experiências de Ginsberg com alucinógenos, como forma de ampliar a percepção e a sensibilidade poética, haviam começado em 1952, com o Peiote, e intensificaram-se por volta de 1960, com sua viagem ao Peru para tomar Aiauasca, e suas sessões de LSD, inicialmente em Stanford (ver o poema *Ácido Lisérgico,* nesta edição) e logo a seguir com o grupo de Thimoty Leary, o célebre defensor do psicodelismo. Além disso, tomou estimulantes em várias ocasiões, inclusive uma combinação de morfima e meta-anfetamina ao escrever partes de *Kaddish.* É

possível que o desgaste provocado pela ingestão dessa variedade de substâncias tenha contribuído para sua crise de 1961/62, um período em que se sentiu com a inspiração poética esgotada e com a saúde abalada[7]. Essa crise, por sua vez, o levou a fazer uma viagem mais longa, pelo Oriente, de 1962 a 63, quando morou na Índia por mais de um ano, visitando também o Vietnã e Japão. Seu diário desse período *(Indian Journals)* relata sua crise; o relato é entremeado de lúcidas e profundas reflexões sobre a criação poética, mostrando que o objeto da poesia moderna é sua própria matéria, ou seja, a linguagem:

"A poesia do século XX, assim como todas as artes e ciências, dedica-se ao exame-experimentação do próprio material do qual é feita... Assim como a ciência pós-einsteiniana chegou ao limite da pesquisa objetiva, onde os próprios instrumentos de pesquisa são questionados, o cérebro humano é analisado, até onde pode ser analisado por si mesmo, para saber como a estrutura do Cérebro-mente determina a interpretação do universo 'externo' – que atualmente é visto como talvez contido na mente & sem forma objetiva fora da mente percipiente."

Por esse caminho, Ginsberg chega a uma visão do vazio, muito semelhante àquela que Mallarmé e outros tiveram: "... *as visões & todas as verdades não podem mais ser considerados como fatos eternos & objetivos, mas como projeções plásticas do emissor & da sua linguagem. Por isso ninguém mais pode continuar se preocupando apaixonadamente com efeitos por mais aparentemente reais que sejam, sabendo que por dentro todas as visões & verdades são, no fim de contas, vazias. Assim, o passo seguinte é o exame da causa desses efeitos, o veículo das visões, o produtor da verdade, qual seja: palavras. A própria linguagem é a matéria prima.*

Assim, o próximo passo é: como escrever poesia sobre

---

7. Além disso, sentia-se *"um mero robô degenerado sob o controle mental do fantasma louco de William Burroughs"*. O radicalismo das opiniões e do processo criativo de Burroughs ao fazer seu *Naked Lunch* (pelo "cut-up", montagem ao acaso de trechos) o impressionou tão vivamente que por um tempo abalou o relacionamento entre os dois escritores.

poesia (não como tema objetivo e abstrato à maneira de Robert Duncan ou de Pound) – mas empregando um método radical que elimine o próprio tema."

A seguir, Ginsberg enumera os procedimento para essa eliminação do tema, para a criação de uma literatura voltada para a linguagem: a composição no vazio de Gertrude Stein, a associação livre de Kerouac e do Surrealismo, a quebra da sintaxe de Gertrude Stein, a colagem de Burroughs, o trabalho com sons de Artaud e dos Mantrans tibetanos, o fluxo de consciência, etc. Ele diz ter plena consciência disso tudo e que sua consciência ultrapasou o nível conceitual, chegando à experiência não-conceitual, mas sem conseguir colocar isso em forma de poesia, sentindo-se bloqueado.

Esse tipo de pensamento deve soar familiar a qualquer conhecedor das vanguardas e dos avanços na criação literária em nosso século. O que Ginsberg faz, no trecho citado acima, é descobrir e definir à sua moda a mesma coisa que Octavio Paz, por exemplo, chama de "poesia crítica", ou seja, a criação poética que se volta sobre si mesma, que interroga a linguagem e a própria poesia, desde Mallarmé até hoje.[8]

Ginsberg sempre teve uma grande afinidade com os sistemas filosófico-religiosos do Oriente. É freqüente, nos textos da presente seleção, a menção ao Budismo Zen e de aspectos do Bramanismo. Entre os poetas do grupo de San Francisco, semelhante interesse era estimulado por Gary Snyder, praticante do Zen e estudioso da cultura japonesa. Também Kerouac se declarava budista e o Satori é um tema recorrente na sua obra. A viagem à Índia e outros países proporcionou a Ginsberg um contato muito direto com as diversas ramificações do Budismo, Bramanismo e Lamaísmo, incluindo o diálogo e a prática da meditação com Gurus e Saddhus. Provavelmente a soma disso tudo – a reflexão crítica sobre a poesia moderna, a prática da meditação e as experiências com alucinógenos, que

---

8. Este conceito de "poesia crítica" pode ser encontrado em várias obras de Octavio Paz, inclusive, das traduzidas e editadas no Brasil, no final de *Signos em Rotação* e de *O Arco e a Lira* e no recém-lançado *Os filhos do Barro.*

ele não interrompeu (na Índia, o Bangh e o ópio) – o impulsionaram para uma nova etapa da criação poética e mais uma experiência de iluminação, para ele tão importante quanto sua "iluminação auditiva de William Blake", gerando o poema *The Change: Kyoto-Tokyo Express (A Mudança: Expresso de Kioto a Tóquio)* de 1963, onde são retomados temas dos seus poemas sob efeito de alucinógenos de 1959/60: a indagação sobre a morte, a precariedade do corpo e da condição humana. No entanto, *The Change* é um canto de aceitação da vida, bem como da morte, do corpo e da sua transitoriedade, que termina assim: *"Minha própria identidade agora inominada/nem homem nem dragão nem/Deus/Mas o Eu que sonha sob/físicas estrelas com ternas/rubras luas no meu ventre & /o Sol o Sol o/Sol meu visível pai/tornando visível meu corpo/por meio dos meus olhos!"*[9] No lugar do verso longo de alguns dos seus poemas anteriores, em forma de invocação, anafórico, intercalado de refrões dando o ritmo (como no final de *Uivo* e de *Kaddish*), temos um poema longo, porém com versos curtos, caracterizado pela unidade e pela continuidade. *The Change* marca uma etapa na superação de divisões e contradições, um avanço na busca claramente enunciada num poema seu de 1954: *"eu sempre quis/eu sempre quis/voltar/ao corpo/em que nasci."*[10]

A volta de Ginsberg aos Estados Unidos, depois desse afastamento mais prolongado, coincide com a ampliação da sua atuação política. Nos Estados Unidos de 1964, muita coisa já havia mudado em comparação com o panorama de meados dos anos 50. Havia muito mais pessoas conscientes do quanto a sociedade e o modo de vida que lhes eram oferecidos naquele momento tinham sido algo de repressivo e limitador. A mensagem Beat teve um papel fundamental nessa tomada de consciência e preparou o terreno para as manifestações que aconteceram a partir de 1965. Em 1963/64 já havia verdadeiros bairros Beat em algumas das grandes cidades americanas: Venice West em Los

---

9. Publicado em *Planet News*, de 1968.
10. Do poema *Canção (Song)*, incluído na presente edição.

Angeles, North Beach em San Francisco e, evidentemente, o Village em Nova York, onde moravam e se reuniam artesãos, poetas e artistas. Nas ruas das grandes cidades, já circulavam os rapazes barbudos, cujas roupas contrastavam com os padrões do "American Way of Life". Eram os "desafiliados", para usar o termo cunhado por Lawrence Lipton.[11] Dois anos mais tarde, a partir de 1965, passariam a ser conhecidos como "hippies", encontráveis não só nos bairros boêmios das grandes cidades, mas também nas comunidades e grupos instalados nos mais diversos lugares do país.

A primeira passeata de maiores proporções contra a intervenção americana no Vietnã teve lugar em Berkeley em 1965, com Ginsberg à sua frente. Já naquela ocasião, somava-se um protesto específico (contra a guerra do Vietnã) e a defesa de uma ideologia pacifista, por uma sociedade não competitiva e militarizada, o "Flower Power". A mesma característica ideológica estava presente nas manifestações seguintes: o *Human Be-in* de 1967 em San Francisco; o bloqueio dos postos de alistamento militar de Nova York no mesmo ano; a célebre grande marcha sobre o Pentágono;[12] o violento confronto com a polícia de Chicago em 1968, o *Yippie Life-Festival* do Lincoln Park, em protesto contra a indicação de Johnson como candidato democrata à presidência e apoiando o liberal Gene MacCarthy. Ginsberg compareceu como animador e líder em todas essas (e muitas outras) manifestações. Na do Pentágono, leu seu *Pentagon Exorcism*[13] e fez uma performance pela qual pretendia fazer levitar o QG do militarismo. Na manifestação de Chicago em 1968, estava na linha de frente com Jean Genet e William Burroughs, recebendo o bombardeio de gás lacrimogênio e tendo que comparecer ao processo dos "Sete de Chicago", movido contra os organizadores da manifestação.

Não cabe, nos limites de um texto feito para abordar

---

11. Em *The Holy Barbarians*, do início dos anos 60, livro pioneiro por antecipar a contracultura.
12. Tema de um livro de Norman Mailer, *Os Degraus do Pentágono*.
13. Publicado em *Planet News*.

alguns aspectos da obra e da biografia de Ginsberg, uma discussão mais detalhada da contracultura dos anos 60 e da "geração Hippie". Mesmo assim, convém estabelecer algumas distinções e prevenir certas confusões. É correta a observação de Jane Kramer, de que *"Ginsberg tinha uma cabeça política demais para os hippies."*[14] De fato, enquanto estes procuravam a construção de comunidades ideais, adotando símbolos da cultura oriental e da própria Beat no seu aspecto mais superficial e exterior, Ginsberg estava voltado para a *"conservação do universo real"*, ou seja, a ação política questionando as estruturas de poder e propondo uma transformação a fundo da sociedade. Sua participação em movimentos reivindicatórios não se restringe à euforia contracultural e às rebeliões juvenis, que tiveram seu apogeu em 1968. Em 1972, novamente ele estava sendo preso numa manifestação pacifista, na convenção presidencial americana de Miami. Na mesma época, pesquisou e divulgou a participação da CIA no patrocínio e cobertura do tráfico de drogas no Sudoeste Asiático (Laos, principalmente) e visitou os campos de refugiados do Paquistão. Em 1978, quando escreveu o poema anti-nuclear *Plutoniam Ode*,[15] foi mais uma vez detido em manifestações diante da usina de Rocky Flats, Colorado, bloqueando os trilhos dos vagões que transportavàm o plutônio. Em 1982, esteve em Managua e assinou a "Declaração dos Três" (com Ievtuchenko e Cardenal) contra a intervenção americana na América Central, participando da organização do movimento *Poets for Peace.* Também realizou e publicou uma pesquisa sobre a sabotagem organizada pelo FBI contra a imprensa alternativa americana. Essas aparições públicas e manifestações são parte de uma atividade constante, cuja importância cresce na mesma medida do recrudescimento da Guerra Fria e da corrida armamentista.

O envolvimento de Ginsberg com o misticismo e a filosofia orientais correm paralelamente à sua atuação política; na

---

14. Em seu *Allen Ginsberg in America.*

15. Publicado no livro com o mesmo título, o mais recente de poemas de Ginsberg, de 1982.

verdade, são dois aspectos da mesma atuação. Sua imagem mais famosa é como profeta barbudo, com vestes tipo Hare Krishna, encabeçando as manifestações dos anos 60. Ele começou a praticar o canto dos mantrans de forma sistemática em 1963. Como muito bem lembra Ekbert Faas,[16] a poesia oral e o mantra são muito próximos, e na verdade o que Ginsberg propõe é a uma exploração das relações *"entre a poesia e o mantra cantado por meio da ioga da respiração"*. Daí afirmar ele, no final do seu *Wichita Vortex Sutra*, um longo poema de 1966,[17] que *"Eu busco a linguagem/ que também seja de vocês -/ quase toda a nossa linguagem está pagando impostos para a guerra/ ... / ergo bem alto minha voz, / agora faço o Mantra da língua americana,/ pronuncio as palavras que iniciam meu próprio milênio,/ aqui declaro o fim da Guerra"*

Tudo isso tem a ver com suas concepções sobre a natureza da criação poética. Ginsberg – neste ponto coerentemente romântico – vê a poesia, o universo da linguagem, como algo exterior ao poeta. A criação corresponde ao delírio inspirado platônico, com uma analogia entre a inspiração, como sinônimo de ato criador, e a inspiração corpórea, como ato de respiração, por sua vez fundamento do ritmo de poema e forma de comunicação com a natureza e o cosmos.[18] Pesquisa de respiração, na linha da ioga e de algumas correntes do Budismo, e pesquisa da criação e inspiração poética, seriam, portanto aspectos complementares da mesma atividade. Em 1972, ele passou a dedicar-se à meditação budista na linha tibetana Kagu, orientado por Chogyam Rimpoche. Até hoje, alterna suas aparições públicas com períodos, às vezes de meses, de recolhimento e meditação. Em 1974, fundou junto com a poeta Anne Waldman a Escola Jack Kerouac, como parte do Naropa Institute em Boulder, Colorado, uma universidade alternativa cujo currículo inclui tanto o estudo da poesia na tradição literária oci-

---

16. Em seu *Towards a New American Poetics.*
17. Publicado em *Planet News.*
18. Ginsberg detalha esta sua concepção de criação poética como inspiração em uma palestra transcrita no *Allen Verbatim.*

dental quanto a meditação e aspectos teóricos e práticos do Budismo e outras seitas ou sistemas filosófico-religiosos do Oriente.

Sua atuação como divulgador e animador cultural também tem se estendido a outras partes do mundo. Em 1964/65 empreendeu uma longa viagem por países socialistas, que resultou na sua expulsão de Cuba, acusado de pederasta e maconheiro,[19] e também da Tchecoslováquia, depois de memorável manifestação na qual foi aclamado Rei de Maio ("Kraj Mahales") por 100.000 pessoas. Do começo dos anos 60 até hoje, Ginsberg tem participado de leituras junto com outros poetas mundialmente consagrados, como Ievtuchenko, Voznessenski, Alberti, Hans Magnus Ehrzensberger, e com os autores de destaque da literatura contemporânea americana, como Burroughs, Ferlinghetti, Corso, Duncan, Creeley, em festivais de poesia tanto nos Estados Unidos como Itália, Alemanha, Holanda, Iugoslávia[20] e outros lugares (cabendo perguntar quando teremos manifestações semelhantes aqui, atraindo um grande público para a apresentação dos nossos bons autores e de mais alguns do restante do mundo). As primeiras leituras públicas de Ginsberg na Europa, no começo dos anos 60, contribuíram para estimular a formação de grupos literários que deram continuidade à proposta Beat e funcionaram como embriões das rebeliões juvenis da mesma década.

A partir de 1969, Ginsberg também passou a apresentar-se como músico, motivado, segundo ele, por seu relacionamento com outros poetas cultores da música como Ezra Pound, Bob Dylan, Ed Sanders e Mick Jagger.[21] Sua poesia sempre teve algo

---

19. O leitor poderá saber mais detalhes sobre a expulsão de Cuba – e outras questões interessantes, como sexualidade e anarquismo – na sua entrevista para o *Gay Sunshine*, publicada no Brasil na coletânea *Sexualidade e Criação Literária* (Civilização Brasileira, 1980).

20. O recém-lançado *O Verde Violentou o Muro*, de Ignacio de Loyola Brandão, termina com uma carta (dirigida ao autor destas notas) na qual é descrita uma leitura de poemas de Ginsberg em Berlim, além de interessantes considerações sobre a importância da Beat para intelectuais brasileiros no fim dos anos 50 e começo dos 60.

21. Cf. o *Autobiographic Precis* de Ginsberg.

de musical e suas gravações de leituras de *Uivo e Kaddish*, onde o texto é entoado monocordicamente, lembram a recitação de um chantre de sinagoga ou a cantoria de uma cerimônia religiosa oriental. Como homenagem a Neal Cassady, quando este morreu em 1968, musicou os *Songs of Innocence and Experience* de William Blake. Em 1971, produziu outra série de canções musicando Blake. Em 1975, compôs os *First Blues*, desde entao seguidamente apresentados em concertos e gravados em 1983. Também se apresentou com bandas musicais como o Clash, Gluons, Still Life e Black Hole.

Vale a pena analisar esta atuação de Ginsberg, simultaneamente como místico, como uma espécie de profeta messiânico e como homem público atuante e participante em movimentos político-sociais. Para muitos, os dois planos de atuação podem parecer conflitantes. Essa impressão é reforçada pelo que determinadas seitas e doutrinas orientais têm de pregação do imobilismo, do quietismo, do voltar as costas para o mundo na busca da beatitude e da transcendência individual. É o caso dos Hare Krishna e congêneres, alguns deles verdadeiros TFPs do Oriente, com sua ostensiva adesão a ideologias de corte conservador, pregando o autocontrole, a repressão sexual e o distanciamento dos assuntos mundanos.

A separação entre engajamento político, de um lado, e ampliação da consciência e beatitude, de outro, parece continuar existindo na cabeça de muitas pessoas (dos dois lados: dos engajados e dos beatos). Trata-se de um velho conflito, entre individualismo romântico e transformação social por vias político-partidárias, ou, para usar os termos cunhados por Arthur Koestler, entre o iogue e o comissário. Apenas como exemplo, cabe mencionar a recente polêmica (de 1979, faz apenas 5 anos) que assistimos aqui, envolvendo "patrulheiros ideológicos", de um lado, e seus patrulhados, de outro. Está claro ser esta uma falsa questão, onde ambos os lados estavam igualmente equivocados, pois ter a cabeça "odara" e atuar politicamente não são necessariamente conflitantes.[22]

---

22. Tanto é que, felizmente, contendores dos dois lados estão igualmente presentes na grande mobilização pelas eleições diretas deste começo de 1984.

É esse tipo de falsa contradição, de antagonismo não mais que circunstancial, que a atuação de Ginsberg ajudou a desmascarar e a tornar ultrapassada. Evidentemente, não sem acarretar um certo tipo de censura por parte de mentes mais ortodoxas, para as quais tudo o que acontece fora dos quadros e da programação das organizações políticas é "alienação" e mera aventura individual sem maiores desdobramentos no social. Semelhante censura parte do desconhecimento da importância das mudanças na super-estrutura (na linguagem, nos signos, na ideologia), ou de um mecanicismo estreito pelo qual primeiro deveriam acontecer as transformações na base econômica da sociedade (evidentemente, conduzidas por algum grupo detentor do poder) para, como conseqüência, acontecer alguma coisa na super-estrutura. O confronto de Ginsberg com essa ortodoxia mecanicista — claramente nada mais que uma ideologia de estados totalitários — provocou sua expulsão de Cuba, comentada num artigo-manifesto da mesma época, *O Artista e as Revoluções,*[23] onde afirma que as verdadeiras revoluções sociais ainda estão para acontecer, pois terão que ser revolucionárias e transformadoras também no plano da consciência, da linguagem, da vida e da liberdade do indivíduo. O mesmo é dito em seus poemas políticos, como *Morte à Orelha de Van Gogh!*[24] (visivelmente inspirado, nos seus versos longos e na sua veemência, no William Blake de *America. Europe e Visions of the Daughters of Albion*) onde são criticadas a ganância capitalista e também todas as formas de estado totalitário e burocrático, paralelamente à defesa da rebelião romântica e da voz profética dos poetas.

Hoje dispomos de outra perspectiva histórica, a partir da qual vemos de que forma manifestações de setores da sociedade civil — inclusive reivindicações em favor da ecologia e da defesa do meio ambiente, dos direitos de minorias sociais, dos mais diversos aspectos da liberdade individual — tiveram um papel de vanguarda, já que tais reivindicações acabaram sendo incorpora-

---

23. Publicado na revista argentina *Eco Contemporaneo* em 1964.
24. Incluído nesta edição.

das às propostas e programas de organizações militantes e partidos políticos. O desprezo, pretensamente fundado em princípios científicos, pelos rebeldes visionários e pelas tomadas de posição na linha do socialismo 'utópico' e das proclamações libertárias vai, aos poucos, aparecendo nos seus reais contornos de anacronismo.

O misticismo de Ginsberg é, antes de mais nada, coerente com sua postura como poeta romântico, tomando o lugar que, em outras eras e civilizações, pertencia ao mago, ao "chamã", ao demiurgo e profeta vidente. A vertente poética inaugurada por William Blake – e continuada por Ginsberg – propõe uma nova religião, no sentido original da palavra (religar, restabelecer a unidade) oposta à religião paternalista, repressora e utilizada como instrumento de dominação. William Blake foi um herético, representante do que Norman Brown chama de *"misticismo do corpo"*,[25] como pode ser visto pela leitura de seu *The Marriage of Heaven and Hell (O Casamento do Céu e do Inferno)*, onde é dito que *"o caminho do excesso leva ao palácio da sabedoria"*. A biografia de Ginsberg, que não recuou diante de excesso algum, de qualquer forma de ampliação das fronteiras da liberdade individual e da consciência, ilustra e justifica a máxima de William Blake.

Na sua trajetória pessoal em busca do conhecimento e da liberdade, Ginsberg passou por hospícios, prisões, dificuldades e dramas pessoais. E também, no plano do imaginário, se defrontou com visões monstruosas e alucinações assustadoras, como as descritas nos seus poemas de 1959/60 sob efeito de Aiauasca e LSD[26]. A partir da sua experiência de Satori de 1963, relatada em *The Change*, cessam as alucinações e aparições monstruosas. Seres sobrenaturais e personagens místicas só reaparecem como símbolos da harmonia e integração com o mundo. Ginsberg con-

---

25. Em seu *Life Against Death* (traduzido, mas infelizmente difícil de encontrar, como *Eros e Tanatos*, pela ed. Vozes, faz cerca de 15 anos atrás – é um livro fundamental).

26. Ver os poemas *Mescalina, Ácido Lisérgico, Salmo Mágico, A Resposta* e *O Fim*, neste volume.

ta que *"aquilo que eu estava vendo era meu estado de morte sem ego e isso me assustou. ... eu as via como representações de uma ordem divina, mas sentindo que eu estava assustado demais para entrar nelas, com medo de aceitá-las, com medo de aceitá-las como parte de mim ou algo assim ... Eu estava envolvido demais numa falsa dicotomia entre corpo e mente".*[27]

A superação da divisão entre o corpo e a mente também levou à integração da experiência do *satori* e dos estados "normais" de consciência: *"Acho que, por volta de 1967, quando parei de procurar uma visão divina no ácido lisérgico, também parei de ter visões demoníacas. E acontece a mesma coisa, penso eu, na prática tibetana ou Zen. Quando você pára de procurar o Satori e pára para procurar iluminações, você chegou ao fim da sua procura. ... Em outras palavras, não existe Satori. Apenas para deixar bem claro, não há Satori. E não existe inferno. Ou, se quiser, pode colocar de outro jeito e dizer que o Satori consiste na percepção de que não existe Satori. Então, você não precisa procurar mais. Então, tudo está completo e tudo está perfeito."*

Ou seja, o conhecimento não é passar para o lado de lá, ingressar em algum estado de beatitude, mas sim ultrapassar as divisões, chegar a um grau de lucidez no qual a diferença entre sagrado e profano, mundano e transcendental, o lado de lá e o lado de cá, o terreno e o celestial, deixam de ter razão de ser.

Esta integração de opostos e soma de diversidades também caracteriza sua poesia. Ginsberg é um poeta plural, tipicamente pós-moderno, incorporando à sua criação as propostas revolucionárias das vanguardas do nosso século e ao mesmo tempo dando continuidade a uma tradição. O leitor encontrará, nos textos escolhidos para a presente coletânea, os amplos painéis em verso longo, com algo de épico, como em *Uivo;* o delírio dos poemas sob efeito de alucinógenos; o relato em prosa poética de *Um Supermercado na California, Um Estranho Chalé Novo em Berkeley* e *Transcrição para Música de Órgão,* ao lado da

27. Do seu depoimento para Ekbert Faas.

eloqüência de *Sutra do Girassol* e dos finais de *Uivo* e *Kaddish;* o humor de *O Automóvel Verde* e o trágico do *Relato de Sonho* e *Fragmento 1956;* a veemência profética de *Morte à Orelha de Van Gogh!*; a ironia de *América;* o lirismo intimista de *Mensagem a Malest Cornifici.* E uma poesia tipicamente urbana, feita de impressões fragmentárias, de painéis de pequenos detalhes da vida na grande metrópole, como em *Meu Triste Eu, Peço-lhe que Volte & Fique Contente* e em trechos de *Kaddish.* Este é um aspecto importante da sua obra: talvez Ginsberg seja o nosso grande poeta urbano, seguindo na trilha aberta pelo Garcia Lorca do *Poeta em Nova Iorque,* captando no texto o que é a vida nos grandes aglomerados metropolitanos do atual estágio do capitalismo.

Diante do impacto provocado pela atuação pública de Ginsberg e de tudo que ele tem de transgressor no plano da conduta pessoal (incluindo sua vida sexual e amorosa e suas experiências com alucinógenos), vê-se, nos primeiros ensaios de maior peso dedicados a sua obra, uma insistente preocupação em demonstrar e reafirmar seu valor poético. Hoje em dia semelhante preocupação já não é mais necessária. Está claro que, na origem da sua atuação, impulsionando-a e dando-lhe seu particular conteúdo, está sua vocação poética. Ginsberg é, antes de mais nada, um dos grandes escritores contemporâneos; por isso mesmo, também um grande visionário, agitador e explorador de novas dimensões da linguagem, da consciência e da vida.

de UIVO e outros poemas

"Soltem as fechaduras das portas!
Soltem também as portas dos seus batentes!"

Dedicado
a -

Jack Kerouac, novo Buda da prosa americana, que borrifou inteligência em onze livros escritos na metade deste número de anos (1951-1956) – *On the Road, Visions of Neal, Dr. Sax, Springtime Mary, The Subterraneans, San Francisco Blues, Some of the Dharma, Book of Dreams, Wake Up, Mexico City Blues* e *Visions of Gerard* – criando uma prosódia bop espontânea e uma literatura clássica original. Várias frases e o título de *Uivo* são tirados dele.

William Seward Burroughs, autor de *Naked Lunch*, uma novela sem fim que deixará todo mundo louco.

Neal Cassady, autor de *The First Third*, uma autobiografia (1949) que iluminou Buda.

Todos esses livros estão publicados no Céu.

Uivo para Carl Solomon

Quando ele era mais moço e eu era mais moço, conheci Allen Ginsberg, um jovem poeta que vivia em Paterson, Nova Jersey, onde, filho de um conhecido poeta, havia nascido e crescido. Era fisicamente de constituição frágil e mentalmente muito perturbado pela vida com que se defrontava naqueles primeiros anos após a primeira guerra mundial, tal como lhe fora revelada na cidade de Nova York e nos seus arredores. Estava sempre a ponto de "ir embora"; para onde, isto não parecia preocupá-lo; ele me incomodava, eu não achava que conseguisse viver até crescer e escrever um livro de poemas. Sua capacidade para sobreviver, viajar e seguir em frente me espanta. Que tenha conseguido desenvolver e aperfeiçoar sua arte, isto para mim não é menos espantoso.

Agora ele me aparece, quinze ou vinte anos mais tarde, com um poema empolgante. Literalmente, com toda a evidência, ele atravessou o inferno. Pelo caminho encontrou um homem chamado Carl Solomon, com quem partilhou, no meio dos dentes e excrementos dessa vida, algo que só pode ser descrito com as palavras que ele usou para descrevê-lo. É um uivo de derrota. Não totalmente uma derrota, já que ele passou pela derrota como se fosse uma experiência comum, uma experiência trivial. Todos, nesta vida, são derrotados, mas um homem, se for mesmo um homem, não é derrotado.

É o próprio poeta Allen Ginsberg que passou, com seu próprio

corpo, pelas horripilantes experiências relatadas nestas páginas, baseadas na sua própria vida. O mais espantoso não é apenas ele ter sobrevivido, mas também, nessas profundezas, ter encontrado um companheiro a quem pudesse amar, um amor que ele celebra nos seus poemas sem desviar o olhar. Digam o que quiserem, ele nos prova que, apesar das mais degradantes experiências que a vida possa oferecer a um homem, o espírito do amor sobrevive para enobrecer nossas vidas se tivermos o espírito e a coragem e a fé – e a arte! – para resistir.

A fé na arte da poesia acompanhou este homem no seu Golgota, nesse ossário em tudo semelhante aos dos judeus na última guerra. Só que isso é nosso próprio país, nossos próprios estimados arredores. Nós somos cegos e vivemos nossas vidas na cegueira. Os poetas são malditos mas não são cegos, eles enxergam com os olhos dos anjos. Este poeta enxerga plena e penetrantemente os horrores dos quais participa nos mais íntimos detalhes do seu poema. Ele nada evita e vivencia tudo até as últimas conseqüências. Ele contém tais coisas. Ele as reivindica como suas – e, creio, ri delas e encontra a ocasião e a ousadia para amar um companheiro que escolheu e para relatar este amor em um bem acabado poema.

Senhoras, levantem as barras das suas saias, vamos atravessar o inferno.

William Carlos Williams[1]

Uivo

para Carl Solomon[2]

I

Eu vi os expoentes da minha geração destruídos pela loucura,
morrendo de fome, histéricos, nus,
arrastando-se pelas ruas do bairro negro de madrugada em busca
de uma dose violenta de qualquer coisa,
"hipsters"[3] com cabeça de anjo ansiando pelo antigo contato
celestial com o dínamo estrelado da maquinaria da noite,
que pobres, esfarrapados e olheiras fundas, viajaram fumando
sentados na sobrenatural escuridão dos miseráveis aparta-
mentos sem água quente, flutuando sobre os tetos das
cidades contemplando jazz,
que desnudaram seus cérebros ao céu sob o Elevado e viram
anjos maometanos cambaleando iluminados nos telhados
das casas de cômodos,
que passaram por universidades com olhos frios e radiantes
alucinando Arkansas e tragédias à luz de William Blake en-
tre os estudiosos da guerra,
que foram expulsos das universidades por serem loucos & publi-
carem odes obscenas nas janelas do crânio,[4]
que se refugiaram em quartos de paredes de pintura descasca-
da em roupa de baixo queimando seu dinheiro em cestas
de papel, escutando o Terror através da parede,
que foram detidos em suas barbas púbicas voltando por Laredo[5]
com um cinturão de marijuana para Nova York,
que comeram fogo em hotéis mal-pintados ou beberam tereben-

tina em Paradise Alley,[6] morreram ou flagelaram seus torsos noite após noite
com sonhos, com drogas, com pesadelos na vigília, álcool e caralhos e intermináveis orgias,[7]
incomparáveis ruas cegas sem saída[8] de nuvem trêmula e clarão na mente pulando nos postes dos pólos[9] de Canadá &Paterson, iluminando completamente o mundo imóvel do Tempo intermediário,
solidez de Peiote dos corredores, aurora de fundo de quintal com verdes árvores de cemitério, porre de vinho nos telhados, fachadas de lojas de subúrbio na luz cintilante de neon do tráfego na corrida de cabeça feita do prazer, vibrações de sol e lua e árvore no ronco de crepúsculo de inverno de Brooklyn, declamações entre latas de lixo e a suave soberana luz da mente,
que se acorrentaram aos vagões do metrô para o infindável percurso do Battery ao sagrado Bronx de benzedrina até que o barulho das rodas e crianças os trouxesse de volta, trêmulos, a boca arrebentada e o despovoado deserto do cérebro esvaziado de qualquer brilho na lúgubre luz do Zoológico,
que afundaram a noite toda na luz submarina de Bickford's,[10] voltaram à tona e passaram a tarde de cerveja choca no desolado Fuggazi's escutando o matraquear da catástrofe na vitrola automática de hidrogênio,
que falaram setenta e duas horas sem parar do parque ao apê ao bar ao Hospital Bellevue ao Museu à Ponte de Brooklyn,
batalhão perdido de debatedores platônicos saltando dos gradis das escadas de emergência dos parapeitos das janelas do Empire State da Lua,
tagarelando, berrando, vomitando, sussurrando fatos e lembranças e anedotas e viagens visuais e choques nos hospitais e prisões e guerras,
intelectos inteiros regurgitados em recordação total com os olhos brilhando por sete dias e noites, carne para a sinagoga jogada na rua,

que desapareceram no Zen de Nova Jersey de lugar algum deixando um rastro de cartões postais ambíguos do Centro Cívico de Atlantic City,
sofrendo suores orientais, pulverizações tangerianas nos ossos[11] e enxaquecas da China por causa da falta da droga no quarto pobremente mobiliado de Newark,
que deram voltas e voltas à meia-noite no pátio da estação ferroviária perguntando-se onde ir e foram, sem deixar corações partidos,
que acenderam cigarros em vagões de carga, vagões de carga, vagões de carga que rumavam ruidosamente pela neve até solitárias fazendas dentro da noite do avô,
que estudaram Plotino, Poe, São João da Cruz, telepatia e bop-cabala pois o Cosmos instintivamente vibrava a seus pés em Kansas,
que passaram solitários pelas ruas de Idaho procurando anjos índios e visionários que eram anjos índios e visionários,
que só acharam que estavam loucos quando Baltimore apareceu em êxtase sobrenatural,
que pularam em limusines com o chinês de Oklahoma no impulso da chuva de inverno na luz das ruas de cidade pequena à meia-noite,
que vaguearam famintos e sós por Houston procurando jazz ou sexo ou rango e seguiram o espanhol brilhante para conversar sobre América e Eternidade, inútil tarefa, e assim embarcaram num navio para a África,[12]
que desapareceram nos vulcões do México[13] nada deixando além da sombra das suas calças rancheiras e a lava e a cinza da poesia espalhadas na lareira Chicago,
que reapareceram na Costa Oeste investigando o FBI de barba e bermudas com grandes olhos pacifistas e sensuais nas suas peles morenas, distribuindo folhetos ininteligíveis,
que apagaram cigarros acesos nos seus braços protestando contra o nevoeiro narcótico de tabaco do Capitalismo,
que distribuíram panfletos supercomunistas em Union Square, chorando e despindo-se enquanto as sirenes de Los Ala-

mos os afugentavam gemendo mais alto que eles e gemiam pela Wall Street e também gemia a balsa de Staten Island,[14]
que caíram em prantos em brancos ginásios desportivos, nus e trêmulos diante da maquinaria de outros esqueletos,
que morderam policiais no pescoço e berraram de prazer nos carros de presos por não terem cometido outro crime a não ser sua transação pederástica e tóxica,
que uivaram de joelhos no Metrô e foram arrancados do telhado sacudindo genitais e manuscritos,
que se deixaram foder no rabo por motociclistas santificados e urraram de prazer,
que enrabaram e foram enrabados por esses serafins humanos, os marinheiros, carícias de amor atlântico e caribeano,
que transaram pela manhã e ao cair da tarde em roseirais, na grama de jardins públicos e cemitérios, espalhando livremente seu sêmem para quem quisesse vir,
que soluçaram interminavelmente tentando gargalhar mas acabaram choramingando atrás de um tabique de banho turco onde o anjo loiro e nu veio atravessá-los com sua espada,
que perderam seus garotos amados para as três megeras do destino, a megera caolha do dólar heterossexual, a megera caolha que pisca de dentro do ventre e a megera caolha que só sabe ficar plantada sobre sua bunda retalhando os dourados fios intelectuais do tear do artesão,
que copularam em êxtase insaciável com uma garrafa de cerveja, uma namorada, um maço de cigarros, uma vela, e caíram da cama e continuaram pelo assoalho e pelo corredor e terminaram desmaiando contra a parede com uma visão da buceta final e acabaram sufocando um derradeiro lampejo de consciência,
que adoçaram as trepadas de um milhão de garotas trêmulas ao anoitecer, acordaram de olhos vermelhos no dia seguinte mesmo assim prontos para adoçar trepadas na aurora, bundas luminosas nos celeiros e nus no lago,
que foram transar em Colorado numa miríade de carros rouba-

dos à noite, N.C.[15] herói secreto destes poemas, garanhão e Adonis de Denver – prazer ao lembrar das suas incontáveis trepadas com garotas em terrenos baldios & pátios dos fundos de restaurantes de beira de estrada, raquíticas fileiras de poltronas de cinema, picos de montanha, cavernas ou com esquálidas garçonetes no familiar levantar de saias solitário à beira da estrada & especialmente secretos solipsismos de mictórios de postos de gasolina & becos da cidade natal também,

que se apagaram em longos filmes sórdidos, foram transportados em sonho, acordaram num Manhattan súbito e conseguiram voltar com uma impiedosa ressaca de adegas de Tokay e o horror dos sonhos de ferro da Terceira Avenida[16] & cambalearam até as agências de emprego,[17]

que caminharam a noite toda com os sapatos cheios de sangue pelo cais coberto por montões de neve,[18] esperando que se abrisse uma porta no East River dando num quarto cheio de vapor e ópio,

que criaram grandes dramas suicidas nos penhascos de apartamentos do Hudson à luz de holofote anti-aéreo da lua & suas cabeças receberão coroas de louro no esquecimento,

que comeram o ensopado de cordeiro da imaginação ou digeriram o caranguejo do fundo lodoso dos rios de Bovery,[19]

que choraram diante do romance das ruas com seus carrinhos de mão cheios de cebola e péssima música,

que ficaram sentados em caixotes respirando a escuridão sob a ponte e ergueram-se para construir clavicêmbalos nos seus sótãos,[20]

que tossiram num sexto andar do Harlem coroado de chamas sob um céu tuberculoso rodeados pelos caixotes de laranja da teologia,[21]

que rabiscaram a noite toda deitando e rolando sobre invocações sublimes que ao amanhecer amarelado revelaram-se versos de tagarelice sem sentido,

que cozinharam animais apodrecidos, pulmão coração pé rabo borsht[22] & tortillas sonhando com o puro reino vegetal,

que se atiraram sob caminhões de carne em busca de um ovo,
que jogaram seus relógios do telhado fazendo seu lance de aposta pela Eternidade fora do Tempo & despertadores caíram nas suas cabeças por todos os dias da década seguinte,
que cortaram seus pulsos sem resultado por três vezes seguidas, desistiram e foram obrigados a abrir lojas de antigüidades onde acharam que estavam ficando velhos e choraram,
que foram queimados vivos em seus inocentes ternos de flanela em Madison Avenue[23] no meio das rajadas de versos de chumbo & o contido estrondo dos batalhões de ferro da moda & os guinchos de nitroglicerina das bichas da propaganda & o gás mostarda de sinistros editores inteligentes ou foram atropelados pelos táxis bêbados da Realidade Absoluta,
que se jogaram da Ponte de Brooklyn, isto realmente aconteceu e partiram esquecidos e desconhecidos para dentro da espectral confusão das ruelas de sopa & carros de bombeiros de Chinatown,[24] nem mesmo uma cerveja de graça,
que cantaram desesperados nas janelas, jogaram-se pela janela do metrô, saltaram no imundo rio Passaic,[25] pularam nos braços dos negros, choraram pela rua afora, dançaram sobre garrafas quebradas de vinho descalços arrebentando nostálgicos discos de jazz europeu dos anos 30 na Alemanha, terminaram o whisky e vomitaram gemendo no toalete sangrento, lamentações nos ouvidos e o sopro de colossais apitos a vapor,
que mandaram brasa pelas rodovias do passado viajando pela solidão da vigília de cadeia do Golgota de carro envenenado de cada um ou então a encarnação do Jazz de Birmingham,[26]
que guiaram atravessando o país durante setenta e duas horas para saber se eu tinha tido uma visão ou se você tinha tido uma visão ou se ele tinha tido uma visão para descobrir a Eternidade,
que viajaram para Denver,[27] que morreram em Denver, que retornaram a Denver & esperaram em vão, que espreitaram

Denver & ficaram parados pensando & solitários em Denver e finalmente partiram para descobrir o Tempo & agora Denver está saudosa dos seus heróis,

que caíram de joelhos em catedrais sem esperança rezando por sua salvação e luz e peito até que a alma iluminasse seu cabelo por um segundo,

que se arrebentaram nas suas mentes na prisão aguardando impossíveis criminosos de cabeça dourada e o encanto da realidade nos seus corações que entoavam suaves blues de Alcatraz,[28]

que se recolheram ao México para cultivar um vício[29] ou as Montanhas Rochosas para o suave Buda[30] ou Tanger para os garotos[31] ou Pacífico Sul para a locomotiva negra[32] ou Harvard[33] para Narciso para o cemitério de Woodlawn para a coroa de flores para o túmulo,

que exigiram exames de sanidade mental acusando o rádio de hipnotismo & foram deixados com sua loucura & suas mãos & um juri suspeito,

que jogaram salada de batata em conferencistas da Universidade de Nova York sobre Dadaísmo[34] e em seguida se apresentaram nos degraus de granito do manicômio com cabeças raspadas e fala de arlequim sobre suicídio, exigindo lobotomia imediata,

e que em lugar disso receberam o vazio concreto da insulina metrasol choque elétrico hidroterapia psicoterapia terapia ocupacional pingue-pongue & amnésia,

que num protesto sem humor viraram apenas uma mesa simbólica de pingue-pongue, mergulhando logo a seguir na catatonia,

voltando anos depois, realmente calvos exceto uma peruca de sangue e lágrimas e dedos para a visível condenação de louco nas celas das cidades-manicômio do Leste,

Pilgrim State, Rockland, Greystone, seus corredores fétidos, brigando com os ecos da alma, agitando-se e rolando e balançando no banco de solidão à meia-noite dos domínios de mausoléu druídico do amor,[35] o sonho da vida um pesa-

delo, corpos transformados em pedras tão pesadas quanto a lua,
com a mãe finalmente ****** e o último livro fantástico atirado pela janela do cortiço e a última porta fechada às 4 da madrugada e o último telefone arremessado contra a parede em resposta e o último quarto mobiliado esvaziado até a última peça de mobília mental, uma rosa de papel amarelo retorcida num cabide de arame do armário e até mesmo isso imaginário, nada mais que um bocadinho esperançoso de alucinação –
ah, Carl, enquanto você não estiver a salvo eu não estarei a salvo e agora você está inteiramente mergulhando no caldo animal total do tempo –
e que por isso correram pelas ruas geladas obcecados por um súbito clarão da alquimia do uso da elípse do catálogo do metro &do plano vibratório
que sonharam e abriram brechas encarnadas no Tempo &Espaço através de imagens justapostas e capturaram o arranjo da alma entre 2 imagens visuais e reuniram os verbos elementares e juntaram o substantivo e o choque de consciência saltando numa sensação de Pater Omnipotens Aeterni Deus,
para recriar a sintaxe e a medida da pobre prosa humana e ficaram parados à sua frente, mudos e inteligentes e trêmulos de vergonha, rejeitados todavia expondo a alma para conformar-se ao ritmo do pensamento na sua cabeça nua e infinita,
o vagabundo louco e Beat[36] angelical no Tempo, desconhecido mas mesmo assim deixando aqui o que houver para ser dito no tempo após a morte,
e se reergueram reencarnados na roupagem fantasmagórica do jazz no espectro de trompa dourada da banda musical e fizeram soar o sofrimento da mente nua da América pelo amor num grito de saxofone de eli eli lama lama sabactani que fez com que as cidades tremessem até seu último rádio,
com o coração absoluto do poema da vida arrancado para fora dos seus corpos bom para comer por mais mil anos.

II

Que esfinge de cimento e alumínio arrombou seus crânios e devorou seus cérebros e imaginação? Moloch![37] Solidão! Sujeira! Fealdade! Latas de lixo e dólares inatingíveis! Crianças berrando sob as escadarias! Garotos soluçando nos exércitos! Velhos chorando nos parques!

Moloch! Moloch! Pesadelo de Moloch! Moloch o mal-amado! Moloch mental! Moloch o pesadelo juiz dos homens!

Moloch a incompreensível prisão! Moloch o presídio desalmado de tíbias cruzadas e o congresso dos sofrimentos! Moloch cujos prédios são julgamento! Moloch a vasta pedra da guerra! Moloch os governos atônitos!

Moloch cuja mente é pura maquinaria! Moloch cujo sangue é dinheiro corrente! Moloch cujos dedos são dez exércitos! Moloch cujo peito é um dínamo canibal! Moloch cujo ouvido é um túmulo fumegante!

Moloch cujos olhos são mil janelas cegas! Moloch cujos arranha-céus jazem ao longo das ruas como infinitos Jeovás! Moloch cujas fábricas sonham e grasnam na neblina! Moloch cujas colunas de fumaça e antenas coroam as cidades!

Moloch cujo amor é interminável óleo e pedra! Moloch cuja alma é eletricidade e bancos! Moloch cuja pobreza é o

espectro do gênio! Moloch cujo destino é uma nuvem de hidrogênio sem sexo! Moloch cujo nome é a Mente!

Moloch em quem permaneço solitário! Moloch em quem sonho com anjos! Louco em Moloch! Chupador de caralhos em Moloch! Mal-amado e sem homens em Moloch!

Moloch que penetrou cedo na minha alma! Moloch em quem sou uma consciência sem corpo! Moloch que me afugentou do meu êxtase natural! Moloch a quem abandono! Despertar em Moloch! Luz escorrendo do céu!

Moloch! Moloch! Apartamentos de robôs! subúrbios invisíveis! Tesouros de esqueletos! capitais cegas! indústrias demoníacas! nações espectrais! invencíveis hospícios! caralhos de granito! bombas monstruosas!

Eles quebraram suas costas levantando Moloch ao Céu! Calçamentos, árvores, rádios, toneladas! Levantando a cidade ao Céu que existe e está em todo lugar ao nosso redor!

Visões! profecias! alucinações! milagres! êxtases! descendo pela correnteza do rio americano!

Sonhos! adorações! iluminações! religiões! o carregamento todo de bosta sensitiva!

Desabamentos! sobre o rio! saltos e crucifixões! descendo a correnteza! Ligados! Epifanias! Desesperos! Dez anos de gritos animais e suicídios! Mentes! Amores novos! Geração louca! jogados nos rochedos do Tempo!

Verdadeiro riso santo no rio! Eles viram tudo! o olhar selvagem! os berros sagrados! Eles deram adeus! Pularam do telhado! rumo à solidão! acenando! levando flores! Rio abaixo! rua acima!

III

Carl Solomon! Eu estou com você em Rockland[38]
onde você está mais louco do que eu
Eu estou com você em Rockland
onde você deve sentir-se muito estranho
Eu estou com você em Rockland
onde você imita a sombra da minha mãe
Eu estou com você em Rockland
onde você assassinou suas doze secretárias
Eu estou com você em Rockland
onde você ri deste humor invisível
Eu estou com você em Rockland
onde somos grandes escritores na mesma abominável máquina de escrever
Eu estou com você em Rockland
onde seu estado tornou-se muito grave e é noticiado pelo rádio
Eu estou com você em Rockland
onde as faculdades do crânio não agüentam mais os vermes dos sentidos
Eu estou com você em Rockland
onde você bebe o chá dos seios das solteironas de Utica[39]
Eu estou com você em Rockland
onde você bolina os corpos das suas enfermeiras as hárpias de Bronx

Eu estou com você em Rockland
onde você grita dentro de uma camisa de força que está perdendo o verdadeiro jogo de pingue-pongue do abismo
Eu estou com você em Rockland
onde você martela o piano catatônico a alma é inocente e imortal e nunca poderia morrer impiamente num hospício armado
Eu estou com você em Rockland
onde com mais cinqüenta eletrochoques sua alma nunca mais retornará a seu corpo de volta da sua peregrinação rumo a uma cruz no vazio
Eu estou com você em Rockland
onde você acusa seus médicos de loucura e prepara a revolução socialista hebraica contra o Golgota nacional e fascista
Eu estou com você em Rockland
onde você rasga os céus de Long Island e faz surgir seu Jesus vivo e humano do túmulo sobre-humano
Eu estou com você em Rockland
onde há mais vinte e cinco mil camaradas loucos todos juntos cantando os versos finais da Internacional
Eu estou com você em Rockland
onde abraçamos e beijamos os Estados Unidos sob nossas cobertas os Estados Unidos que tossem a noite toda e não nos deixam dormir
Eu estou com você em Rockland
onde despertamos eletrocutados do coma pelos nossos próprios aeroplanos da mente roncando sobre o telhado eles vieram jogar bombas angelicais o hospital ilumina-se paredes imaginárias desabam Oh legiões esqueléticas correi para fora Oh choque de misericórdia salpicado de estrelas a guerra eterna chegou Oh vitória esquece tua roupa de baixo estamos livres
Eu estou com você em Rockland
nos meus sonhos você caminha gotejante de volta de uma

viagem marítima pela grande rodovia que atravessa a América em lágrimas até a porta do meu chalé dentro da Noite Ocidental[40]

Nota de pé de página para Uivo

Santo! Santo! Santo! Santo! Santo! Santo! Santo! Santo! Santo! Santo! Santo! Santo! Santo! Santo! Santo!
O mundo é santo! A alma é santa! A pele é santa! O nariz é santo! A língua e o caralho e a mão e o cu são santos!
Tudo é santo! todos são santos! todo lugar é santo! todo dia é eternidade! todo mundo é um anjo!
O vagabundo é tão santo quanto o serafim! o louco é tão santo quanto você minha alma é santa!
A máquina de escrever é santa o poema é santo a voz é santa os ouvintes são santos o êxtase é santo!
Santo Peter[41] santo Allen santo Solomon santo Lucien[42] santo Kerouac santo Huncke[43] santo Burroughs santo Cassady santos os mendigos desconhecidos sofredores e fodidos santos os horrendos anjos humanos!
Santa minha mãe no asilo de loucos! Santos os caralhos dos vovôs de Kansas!
Santo o saxofone que geme! Santo o apocalipse bop! Santos a banda de jazz marijuana hipsters paz & droga & sonhos!
Santa a solidão dos arranha-céus e calçamentos! Santas as cafeterias cheias de milhões! Santo o misterioso rio de lágrimas sob as ruas!
Santo o solitário Jagarnata![44] Santo o enorme cordeiro da classe média! Santos os pastores loucos da rebelião! Quem saca que Los Angeles é Los Angeles!

Santo Nova York! Santo San Francisco Santo Peoria & Seattle
Santo Paris Santo Tanger Santo Moscou Santo Istambul!
Santo o tempo na eternidade santa a eternidade no tempo santos os despertadores no espaço santa a quarta dimensão santa a quinta internacional santo o anjo em Moloch!
Santo o mar santo o deserto santa a ferrovia santa a locomotiva santas as visões santas as alucinações santos os milagres santo o globo ocular santo o abismo!
Santo perdão! misericórdia! caridade! fé! Santo! Nossos! corpos! sofrendo! magnanimidade!
Santa a sobrenatural extra brilhante inteligente bondade da alma!

Um supermercado na Califórnia

Como estive pensando em você esta noite, Walt Whitman, enquanto caminhava pelas ruas sob as árvores, com dor de cabeça, autoconsciente, olhando a lua cheia.

No meu cansaço faminto, fazendo o shopping das imagens, entrei no supermercado das frutas de neon sonhando com tuas enumerações!

Que pêssegos e que penumbras! Famílias inteiras fazendo suas compras à noite! Corredores cheios de maridos! Esposas entre os abacates, bebês nos tomates! – e você, Garcia Lorca, o que fazia lá, no meio das melancias?

Eu o vi, Walt Whitman, sem filhos, velho vagabundo solitário, remexendo nas carnes do refrigerador e lançando olhares para os garotos da mercearia.

Ouvi-o fazer perguntas a cada um deles: Quem matou as costeletas de porco? Qual o preço das bananas? Será você meu Anjo?

Caminhei entre as brilhantes pilhas de latarias, seguindo-o e sendo seguido na minha imaginação pelo detetive da loja.

Perambulamos juntos pelos amplos corredores com nosso passo solitário, provando alcachofras, pegando cada um dos petiscos gelados e nunca passando pelo caixa.

Aonde vamos, Walt Whitman? As portas fecharão em uma hora. Para quais caminhos aponta tua barba esta noite?

(Toco teu livro e sonho com nossa odisséia no supermercado e sinto-me absurdo.)

Caminharemos a noite toda por solitárias ruas? As árvores somam sombras às sombras, luzes apagam-se nas casas, ficaremos ambos sós.

Vaguearemos sonhando com a América perdida do amor, passando pelos automóveis azuis nas vias expressas, voltando para nosso silencioso chalé?

Ah, pai querido, barba grisalha, velho e solitário professor de coragem, qual América era a sua quando Caronte parou de impelir sua balsa e você desceu na margem nevoenta, olhando a barca desaparecer nas negras águas do Letes?[45]

Transcrição de música de órgão

A flor na jarra de manteiga de cacau que estava antes na cozinha, contorcida para chegar até a luz,
a porta do armário aberta porque o usei há pouco, continuou gentilmente aberta esperando-me, seu dono.

Comecei a sentir minha miséria no catre sobre o chão, escutando a música, minha miséria, é por isso que eu quero cantar.
O quarto fechou-se por cima de mim, esperava a presença do Criador, vi minhas paredes pintadas de cinza e o forro, elas contém meu quarto, ele me contém
e o céu contém meu jardim,
abro minha porta

O pé da trepadeira subiu pela pilastra do chalé, as folhas da noite lá onde o dia as havia deixado, as cabeças animais das flores lá onde haviam aparecido
para pensar ao sol

Posso trazer as palavras de volta? Pensar na transcrição, isso embaçará meu olho mental aberto?

A suave busca do crescimento, o gracioso desejo de existir das flores, meu quase êxtase de existir no meio delas.

O privilégio de testemunhar minha própria existência — você também deve procurar o sol...

Meus livros empilhados à minha frente para meu uso aguardando no espaço onde os coloquei, eles não desapareceram, o tempo deixou seus restos e qualidades para que eu os usasse — minhas palavras empilhadas, meus textos, meus manuscritos, meus amores.

Tive um lampejo de claridade, vi o sentimento no coração das coisas, saí para o jardim chorando.

Vi as flores vermelhas na luz da noite, o sol que se foi, todas elas cresceram em um momento e estavam aguardando paradas no tempo para que o sol do dia viesse e lhes desse...

Flores que num sonho ao anoitecer eu reguei fielmente sem perceber o quanto as amava.

Estou tão só na minha glória — exceto por elas também lá fora — olhei para cima — essas inflorescências dos arbustos vermelhos acenando e despontando na janela à espera em cego amor, suas folhas também sentem esperança e estão com sua parte de cima virada para o céu para receber — toda a criação aberta para receber — até a terra achatada.

A música desce, assim como desce o pesado ramo cheio de flores, pois assim tem que ser, para continuar vivendo, para continuar até a última gota de alegria.

O mundo conhece o amor no seu seio assim como na flor, o solitário mundo sofredor.

O Pai é piedoso.

O soquete da lâmpada está cruelmente atarrachado ao forro, desde que a casa foi construída, para receber um conector bem ligado nela e que agora está ligado também à minha vitrola...

A porta do armário está aberta para mim, lá onde a deixei, e já que a deixei aberta, continuou graciosamente aberta.

A cozinha não tem porta, o buraco que está lá me aceitará se eu quiser entrar na cozinha.

Lembro-me da primeira vez que fui fodido, HP graciosamente me desvirginou, eu estava no cais de Provincetown, 23 anos, alegre, exaltado com a esperança do Pai, a porta do ventre estava aberta para aceitar-me se eu quisesse entrar.

Há tomadas de eletricidade ainda não usadas por toda a casa, se eu precisar delas.

A porta da cozinha está aberta para deixar o ar entrar...

O telefone – é triste contar – largado no chão – não tenho dinheiro para ligá-lo –

Quero que as pessoas se inclinem ao ver-me e digam que ele recebeu o dom da poesia, ele viu a presença do Criador.

E o Criador me deu um instante da sua presença para satisfazer meu desejo, para que eu não me desiluda no meu anseio de conhecê-lo.

Sutra do girassol[46]

Caminhei pela beira do cais de bananas e latarias e sentei-me à sombra enorme de uma locomotiva da Southern Pacific para olhar o sol que se punha entre as colinas de casas como caixotes e chorar.

Jack Kerouac sentou-se a meu lado sobre um poste de ferro quebrado e enferrujado, companheiro, pensávamos os mesmos pensamentos da alma, chapados e de olhos tristes, cercados pelas retorcidas raízes de aço das árvores da maquinaria,

A água oleosa do rio refletia o rubro céu, o sol naufragava nos cumes dos últimos morros de Frisco,[47] nenhum peixe nessas águas, nenhum ermitão nessas montanhas, só nós dois com nossos olhos embaçados e ressaca de velhos vagabundos à beira-rio, malandros cansados.

Olha o Girassol, disse ele, lá estava a sombra cinzenta e morta contra o céu, do tamanho de um homem, encostada ressecada no topo do montão de velha serragem –

– Ergui-me encantado – meu primeiro girassol, recordações de Blake – minhas visões – Harlem

e infernos dos rios do Leste, pontes com o clangor dos Sanduíches Gordurosos de Joe[48], carrinhos de bebês mortos, negros pneus carecas largados lá, o poema do cais à beira-rio, preservativos &penicos, facas nada inoxidáveis de

aço, só o lixo úmido e os artefatos de afiados gumes passando para o passado –
e o Girassol cinzento reclinado contra o crepúsculo, desoladamente rachado e ressecado pela fuligem e a fumaça e a poeira de velhas locomotivas no seu olho –
corola de turvas pontas retorcidas e partidas como uma coroa arrebentada, sementes roladas do seu rosto, boca em breve desdentada ao ar ensolarado, raios de sol apagando-se na sua cabeça cabeluda como uma teia de fios secos,
folhas tesas como ramos presos ao tronco, gesto enraizado na serragem, pedaços de estuque caídos dos galhos negros, mosca morta na orelha,
Ímpia coisa velha destroçada, você, meu girassol, Oh minha alma, como então te amei!
A fuligem não era uma fuligem humana porém morte e locomotivas humanas,
toda essa roupagem de pó, esse véu de pele escurecida da estrada, essa fumaça da face, essa pálpebra de negra miséria, essa fuliginosa mão ou falo ou protuberância de algo artificial pior que a própria sujeira – industrial – moderna – toda a civilização maculando sua louca coroa dourada –
e todos esses torvos pensamentos de morte e olhos empoeirados do desamor e tocos e raízes retorcidas embaixo, dentro do seu montão de areia e serragem, falsas notas de borracha de dólar, pele de maquinaria, as entranhas e vísceras do carro que tosse e chora, as latas vazias e abandonadas com suas enferrujadas línguas para fora, o que mais poderia eu nomear, a cinza queimada de algum cigarro do caralho, bucetas dos carrinhos e os túrgidos seios dos carros, bundas gastas dos bancos e esfíncteres dos dínamos – todo esse
emaranhado nas suas raízes mumificadas – e você ali postado à minha frente no sol poente, toda a sua glória na sua forma!
Beleza perfeita de um girassol! excelente existência perfeita de um adorável girassol! doce olho natural voltado para a

lua nova "hip", desperto vivaz e excitado respirando a dourada brisa da luz do sol poente!

Quantas moscas zumbiram ao seu redor ignorando sua fuligem, enquanto você amaldiçoava os céus da ferrovia e sua alma em flor?

Pobre flor morta? Quando foi que você esqueceu que era uma flor? quando foi que você olhou para sua pele e resolveu que era uma suja e impotente locomotiva velha? o espectro da locomotiva? a sombra e vulto de uma outrora poderosa locomotiva americana louca?

Você nunca foi uma locomotiva, Girassol, você era um girassol!

E você, Locomotiva, você é uma locomotiva, não me esqueça!

E assim agarrei o duro esqueleto do girassol e o finquei a meu lado como um cetro,

e faço meu sermão para minha alma, e também para a alma de Jack e para quem mais quiser me escutar.

– Nós não somos nossa pele de sujeira, nós não somos nossa horrorosa locomotiva sem imagem empoeirada e arrebentada, por dentro somos todos girassóis maravilhosos, nós somos abençoados por nosso próprio sêmem & dourados corpos peludos e nus da realização crescendo dentro dos loucos girassóis negros e formais ao pôr do sol, espreitados por nossos olhos à sombra da louca locomotiva do cais na visão do poente de latarias e colinas de Frisco sentados ao anoitecer.

Berkeley, 1955

América

América eu lhe dei tudo e agora não sou nada.
América dois dólares vinte e sete centavos 17 de janeiro, 1956.
América não agüento mais minha própria mente.
América quando acabaremos com a guerra humana?
Vá se foder com sua bomba atômica.
Não estou legal não me encha o saco.
Não escreverei meu poema enquanto não me sentir legal.
América quando é que você será angelical?
Quando você tirará sua roupa?
Quando você se olhará através do túmulo?
Quando você merecerá seu milhão de trotskistas?
América por que suas bibliotecas estão cheias de lágrimas?
América quando você mandará seus ovos para a Índia?
Estou cheio das suas exigências malucas.
Quando poderei entrar no supermercado e comprar o que preciso só com minha boa aparência?
América afinal eu e você é que somos perfeitos não o outro mundo.
Sua maquinaria é demais para mim.
Você me fez querer ser santo.
Deve haver algum jeito de resolver isso.
Burroughs está em Tanger acho que ele não vai voltar mais isso é sinistro.
Estará você sendo sinistra ou isso é uma brincadeira?

Estou tentando entrar no assunto.
Recuso-me a abrir mão das minhas obsessões.
América pare de me empurrar sei o que estou fazendo.
América as pétalas das ameixeiras estão caindo.
Faz meses que não leio os jornais todo dia alguém é julgado
por assassinato.
América fico sentimental por causa dos Wobblies.[49]
América eu era comunista quando criança e não me arrependo.
Fumo maconha toda vez que posso.
Fico em casa dias seguidos olhando as rosas no armário.
Quando vou ao Bairro Chinês fico bêbado e nunca consigo
alguém para trepar.
Eu resolvi vai haver confusão.
Você devia ter me visto lendo Marx.
Meu psicanalista acha que estou muito bem.[50]
Não direi as Orações ao Senhor.
Eu tenho visões místicas e vibrações cósmicas.
América ainda não lhe contei o que você fez com Tio Max de-
pois que ele voltou da Rússia.

Eu estou falando com você.
Você vai deixar que sua vida emocional seja conduzida pelo
Time Magazine?
Estou obcecado pelo Time Magazine.
Leio-o toda semana.
Sua capa me encara toda vez que passo furtivamente pela con-
feitaria da esquina.
Leio-o no porão da Biblioteca Pública de Berkeley.
Está sempre me falando de responsabilidades. Os homens de
negócios são sérios. Os produtores de cinema são sérios.
Todo mundo é sério menos eu.
Passa pela minha cabeça que eu sou a América.
Estou de novo falando sozinho.
A Ásia ergue-se contra mim.
Não tenho nenhuma chance de chinês.
É bom eu verificar meus recursos nacionais.

Meus recursos nacionais consistem em dois cigarros de maconha milhões de genitais uma literatura pessoal impublicável a 2.000 quilômetros por hora e vinte e cinco mil hospícios.

Nem falo das minhas prisões ou dos milhões de desprivilegiados que vivem nos meus vasos de flores à luz de quinhentos sóis.

Aboli os prostíbulos da França, Tanger é o próximo lugar.

Ambiciono a Presidência apesar de ser Católico.

América como poderei escrever uma litania nesse seu estado de bobeira?

Continuarei como Henry Ford meus versos são tão individuais como seus carros mais ainda todos têm sexos diferentes.

América eu lhe venderei meus versos a 2.500 dólares cada com 500 de abatimento pela sua estrofe usada.

América liberte Tom Mooney[51]

América salve os legalistas espanhóis.

América Sacco & Vanzetti não podem morrer

América sou os garotos de Scottsboro[52]

América quando eu tinha sete anos minha mãe me levou a uma reunião da célula do Partido Comunista eles nos vendiam amendoins[53] um bocado por um bilhete um bilhete por um centavo e todos podiam falar todos eram angelicais e sentimentais para com os trabalhadores era tudo tão sincero você não imagina que coisa boa era o Partido em 1935 Scott Nearing[54] era um velho formidável gente boa mesmo Mãe Bloor[55] me fazia chorar uma vez vi Israel Amster[56] cara a cara. Todo mundo devia ser espião.

América na verdade você não quer ir à guerra.

América são eles os Russos malvados.

Os Russos os Russos e esses Chineses. E esses Russos.

A Rússia quer nos comer vivos. O poder da Rússia é louco. Ela quer tirar nossos carros das nossas garagens.

Ela quer pegar Chicago. Ela precisa um Reader's Digest vermelho. Ela quer botar nossas fábricas de automóveis na

Sibéria. A grande burocracia dela mandando em nossos
postos de gasolina.
Isso é ruim. Ufa. Ela vai fazê os Índio aprendê vermelho. Ela
quer pretos bem grandes. Ela quer nos fazê trabalhá dezesseis
horas por dia. Socorro
América tudo isso é muito sério.
América essa é a impressão que eu tenho ao assistir a televisão.
América isso está certo?
É melhor eu pôr as mãos à obra.
É verdade que não quero me alistar no Exército ou girar tornos
em fábricas de peças de precisão. De qualquer forma sou
míope e psicopata.
América estou encostando meu delicado ombro na roda.

Canção

O peso do mundo
é o amor.
Sob o fardo
da solidão,
sob o fardo
da insatisfação

o peso
o peso que carregamos
é o amor.

Quem poderia negá-lo?
Em sonhos
nos toca
o corpo,
em pensamentos
constrói
um milagre,
na imaginação
aflige-se
até tornar-se
humano –

sai para fora do coração
ardendo de pureza –

pois o fardo da vida
        é o amor,

mas nós carregamos o peso
        cansados
e assim temos que descansar
nos braços do amor
        finalmente
temos que descansar nos braços
        do amor.

Nenhum descanso
        sem amor,
nenhum sono
        sem sonhos
de amor –
        quer esteja eu louco ou frio,
obcecado por anjos
        ou por máquinas,
o último desejo
        é o amor
– não pode ser amargo
        não pode ser negado
não pode ser contido
        quando negado:

o peso é demasiado
        – deve dar-se
sem nada de volta
        assim como o pensamento
é dado
        na solidão
em toda a excelência
        do seu excesso.

Os corpos quentes

brilham juntos
na escuridão,
a mão se move
para o centro
da carne,
a pele treme
na felicidade
e a alma sobe
feliz até o olho –

sim, sim,
é isso que
eu queria,
eu sempre quis,
eu sempre quis
voltar
ao corpo
em que nasci.

de
KADDISH
e outros poemas
1958-1960

"– Morre,
Se pensas ter aquilo que buscas!"

**Dedicado
a
Peter Orlovsky
no
Paraíso**

"Prova a minha boca no teu ouvido"

Kaddish

para Naomi Ginsberg[57] *1894-1956*

I

Estranho pensar em você agora que partiu sem espartilhos & olhos, enquanto percorro o calçamento ensolarado de Greenwich Village
na direção do Centro de Manhattan, meio-dia claro de inverno e passei a noite toda acordado, falando, falando, lendo o Kaddish em voz alta, escutando o grito cego dos blues de Ray Charles na vitrola,
o ritmo, o ritmo – e tua lembrança na minha cabeça três anos depois – E li em voz alta, sozinho, os triunfantes versos finais de Adonais[58] – chorei, percebendo o quanto sofremos –
E o quanto a Morte é o lenitivo sonhado, cantado, profetizado por todos os cantores, como no Hino Hebraico ou no Livro Budista das Respostas – e uma folha murcha na minha própria imaginação – ao amanhecer –
Sonhando de novo através da vida, Teu tempo – e o meu acelerando-se rumo ao Apocalipse,
o momento final – a flor queimando no Dia – e o que virá depois,
olhando a mente que por sua vez enxergou uma cidade americana
num relance, e o grande sonho de Mim ou China ou você ou uma Rússia fantasma ou uma cama desfeita que nunca existiu –

como um poema escuro – que escapou de volta para o Esquecimento –
Mais nada para ser dito e mais nada para ser chorado, só os seres no Sonho, agarrados ao desaparecerem,
suspirando, berrando, comprando e vendendo pedaços de fantasma, adorando-se uns aos outros,
adorando o Deus incluído nisso tudo – desejo ou fatalidade? – enquanto dura, uma Visão – mais nada?
Salta ao meu redor enquanto saio e caminho pela rua, olho para trás, Sétima Avenida, a muralha de prédios de escritórios com suas janelas, acotovelando-se altos sob a nuvem, altos por um momento como o céu – e o céu acima – um velho lugar azul.
ou rua abaixo pela Avenida para o Sul, para – enquanto caminho na direção do Baixo East Side – lá onde você caminhou há 50 anos, menina – da Rússia, comendo os primeiros tomates venenosos da América – amedrontada no cais –
então debatendo-se na multidão de Orchard Street, para onde? – para Newark –
para as confeitarias, primeiras sodas caseiras do século, sorvete batido à mão no quarto dos fundos em mesas de madeira escura mofada –
Para a educação casamento colapso nervoso, operação, escola normal e aprendendo a ser louca, num sonho – que vida é essa?
Para a Chave na Janela[59] – E a grande Chave repousa sua cabeça de luz no topo de Manhattan, no assoalho, repousa na calçada – um só raio de luz que se mexe enquanto desço pela Primeira Avenida na direção do Teatro Ídiche – e do lugar da pobreza
que você conheceu e eu conheci, mas sem preocupar-me agora – Estranho ter passado por Paterson e o Oeste e a Europa e novamente aqui,
agora com os gritos dos espanhóis nas soleiras das portas, meninos negros e escadas de emergência tão velhas quanto você
– Embora você não esteja mais velha, isso agora ficou aqui comigo –

Eu, de qualquer forma, talvez tão velho como o universo – e penso que ele morre conosco – o suficiente para cancelar o que vem depois – Aquilo que veio parte sempre cada vez –

Isso é bom! Assim, não há do que arrepender-se – nada de radiadores de medo, desamor, tortura, até dor de dente no final –

Embora ao vir seja um leão devorando a alma – e o cordeiro, a alma em nós, ah! oferecendo-se em sacrifício para a feroz fome da mudança – pêlo e dentes – e o rugido da dor nos ossos, crânio pelado, costela quebrada, pele rasgada, Implacabilidade

Ai, Ai! cada vez pior! Estamos numa fria! E você está fora, a Morte deixou-a de fora, a Morte teve piedade, você passou pelo seu século, passou por Deus, passou pelo caminho que chega lá – Finalmente passou por você mesma – Pura – De volta à escuridão Bebê anterior a seu Pai, anterior a todos nós, anterior ao mundo –

Lá, repousa. Mais nada de sofrimento para você. Sei para onde foi, tudo bem.

Mais nada de flores nos campos estivais de Nova York, agora mais nada da alegria nem do medo de Louis,[60]

e mais nada de sua doçura e óculos, suas décadas de escolas, dívidas, casos amorosos, telefonemas amendrontados, leitos de parto, parentes, mãos –

Mais nada da irmã Elanor – ela partiu antes de você – nós não contamos – você a matou – ou ela se matou por ter que agüentar você – coração artrítico – Porém a Morte as matou, às duas – Tanto faz –

Nem mais nada de lembranças da sua mãe, lágrimas de 1915 em filmes mudos por semanas e semanas seguidas – esquecendo, sofrendo ao assistir Marie Dressler[61] dirigir-se à humanidade, Chaplin jovem dançando,

ou Boris Godunov, Chaliapin no Met[62] elevando sua voz de Czar choroso em pé no saguão com Elanor & Max – olhando tam-

bém os capitalistas ocuparem seus lugares na platéia, alvos casacos de pele, diamantes,
com os Jovens Socialistas,[63] pegando uma carona pela Pennsylvânia, bojudas calças pretas de ginástica, fotografias de 4 garotas cada qual com as mãos na cintura da oura, olhar risonho, tão recatadas, solidão virginal de 1920,
todas essas meninas envelheceram ou já morreram, e sua longa cabeleira no túmulo – felizes ao mais tarde arranjarem maridos –
Você conseguiu – eu também cheguei! – meu irmão Eugene antes – até hoje se afligindo e se apertando até sua última mão enrijecida enquanto convive com seu câncer – ou se matará – mais tarde talvez – logo pensará –
E este é o último momento no qual me lembro, no qual os vejo todos, agora através de mim – mas não vejo você
Não antevi o que você sentiu – qual mais horrendo abismo desdentado de boca estragada chegou antes – para você – e estava você preparada?
Para ir aonde? Para aquela escuridão – aquela – aquele Deus? um clarão? Um senhor no Vazio? como um olho dentro da nuvem negra no sonho? Adonais finalmente com você?
Ultrapassa minha lembrança! Incapaz de adivinhar! Não é só o crânio amarelo no túmulo ou uma caixa de pó com vermes e uma tira de pano encardido – Caveira com auréola? Podes crer?
Será apenas o sol que brilha uma única vez para a mente, só o clarão da existência que já era?
Nada mais além do que temos – do que você teve – tão pouca coisa – no entanto, Triunfo
por teres estado aqui e te transformado, como árvore caída ou flor – ligada ao solo – mas louca, com suas pétalas coloridas pensando no Grande Universo, abalada, a copa cortada, folha arrancada, escondida num hospital como um caixote vazio de ovos, trouxa de roupas, amarga – perdida no cérebro lunático da Lua, anulação.

Nenhuma flor igual a essa flor que sabia estar no jardim e que lutou contra a faca – e que perdeu

Decepada pelo alfange gelado do imbecil Boneco de Neve – e isso na Primavera – estranho pensamento fantasmagórico – que Morte – Afiado gume de gelo na mão – coroado de rosas murchas – um cachorro no lugar dos olhos – uma fábrica de escravos como caralho – coração de ferro elétrico.[64]

Todas as acumulações da vida que nos consomem – relógios, corpos, consciência, sapatos, seios – filhos paridos – seu Comunismo – "paranóia" nos hospitais.

Certa vez você chutou Elanor na perna, mais tarde ela morreu do coração. Você de derrame. Dormindo? no espaço de um ano, vocês duas, irmãs na morte. Estará Elanor feliz?

Max padece sozinho num escritório no Baixo Broadway, solitários bigodões sobre relatórios de Contabilidade a noite toda, algo assim. Sua vida passa – como é que ele a vê – e de que duvida agora? Ainda sonhando com ganhar dinheiro ou que poderia ter ganho dinheiro, contratado babá, tido filhos, até mesmo ter achado tua Imortalidade, Naomi?

Logo o verei. Agora preciso continuar – para conversar com você – assim como eu não o fiz enquanto você tinha uma boca.

Para sempre. E estamos fadados a isso, Para Sempre – como os cavalos de Emily Dickinson[65] – voltados para o Fim.

Eles conhecem o caminho – Esses Corcéis – correm mais rápido do que pensamos – é nossa própria vida que eles cruzam – e carregam consigo.

Magnífica, não mais carpida, golpeada no coração, mente para trás, sonhada casada mortal mudada – Bunda e rosto acabados com assassinato.

No mundo, doada, enlouquecida flor, Utopia que não chegou a ser, encerrada sob o lenho, consolada na Terra, confortada no Ermo, Jeová, aceita.

Inominado, Face Una, Para sempre além de mim, sem começo, sem fim, Pai da Morte. Ainda que eu não esteja preparado para esta Profecia, eu que não me casei, eu sem hinos, eu sem Céu, sem meta na bem-aventurança, ainda assim te adorarei.

A ti, Céu depois da morte, Único abençoado no Vazio, nem luz nem escuridão, Eternidade Sem Dias –

Recebe isto, este salmo, vindo de mim, um dia jorrado da minha mão, alguma coisa do meu Tempo agora entregue ao Nada – para louvar-Te – Porém a Morte

Este é o fim, a redenção da Selvageria, caminho para o Maravilhado, casa almejada por Todos, lenço negro lavado pelas lágrimas – página para além do Salmo – Última transformação minha e de Naomi – rumo à perfeita Escuridão de Deus – Morte, pára teus fantasmas!

II

De volta e de volta – refrão – dos Hospitais – ainda não escrevi tua história – deixá-la abstrata – umas poucas imagens

passam pela cabeça – como o coro de saxofone das casas e dos anos – lembrança de eletrochoques.

Por aquelas longas noites quando criança no apartamento em Paterson, observando teu nervosismo – você era gorda – seu próximo passo –

Por aquela tarde quando fiquei em casa em vez de ir à escola, para cuidar de você – de uma vez por todas – quando fiz um voto para sempre, já que o homem discordava da minha opinião sobre o cosmos, então eu estava perdido –

Por minha missão mais tarde – promessa de iluminar a humanidade – isto é, soltar partículas – (louco como você) – (sanidade um truque convencional) –

Mas você olhava pela janela para a esquina da Igreja de Broadway e espreitava um assassino místico de Newark,

Assim, telefonei para o Doutor – "OK, leve-a para repousar" – assim, vesti meu casaco e levei-a rua abaixo – No caminho, um garoto da escola berrou inesperadamente – "Para onde vai, senhora, para a Morte?" Estremeci –

E você tapou o nariz com a gola de pele comida pelas traças, máscara anti-gases contra o veneno infiltrado na atmosfera da cidade, espalhado pela Vovó –

E quem seria o motorista da camionete de queijos, se-

não um membro da quadrilha? Você teve um sobressalto ao vê-lo, mal podia conduzi-la — para Nova York, Times Square mesmo, pegar outro ônibus da Greyhound —

— e lá ficamos parados umas 2 horas combatendo insetos invisíveis e doença judaica — brisa venenosa de Roosevelt —

soltos para pegá-la — e eu acompanhando-a, torcendo para que tudo acabasse bem num quarto sossegado numa casa vitoriana junto a um lago.

3 horas de viagem por túneis passando por toda a indústria americana, Bayonne preparando-se para a 2ª Guerra Mundial, tanques, refinarias, fábricas de soda, refeitórios, rotundas fortificadas das locomotivas — até os pinheirais de índios de Nova Jersey — cidades tranqüilas — longas estradas por bosques arenosos —

Pontes atravessando riachos sem cervos, antigos colares de contas enchendo o leito arenoso — lá embaixo, uma machadinha ou osso de Pocahantas — e um milhão de velhas votando em Roosevelt nas suas casinhas pintadas de marrom, estradas saindo da rodovia da loucura —

talvez um gavião numa árvore ou um ermitão procurando um galho cheio de corujas —

O tempo todo reclamando — com medo dos estranhos no banco da frente, roncando descuidadamente — em que viagem de ônibus estarão eles roncando agora?

"Allen, será que você não entende — é que — desde que enfiaram aquelas 3 varas grandes nas minhas costas — fizeram qualquer coisa comigo no Hospital, me envenenaram, querem me ver morta — 3 varas grandes, 3 varas grandes —

"A Puta! Vovó! Semana passada a vi, vestindo calças como um velho, um saco nas costas, subindo no prédio pela parede de tijolos

"Na escada de emergência, com germes de veneno, para jogar em mim — à noite — talvez Louis a esteja ajudando — está dominado por ela —

"Eu sou sua mãe, leve-me para Lakewood" (perto do lu-

gar onde o Graf Zeppelin havia caído, todo Hitler na Explosão) "onde eu possa me esconder".

Chegamos lá – a casa de repouso do Dr. Whatzis – ela escondeu-se atrás de um armário – exigiu transfusão de sangue.

Fomos postos para fora – caminhando com a maleta rumo a desconhecidas casas com gramados à sombra – anoitecer, penumbra entre os pinheiros – longas ruas mortas cheias de grilos e urtigas –

Então já havia mandado ela calar a boca – casa grande CASA DE REPOUSO, QUARTOS – deixei o pagamento para a semana com a senhoria – levei a maleta de ferro para dentro – sentei na cama esperando a hora de fugir –

Quarto limpo no sótão com uma colcha acolhedora – cortinas de laçarotes – tapete tecido à mão – Papel de parede manchado tão velho quanto Naomi – Estávamos em casa –

Parti no ônibus seguinte para Nova York – reclinei a cabeça no encosto do último banco, deprimido – o pior ainda por vir – deixando-a, viajei entorpecido – eu só tinha 12 anos.

Iria ela esconder-se no quarto para descer alegremente na hora do café? Ou trancaria a porta para espreitar pela janela procurando espiões nas esquinas? Escutando o invisível gás Hitleriano pelo buraco da fechadura? Sonhando numa poltrona – ou divertindo-se às minhas custas – diante de um espelho, só?

Aos 12 anos atravessando Nova Jersey de ônibus à noite, deixando Naomi entregue às Parcas na casa mal-assombrada de Lakewood – eu entregue ao ônibus do meu destino – afundado no assento – todos os violinos partidos – meu coração amargurado entre minhas costelas – mente vazia – estivesse ela em segurança no seu caixão –

Ou então de volta à Escola Normal de Newark, estudando sobre a América de saia negra – inverno nas ruas sem almoço – um tostão, um pão[66] – à noite em casa para cuidar de Elanor no quarto –

Primeiro colapso nervoso em 1919 – ficou em casa deitada no quarto escuro sem ir à escola por três semanas –

alguma coisa ruim – nunca disse o que foi – todo ruído machucava – sonhando com as fendas de Wall Street –

Antes da depressão cinzenta – mudou-se para o Estado de Nova York – sarou – Louis tirou uma foto sua de pernas cruzadas na grama – seus longos cabelos com flores – sorrindo – tocando canções de ninar num bandolim – a fumaça das urtigas em colônias de férias de tendência esquerdistas e eu vendo árvores na infância –

ou de novo lecionando, rindo com os idiotas, as turmas mais atrasadas – sua especialidade russa – idiotas de lábios sonhadores, olhos grandes, pés delgados & dedos doentios, recurvados, raquíticos –

cabeças grandes balançando sobre Alice no País das Maravilhas, um quadro negro cheio de G A T O.

Naomi lendo pacientemente, histórias tiradas de um livro de contos de fadas comunistas – História da Súbita Doçura do Ditador – Clemência dos Bruxos – Exércitos beijando-se –

Caveiras ao redor da Mesa Verde – O Rei & os Trabalhadores – o Jornal de Paterson os publicou nos anos 30 até ela enlouquecer eles ou eles fecharem ou ambas as coisas.

Oh, Paterson! Cheguei tarde em casa aquela noite. Louis estava preocupado. Como podia eu ser tão – será que não pensava? Não a devia ter largado lá. Louca em Lakewood. Chamar o médico. Telefonar para a casa no pinheiral. Muito tarde.

Fui para a cama exausto, querendo largar o mundo (provavelmente de novo apaixonado por R aquele ano – meu herói do colégio na minha mente, garoto judeu que mais tarde se tornou médico, então um garoto quieto e fino –

Eu mais tarde dando a vida por ele, mudei-me para Manhattan – segui-o na Faculdade – Rezei na balsa prometendo ajudar a humanidade se entrasse – prometi, o dia que fui fazer o vestibular –

que seria honesto revolucionário advogado trabalhista – me prepararia para isso – inspirado em Sacco Vanzetti, Norman Thomas, Debs, Altgeld, Sandburg, Poe - Brochuras Azuis.[67] Pretendia ser Presidente ou então Senador.

promessa ingênua – depois sonhos de prosternar-me diante dos joelhos escandalizados de R declarando meu amor em 1941 – Que doçura haveria ele de me mostrar, pois, a mim que tanto o desejara e tanto me desesperara – primeiro amor – um choque –

Mais tarde uma avalanche mortal, montanhas de homossexualismo, Matterhorns de caralho, Grand Canyons de cu – pesando na minha cabeça melancólica –

enquanto isso caminhava pela Broadway imaginando o Infinito como uma bola de borracha sem espaço além dela – e o que existiria fora dela? – voltando para casa na Graham Avenue ainda melancólico passando pelas solitárias cercas de arbustos ao longo da rua, sonhando depois do cinema –)

O telefone tocou às 2 da madrugada – Emergência – ficou louca – Naomi escondendo-se debaixo da cama gritando por causa dos percevejos de Mussolini – Socorro! Louis! Buba![68] Fascistas! Morte! – a dona da pensão aterrorizada – o empregado bicha velha gritando com ela –

Terror que despertou os vizinhos – velhas do segundo andar recuperando-se da menopausa – todos aqueles trapos entre coxas, lençóis limpos, tristes por bebês perdidos – maridos cinéreos – filhos troçando em Yale ou passando brilhantina no cabelo na Universidade de Nova York – ou tremendo na Faculdade de Educação de Montclair como Eugene –

Sua perna grossa dobrada até o peito, mão estendida Afastem-se, vestido de lã na altura das coxas, casaco de pele puxado para baixo da cama – entrincheirada com as malas ao pé da cama.

Louis de pijama ao telefone ouvindo apavorado – agora? Quem poderia resolver? – minha culpa, despachando-a para a solidão – sentado no quarto escuro, no sofá, trêmulo, tentando resolver –

Tomou o trem da manhã para Lakewood, Naomi sob a cama – pensou que ele estivesse trazendo policiais com veneno – Naomi gritando – Louis, o que então aconteceu com seu coração? – Teria ele sido morto pelo êxtase de Naomi?

Arrastou-a para fora, dobrando a esquina, táxi, enfiou-a para dentro com a maleta mas o motorista os largou na frente da drogaria[69] – Ponto de ônibus, duas horas de espera.

Eu nervoso, deitado na cama do apartamento de 4 cômodos, a cama grande da sala, junto à escrivaninha de Louis – tremendo – ele chegou tarde da noite em casa, contou-me o que acontecera.

Naomi no balcão dos remédios defendendo-se do inimigo – revoadas de livros infantis, saquinhos de banho de espuma, aspirinas, vidros, sangue –

Louis aterrorizado junto ao balcão dos refrigerantes – com escoteiras de Lakewood – viciadas em Coca – enfermeiros – motoristas de ônibus esperando seu turno – Policiais da delegacia local, perplexos – e um padre, sonhando com porcos num antigo penhasco?

Farejando o ar – Louis apontando para o vazio? Fregueses vomitando suas Cocas – ou encarando – Louis humilhado – Naomi triunfante – A Revelação da Conspiração. O ônibus chega, os motoristas não os levarão para Nova York.

Telefonema para o Dr. Whatzis, "ela precisa ser internada", o Hospital psiquiátrico – Médicos do Estado em Greystone – Traga-a para cá, Mr. Ginsberg.

Naomi, Naomi – suando, olhos esbugalhados, gorda, o vestido desabotoado de lado – cabelo na testa, meias malignamente caídas nas pernas – gritando que queria transfusão de sangue – uma mão reivindicatória levantada – sapato na mão – descalça na Farmácia –

A chegada dos inimigos – quais venenos? Gravadores? FBI? Zdanov[70] escondido atrás do balcão? Trotsky criando bacilo de rato no fundo da loja? Tio Sam em Newark, preparando mortais perfumes no bairro negro? Tio Ephraim, bêbado de assassinatos no bar dos políticos, tramando algo para Haia? Tia Rose lavando as agulhas da Guerra Civil Espanhola?[71]

Até que a ambulância alugada por 35 dólares veio de Red Bank – Agarraram-na pelos braços – ataram-na à padiola – gemendo, envenenada por coisas imaginárias, vomitando químí-

ca através de Jersey, pedindo piedade de Essex Country até Morristown –

E de volta a Greystone onde ficou por três anos – este foi o ataque final, devolveu-a mais uma vez ao Hospício –

Em que pavilhões – andei por lá mais tarde, muito – velhas senhoras catatônicas, cinzentas como nuvens ou cinza ou paredes – sentadas cantarolando pelo chão – Cadeiras – e as bruxas encarquilhadas, reclamando – implorando por minha misericórdia de 13 anos de idade –

"Leve-me para casa" – Algumas vezes fui sozinho em busca da Naomi perdida tomando eletrochoques – e eu dizia, "Não, Mamãe você está louca, – Confie nos Drs."

E Eugene, meu irmão, seu filho mais velho, estudando direito fora de casa num quarto mobiliado em Newark –

Chegou a Paterson no dia seguinte – sentou-se no sofá cambaio da sala – "Tivemos de mandá-la de volta a Greystone" –

– sua cara perplexa, tão jovem, então só olhos com lágrimas – então só lágrimas rastejando pelo seu rosto – "Para quê?", lamento vibrando no seu maxilar, olhos fechados, voz aguda – a cara da dor de Eugene.

Ele longe, refugiado num elevador da Biblioteca de Newark, sua garrafa diária de leite no peitoril da janela do apartamento mobiliado por 5 dólares a semana no Centro dos trilhos do bonde –

Ele trabalhava 5 hs. por dia a 20 dólares/semana – durante os anos da Faculdade de Direito – permaneceu só e inocente perto dos prostíbulos dos negros.

Sem trepar, pobre virgem – escrevendo poemas sobre Ideais e cartas políticas para o editor do Pat Eve News[72] – (ambos escrevíamos, denunciando o Senador Borah e os Isolacionistas – e sentindo algo de misterioso no Paço Municipal de Paterson –

Esgueirei-me lá dentro uma vez – torre do Moloch local

com um pináculo fálico e cimeira ornamentada, estranha Poesia gótica plantada na Market Street – réplica do Hotel de Ville de Lyon –

alas, balcões e portais ornamentados, entrada para o gigantesco relógio da cidade, quarto secreto de mapas cheios de Haworthone[73] – escuros Socialistas na comissão de Finanças – Rembrandt fumando na penumbra –

Silenciosas mesas envernizadas na grande sala de reuniões – Vereadores ? Comissão de Finanças? – Mosca, o cabeleireiro, conspirando – Crapp, o gangster, dando ordens a partir da privada – Briga de loucos por Zonas, Bombeiros, Tiros & Metafísica de Quartinho dos Fundos – estamos todos mortos – lá fora, no ponto de ônibus, Eugene mirava através da sua infância – na qual o Pastor Evangelista pregou loucamente por 3 décadas, cabelo arrepiado, pirado & fiel à sua Bíblia desprezível – rabiscou Prepara-te para Encontrar Teu Deus na calçada cívica –

Ou Deus é Amor na passarela sobre a ferrovia – delirava como eu deliraria, o solitário Evangelista – morte no Paço Municipal –)

Mas Gene, jovem – na Faculdade de Educação de Montclair por 4 anos – lecionou por um semestre & largou tudo para seguir em frente na vida – com medo dos Problemas Disciplinares – estudantes italianas de sexo escuro, garotas rudes dando trepadas, nada de inglês, sonetos deixados de lado – e ele não sabia muita coisa – só o que perdeu –

assim partiu sua vida em duas e entrou em Direito – manuais azuis realmente grandões e conduzindo o velho elevador a 13 milhas de distância em Newark e estudou para valer para o futuro.

acabara de deparar-se com o Grito de Naomi na soleira da porta do seu fracasso, pela última vez, Naomi fora-se, nós sozinhos – em casa – ele sentado lá –

Então tome um pouco de canja de galinha, Eugene. O Homem do Evangelho desespera-se diante do Paço Municipal. E esse ano Louis tem amores poéticos de meia-idade de subúr-

bio — em segredo — música do seu livro de 1937 — Sincero — ele aspira à beleza —

Nenhum amor desde que Naomi gritou — desde 1923? — agora perdida no pavilhão de Greystone — novo choque para ela — Eletricidade seguindo a Insulina 40.

E o metrasol a fez engordar.

Eis que alguns anos mais tarde ela voltou novamente para casa — tínhamos antecipado e planejado muita coisa — eu esperava por aquele dia — minha Mãe de novo para cozinhar & — tocar piano — cantar ao bandolim — Ensopado de Bofe, & Stenka Razin,[74] & a linha comunista na guerra com a Finlândia — e Louis endividado — suspeita de ser dinheiro envenenado — capitalismos misteriosos

— & percorreu o longo saguão da entrada & olhou a mobília. Ela nunca lembrou de tudo. Alguma amnésia. Examinou as toalhinhas de mesa — e o conjunto da sala de jantar havia sido vendido —

a mesa de Mogno — 20 anos de amor — foi para o brechor — ainda tínhamos o piano — e o livro de Poe — e o Bandolim, empoeirado, precisando de cordas —

Ela foi para o quarto dos fundos deitar-se na cama e ruminar ou tirar uma soneca, esconder-se — Entrei com ela, não deixá-la sozinha — deitei-me a seu lado — venezianas fechadas, penumbra, fim de tarde — Louis na sala da frente, na mesa, esperando — talvez cozinhando galinha para o jantar —

"Não tenha medo de mim só porque estou voltando do Sanatório — Sou sua mãe —"

Pobre amor, perdido — que medo — eu deitado lá — Disse, "Te amo, Naomi", — duro, junto a seu braço. Teria chorado, era essa a união solitária sem consolo? — Nervosa e logo se levantou.

Estaria ela satisfeita alguma vez? E — veio sentar-se no sofá novo junto à janela da frente, pouco à vontade — queixo apoiado na mão — estreitando os olhos — para qual fatalidade naquele dia —

Palitando seus dentes com a unha, lábios formando um O,

suspeita – velha vagina gasta do pensamento – ausente olhar de soslaio – alguma dívida maligna anotada na parede, a ser paga & os envelhecidos seios de Newark chegando perto –

Pode ter escutado uma intriga no rádio pelos fios elétricos da sua cabeça controlada pelas 3 grandes varas deixadas nas suas costas por gangsters da amnésia, durante o hospital – doíam entre os ombros –

Na sua cabeça – Roosevelt devia saber do seu caso, contou-me – com medo de matá-la, agora que o governo conhecia seus nomes – rastreados até Hitler – queria deixar a casa de Louis para sempre.

Uma noite, súbito ataque – seu barulho no banheiro – como se fosse sua alma crocitando – convulsões e vômito vermelho saindo da sua boca – água de diarréia explodindo do seu traseiro – de quatro diante da privada – urina escorrendo entre suas pernas – largada vomitando no chão de azulejos lambuzados com suas fezes negras – sem desmaiar –

Aos quarenta, varicosa, nua, gorda, condenada, escondendo-se do lado de fora do apartamento junto ao elevador, chamando a Polícia, gritando para que sua amiga Rose viesse socorrê-la –

Uma vez trancou-se com lâmina de barbear ou iodo – podia ouvi-la tossindo em prantos no lavabo – Louis arrombou a porta pelo vidro pintado de verde, arrastamo-la até o quarto.

Então quieta por meses aquele inverno – passeios sozinha, lá perto na Brodway, lia o Daily Worker[75]. Quebrou o braço, caindo na rua gelada –

Começou a planejar sua fuga das conspirações financeiras cósmicas assassinas – mais tarde fugiu até o Bronx para sua irmã Elanor. E aí está outra saga da finada Naomi em Nova York.

Ou por Elanor ou pela Associação dos Trabalhadores onde trabalhava, endereçando envelopes, ela foi levando – fazia compras de sopa de tomates Campbell's – economizava o dinheiro que Louis lhe mandava –

Mais tarde arranjou um namorado e era médico – Dr.

Isaac trabalhava para o Sindicato Nacional dos Marítimos – agora uma velha boneca italiana gorda, atarracada e calva – e ele também era órfão – mas o puseram na rua – Velhas crueldades –

Mais desarrumada, sentada na cama ou na cadeira, de combinação, sonhando sozinha – "Estou com calor – Estou ficando gorda – Eu tinha um corpo tão bonito antes de ir para o hospital – Deviam ter me visto em Woodbine –" Isso num quarto mobiliado perto da sede do Sindicato dos Marítimos, 1943.

Olhando as fotos dos bebês nus nas revistas – anúncios de talco para nenê, papinha de cenoura espremida com carne – "Não pensarei em nada a não ser pensamentos belos."

Virando a cabeça, dando voltas e voltas ao redor do pescoço em hipnose à luz da janela no verão, em recordações de sonho –

"Toco no seu rosto, toco no seu rosto, ele toca meus lábios com sua mão, eu tenho pensamentos belos, o bebê tem uma mão tão bonita." –

Ou um repelão-Não no seu corpo, repugnância – algum pensamento de Buchenwald[76] – alguma insulina passando pela sua cabeça – um sobressalto nervoso de careta do Involuntário – (como o estremecimento quando mijo) – má química da sua córtex – "Não, não pense nisso. Ele é um rato."

Naomi: "E quando morremos nos transformamos numa cebola, num repolho, numa cenoura, numa abóbora, numa verdura." Eu cheguei de Columbia para a cidade e concordo. Ela lê a Bíblia, pensa pensamentos belos o dia todo.

"Ontem eu vi Deus. Como ele é? Bem, à tarde subi por uma escada – ele tem uma casinha modesta no campo, como em Monroe, NY, as granjas de galinhas no bosque. É um velho solitário com uma barba branca.

"Cozinhei o jantar para ele. Fiz um belo jantar – sopa de lentilha, verduras, pão e manteiga, – leite – ele sentou-se à mesa e comeu, estava triste.

"Eu lhe disse, Veja todas essas lutas e matanças acontecendo por aqui, O que há? Por que não dá um jeito nisso?

"Eu tento, disse ele – É tudo que posso fazer, parecia

cansado. Continua solteiro até hoje e gosta de sopa de lentilha."

Servindo-me enquanto isso um prato de peixe frio – repolho cru picado encharcado de água da torneira – tomates mal-cheirosos – comida dietética velha de semanas – beterraba & cenoura ralada com molho aguado, morno – mais e mais dessa lamentável comida – às vezes não consigo comê-la de náusea – a Caridade das suas mãos fedendo a Manhattan, loucura, desejo de agradar-me, peixe frio mal-cozido – vermelho pálido junto ao osso. Seus cheiros – e frenqüentemente nua no quarto, então olho para a frente ou folheio um livro ignorando-a.

Certa vez achei que estava querendo que eu trepasse com ela – flertando consigo mesma no lavabo – deitada na cama enorme que ocupava a maior parte do quarto, vestido levantado até os quadris, grande talho de pêlos, cicatrizes de operação, pâncreas, feridas no ventre, abortos, apêndice, as marcas dos cortes destacando-se na gordura como horríveis zípers grossos – longos lábios esgarçados entre suas pernas – O que, até mesmo cheiro de cu? Fiquei frio – mais tarde um pouco enojado, não muito – pareceu uma boa idéia talvez tentar – conhecer o Monstro do Útero Inicial – talvez – dessa maneira. Iria ela se incomodar? Precisa de um amante.

Yisborach, v'yistabach, v'yispoar, v'yisroman, v'yisnaseh, v'yisshador, v'yishalleh, v'yishallol, sh'meh, d'kudsho, b'rich hu[77].

E Louis recuperando-se no apartamento encardido do bairro negro de Newark – morando em quartos escuros – mas encontrou uma garota com a qual mais tarde se casou, apaixonando-se de novo – embora marcado e tímido – ferido por 20 anos do louco idealismo de Naomi.

Certa vez voltei para casa depois de muito tempo em NY, ele solitário – sentados no quarto de dormir, ele na cadeira da escrivaninha virada de frente para mim – chorando, lágrimas nos olhos vermelhos sob os óculos –

Que o havíamos deixado – Gene estranhamente entrou no exército – ela vivendo fora por sua conta, quase infantil no seu quarto mobiliado. Assim, Louis caminhava até o centro para

buscar a correspondência, dava aulas no colégio – sentava-se à escrivaninha da poesia, desamparado – comeu sofrimento no Bickford's aqueles anos todos – passados.

Eugene saiu do Exército e voltou para casa, mudado e solitário – cortou fora o nariz na operação judaica – durante anos abordando garotas na Broadway oferencendo-lhes cafezinhos para transar com elas – Entrou na Universidade de Nova York, a sério, para terminar Direito –

E Gene morou com ela, comeu suas tortas vagabundas de peixe enquanto ela ficava cada vez mais louca – Emagreceu ou sentiu-se incapaz, Naomi exibindo poses de 1920 para a Lua, seminua na cama ao lado.

roía as unhas e estudava – era o filho-enfermeiro da louca – Ano seguinte mudou-se para um quarto perto de Columbia – pensara que ela queria viver com os filhos –

"Ouça a súplica da sua mãe, peço-lhe" – Louis ainda mandando-lhe cheques – aquele ano eu estive no hospício por 8 meses[78] – minhas próprias visões não mencionadas neste Lamento aqui –

Mas então ficou meio doida – Hitler no seu quarto, via seu bigode no lavabo – agora com medo do Dr. Isaac, desconfiando que ele estivesse na conspiração de Newark – mandou-se para Bronx e foi viver junto ao Coração Reumático de Elanor –

E Tio Max nunca levantava antes do meio-dia, porém Naomi já ligava o rádio às 6 da manhã, procurando espiões – ou vigiando o peitoril da janela,

pois no terreno baldio embaixo rastejava um velho com seu saco, enfiando pacotes de lixo no seu capote preto.

Edie, irmã de Max, trabalha – por 17 anos guarda-livros na Gimbels[79] – morava num apartamento embaixo, divorciada – assim, Edie acolheu Naomi na Avenida Rochambeau –

Cemitério de Woodlawn do outro lado da rua, amplo campo de tumbas onde Poe certa vez – Última parada do metrô de Bronx – monte de comunistas naquela zona.

Que então se matriculou nas aulas noturnas de pintura da

Escola para Adultos do Bronx – caminhava sozinha para a aula sob o Elevado Van Courtland – pintava Naomismos –

Seres humanos sentados na grama de alguma Colônia de Férias da Despreocupação dos verões de outrora – santos cabisbaixos com longas calças mal ajambradas, do hospital –

Noivas na frente do Baixo East Side com noivos baixinhos – trens perdidos do Elevado correndo sobre a cobertura da babilônia dos prédios de apartamento do Bronx –

Pinturas tristes – mas ela se expressava. Seu bandolim acabara, todas as cordas partidas na sua cabeça, ela tentava. Em direção à Beleza? ou a alguma velha Mensagem de vida?

Mas começou a chutar Elanor e Elanor tinha um problema de coração – subia para interrogá-la sobre Espionagem durante horas – Elanor extenuada. Max fora de casa no escritório, fazendo a contabilidade de tabacarias até a noite.

"Eu sou uma grande mulher – e verdadeiramente uma bela alma – por isso eles (Hitler, Vovó, Hearst[80], os Capitalistas, Franco, Daily News, os anos 20, Mussolini, os mortos-vivos) querem silenciar-me. Buba é a chefe de uma rede de espionagem –"

Chutando as meninas, Edie & Elanor – Despertava Edie à meia-noite para dizer-lhe que ela era uma espiã e Elanor um rato. Edie trabalhava o dia todo e não agüentava – Estava organizando o Sindicato – E Elanor começou a morrer no andar de cima, na cama.

Os parentes me chamam, ela está piorando – Só sobrara eu – Fui de metrô com Eugene para vê-la, comi peixe velho –

"Minha irmã cochicha pelo rádio – Louis deve estar no seu apartamento – sua mãe lhe diz o que falar – MENTIROSOS! – Preparei comida para meus dois filhos – toquei bandolim –"

A noite passada a cotovia me despertou / A noite passada quando tudo estava quieto / cantava na dourada luz da lua / cantava na colina gelada. Ela fez.

Empurrei-a contra a porta e gritei "NÃO CHUTE ELANOR!" – ela me olhou – Desprezo – morrer – incrédula, seus

filhos tão ingênuos, tão bobos – "Elanor é o pior dos espiões! Ela está sendo comandada!"

"– Não há fios no quarto!" – Estou gritando com ela – última tentativa, Eugene escutando na cama – o que poderia fazer para fugir dessa Mamãe fatal – "Você separada de Louis faz anos – Vovó velha demais para andar –"

De repente estamos todos vivos – até eu & Gene & Naomi num mitológico quarto primordial – gritando uns com os outros no Para Sempre – Eu de jaqueta de Columbia, ela semi-despida.

Eu socando aquela cabeça que via Rádios, Varas, Hitlers – a escala completa das alucinações – de verdade – seu próprio universo – nenhuma estrada levando a outro lugar – nem ao meu – nenhuma América, nem mesmo um mundo –

No qual você vá como todos os homens, como Van Gogh, como Hannah a louca, tudo a mesma coisa – até a sentença final – Trovão, Espíritos, Relâmpago!

Eu vi seu túmulo! Oh, estranha Naomi! Meu próprio – túmulo fendido! Shema Y'Israel[81] – Eu sou Svul Avrum[82] – você – na morte?

Sua última noite na escuridão do Bronx – telefonei – por meio do hospital para a polícia secreta.

Que veio, quando você e eu estávamos sós, você berrando com Elanor no meu ouvido – ela que arquejava na sua cama, emagrecera –

Tampouco esquecerei, diante das batidas na porta, seu terror dos espiões, – a Lei que avança, pela minha honra – Eternidade entrando no quarto – você fugindo para o banheiro, nua, escondendo-se num protesto de derradeiro destino heróico –

olhando-me nos meus olhos, traída – os policiais finais da loucura, salvando-me – do seu pé contra o coração partido de Elanor,

sua voz para cima de Edie exausta de Gimbels chegando em casa para o rádio quebrado – e Louis precisando de um divórcio barato, ele que casar logo – Eugene sonhando, esconden-

do-se na rua 125, movendo ações contra negros para fazê-los pagarem mobília de segunda mão, defendendo garotas negras –

Protestos no banheiro – Disse que estava sã – vestindo uma roupa de algodão, seus sapatos então novos, sua bolsa e recortes de jornais – não – sua honestidade –

enquanto inutilmente tornava seus lábios mais reais com baton, olhando pelo espelho para ver se a Insanidade era eu ou um carro cheio de policiais

ou Vovó espionando aos 78 – Sua visão – Ela subindo pelas paredes do cemitério com um saco de seqüestrador político – ou o que você viu nos muros de Bronx, de camisola cor-de-rosa à meia-noite, olhando o terreno baldio pela janela –

Ah, Avenida Rochambeau – Playground de Fantasmas – último prédio de apartamentos para espiões no Bronx – último lar para Elanor ou Naomi, foi aqui que essas duas irmãs comunistas perderam sua revolução –

"Está certo – ponha seu casaco, Sra. – vamos – Estamos com o carro embaixo – quer vir com ela até a delegacia?"

Então a viagem até lá – segurei a mão de Naomi e segurei sua cabeça junto do meu peito, sou mais alto – beijei-a e disse que estava fazendo aquilo pelo seu próprio bem – Elanor doente – e Max com problemas cardiácos – Necessidades –

Para mim, – "Porque fez isto?" – "Sim Sra. seu filho terá que deixá-la dentro de uma hora" – A Ambulância

demorou umas poucas horas – partiu às 4 da madrugada rumo a algum Bellevue dentro da noite no centro da cidade – partiu para o hospital para sempre. Vi-a sendo levada – acenava, lágrimas nos olhos.

Dois anos depois, de volta de uma viagem ao México[83] – desolação da paisagem plana de Brentwood, arbustos mirrados e mato ao longo dos trilhos do ramal não utilizado da ferrovia na direção do hospício –

prédio central de tijolos novos com 20 andares – perdido nos amplos gramados da cidade de loucos de Long Island – enorme cidade da Lua.

Asilo estendendo suas asas gigantes sobre o caminho para um buraco negro minúsculo – a porta – entrada pelo escroto –

Entrei – cheiro esquisito – de novo os corredores – pelo elevador – até uma porta de vidro no Pavilhão das Mulheres – até Naomi – Duas rosadas enfermeiras de branco – Elas a trouxeram para fora, Naomi me encarou – e eu ofeguei – Ela havia sofrido um derrame –

Muito pequena, encarquilhada até os ossos – a velhice chegara para Naomi – agora alquebrada em cabelos brancos – vestido solto sobre o esqueleto – rosto encovado, velha! definhava – bochecha de anciã –

Uma mão rígida – o peso dos quarenta anos e menopausa reduzidos a isso por um ataque cardíaco, agora capenga – rugas – uma cicatriz na cabeça, a lobotomia – ruína, a mão apontando para baixo, para a morte –

Oh, rosto de russa, mulher na grama, teu comprido cabelo negro será coroado de flores, o bandolim nos teus joelhos –

Beleza Comunista, sentada aqui desposada no verão entre margaridas, felicidade prometida ao alcance da mão –

mãe santa, agora sorri para o amor, seu mundo renasceu, crianças correm nuas pelo campo recoberto de rainúnculos,

elas comem no pomar de ameixeiras no fim do prado onde encontram uma cabana na qual um preto velho de cabelos brancos conta os segredos da sua barrica de chuva –

filha abençoada vem à América, anseio ouvir de novo tua voz, lembrando a música da tua mãe, a canção do Front Natural –

Oh, musa gloriosa que me carregou no ventre, deu-me para sugar a primeira vida mística & ensinou-me a fala e a música, da tua cabeça sofredora primeiro recebi a Visão –

Torturada e machucada no crânio – Que alucinações loucas dos malditos levaram-me para fora do meu crânio em busca da Eternidade até que eu encontrasse a paz em Ti, Oh Poesia – e em todo o chamamento da humanidade pela Origem,

Morte que és a mãe do universo! – Agora veste tua nudez

para sempre, alvas flores no cabelo, teu casamento lacrado atrás do céu – revolução alguma destruirá essa virgindade –

Oh, bela Garbo do meu Carma – todas as fotografias de 1920 na Colônia de Férias Nicht-Gedeiget[84] aqui intocadas – com todos os professores de Newark – Elanor não partiu, Max não espera seu espectro – nem Louis se aposentou do Colégio –

De volta! Você! Naomi! Quebranto em você! Imortalidade descarnada e revolução chegam – mulher mirrada e alquebrada – aos cinéreos olhos intramuros dos hospitais, cinzento dos pavilhões na pele –

"Você é um espião?" Eu sentado na mesa do amargor, olhos enchendo-se de lágrimas – "Quem é você? Louis o mandou? Os fios –"

no seu cabelo enquanto batia na cabeça – "Não sou uma menina má – não me mate! – eu ouço o teto – eu criei dois filhos –"

Dois anos desde que lá estive – comecei a chorar – Ela encarou-me – a enfermeira interrompeu o encontro por um momento – entrei no banheiro para esconder-me atrás das brancas paredes do toalete

"O Horror" eu chorando – vê-la de novo – "O Horror" – como se ela estivesse morta e com a podridão do funeral – "O Horror!"

Voltei, ela gritou mais ainda – levaram-na embora – "Você não é Allen –" observei seu rosto – mas ela passou por mim, sem olhar –

Abriu a porta do pavilhão – cruzou-a sem uma olhada para trás, subitamente sossegada – olhei mais uma vez – ela parecia velha – à beira do túmulo – "Todo o Horror!"

Mais um ano, deixei NY – no chalé da Costa Oeste em Berkeley[85] sonhei com sua alma – a qual, através da vida, de que maneira se mantivera naquele corpo, em cinzas ou maníaco, além da alegria –

próxima de sua morte – com olhos – era meu próprio

amor na sua forma, Naomi, ainda minha mãe na terra – mandei-lhe uma longa carta – & escrevi hinos aos loucos – Obra do misericordioso Senhor da Poesia

que faz com que a erva arrancada permaneça verde ou que a rocha se abra em ervas – ou que o Sol seja constante para a terra – Sol de todos os girassóis e dias em claras pontes de ferro – que brilha nos velhos hospitais – assim como no meu jardim –

Voltando certa noite de San Francisco, Orlovsky no meu quarto – Whalen na sua calma cadeira – um telegrama de Gene, Naomi morta –

Lá fora inclinei minha cabeça até o chão sob os arbustos junto da garagem – sabia que ela estava melhor –

finalmente – não mais deixada para olhar sozinha pela Terra – 2 anos de solidão – ninguém, perto dos 60 anos – velha mulher descarnada – outrora Naomi de longas tranças da Bíblia –

Ou Ruth que chorou na América – Rebeca envelhecida em Newark – Davi recordando-se de sua harpa, agora advogado em Yale

ou Svul Avrum – Israel Abraham – eu mesmo – para cantar na selva em louvor a Deus – Oh Elohim! – e assim até o fim – 2 dias depois da morte recebi sua carta –

Estranhas profecias, de novo! Ela escreveu – "A chave está na janela, a chave está na luz do sol na janela – Eu tenho a chave – Case-se Allen não tome drogas – a chave está entre as barras, na luz do sol na janela.

Com amor,

sua mãe"

a qual é Naomi –

HINO

No mundo que Ele criou de acordo com sua vontade Bendito Louvado
Glorificado Celebrado Exaltado o Nome do Santificado Bendito é Ele!
Na casa de Newark Bendito é Ele! Na casa dos loucos Bendito é Ele! Na casa da Morte Bendito é Ele!
Bendito seja Ele na homossexualidade! Bendito seja Ele na Paranóia! Bendito seja Ele na cidade! Bendito seja Ele no Livro!
Bendito seja Ele que mora na sombra! Bendito seja Ele! Bendito seja Ele!
Bendita seja você Naomi em lágrimas! Bendita seja você Naomi nos medos!
Bendita Bendita Bendita na doença!
Bendita seja você Naomi nos Hospitais! Bendita seja você Naomi na solidão! Bendito seja seu triunfo! Benditas sejam tuas grades! Bendita seja a solidão dos teus últimos anos!
Bendito seja teu fracasso! Bendito seja teu ataque! Bendito seja o fechar dos teus olhos! Bendito seja o encovado da tua face! Benditas sejam tuas coxas murchas!
Bendita sejas tu Naomi na Morte! Bendita seja a Morte! Bendita seja a Morte!
Bendito seja Ele Quem leva todo sofrimento para o céu! Bendito

seja Ele no final!

Bendito seja Ele que constrói o Céu na escuridão! Bendito Bendito Bendito seja Ele! Bendito seja Ele! Bendita seja a Morte de Todos nós!

III

Só por não esquecer o começo quando ela bebeu refrigerantes
baratos nos necrotérios de Newark,
só por têla visto chorar nas mesas cinzentas dos longos pavilhões do seu universo
só por ter conhecido suas idéias malucas de Hitler na porta, os
fios na sua cabeça, as três grandes varas
marretadas nas suas costas, as vozes do forro berrando por causa
das suas feias trepadas cedo por 30 anos,
só por ter visto os saltos no tempo, a memória apagar-se, o troar
das guerras, o rugido e o silêncio de um imenso choque
elétrico,
só por têla visto pintar grosseiros quadros de trens correndo por
cima dos telhados do Bronx
seus irmãos mortos em Riverside ou Rússia, sua solidão em Long
Island escrevendo uma carta perdida – e sua imagem na
luz do sol na janela
"A chave está na luz do sol na janela nas grades a chave está na
luz do sol",
só por ter chegado até aquela noite escura do ataque numa cama
de ferro enquanto o sol se punha em Long Island
e lá fora o vasto Atlântico rugia o grande clamor do Ser para si
mesmo para retornar ao Pesadelo – criação dividida – com sua
cabeça pousada num travesseiro de hospital para morrer
– num último relance – toda a Terra uma Luz perene na fami-

liar escuridão – nada de lágrimas por causa dessa visão –
Mas a chave devia ser deixada para trás – na janela – a chave na
luz do sol – para os vivos – que podem receber
essa fatia de luz nas mãos – e abrir a porta – e olhar para trás
enxergando a Criação que resplandece de volta ao mesmo
túmulo, do tamanho do universo,
do tamanho do tique-taque do relógio do hospital no arco sobre
a porta branca –

IV

Oh, mãe
o que eu deixei fora
Oh, mãe
o que eu esqueci
Oh, mãe
adeus
com um comprido sapato preto
adeus
com o Partido Comunista e uma meia rasgada
adeus
com seis fios de cabelo negro no vão dos teus seios
adeus
com teu velho vestido e uma longa barba negra ao redor
        da vagina
adeus
com tua barriga flácida
com teu medo de Hitler
com tua boca de histórias sem graça
com teus dedos de bandolins quebrados
com teus braços de gordas varandas de Patterson
com tua barriga de greves e chaminés
com teu queixo de Trotsky e a Guerra Espanhola
com tua voz cantando pelos trabalhadores arrebentados caindo
        aos pedaços
com teu nariz de trepada mal dada com teu nariz de cheiro
        de picles de Newark

com teus olhos
com teus olhos de Rússia
com teus olhos sem dinheiro
com teus olhos de falsa China
com teus olhos de tia Elanor
com teus olhos de Índia faminta
com teus olhos mijando no parque
com teus olhos de América em plena queda
com teus olhos de fracasso ao piano
com teus olhos dos parentes na Califórnia
com teus olhos de Ma Rainey[86] morrendo numa ambulância
com teus olhos de Checoslováquia atacada por robôs
com teus olhos indo para a aula de pintura à noite em Bronx
com teus olhos de Vovó assassina no horizonte da Escada
de Emergência
com teus olhos fugindo nua do apartamento gritando
pelo corredor
com teus olhos sendo levada embora por policiais numa
ambulância
com teus olhos amarrada na mesa de operação
com teus olhos de pâncreas extraído
com teus olhos de operação de apêndice
com teus olhos de aborto
com teus olhos de ovários arrancados
com teus olhos de eletrochoque
com teus olhos de lobotomia
com teus olhos de divórcio
com teus olhos de ataque
com teus olhos, só
com teus olhos
com teus olhos
com tua Morte cheia de Flores

V

Có có có corvos crocitam no sol branco sobre lápides em Long
Island
Senhor Senhor Senhor Naomi debaixo dessa grama metade da
minha vida e tão minha quanto sua
Có có seja meu olho sepultado no mesmo Solo onde estou postado como Anjo
Senhor Senhor grande Olho que mira Tudo e se move numa
nuvem negra
có có estranho grito de Seres arremessados ao céu sobre árvores
ondeantes
Senhor Senhor Oh, Dominador de gigantes Ultrapassa minha
voz num campo ilimitado no Sheol[87]
Có có o chamado do Tempo solto do chão e lançado por um
momento no universo
Senhor Senhor um eco no céu o vento atravessa folhas dilaceradas o troar da memória
có có os anos todos meu nascimento um sonho có có Nova York
o ônibus o sapato partido a enorme escola có có tudo
Visões do Senhor
Senhor Senhor Senhor có có có Senhor Senhor Senhor có có có
Senhor

NY, 1959

Europa! Europa!

Mundo mundo mundo
sentado no meu quarto
imagino o futuro
põe-se o sol em Paris
estou só ninguém
cujo amor seja perfeito
o homem está louco o amor
do homem não é perfeito eu
não chorei o bastante
meu peito pesará
até a morte as cidades
são espectros das roldanas
da guerra as cidades são
trabalho & tijolo & ferro &
fumaça da fornalha do
ego que deixa os olhos sem
lágrimas vermelhos em Londres mas
nenhum olho encontra o sol

Cujo clarão lançado
pelo céu bate no
moderno branco sólido
prédio de papel de lord
Beaverbrook[88] reclinado

na rua de Londres para
receber os derradeiros raios
amarelos que velhas senhoras
distraidamente fitam
através da neblina para o céu
os pobres vasos na janela
derramam flores na rua
a fonte de Trafalgar respinga
pombos aquecidos pelo meio-dia
eu mesmo irradiando êxtase de
selvageria na catedral de St. Paul
olhando a luz em Londres
ou aqui em Paris na cama
o clarão do sol pela alta janela
batendo no gesso da parede

Embaixo a multidão humilde
santos morrem miseráveis
mulheres da rua enfrentam o desamor
sob lampiões de gás e neon
mulher alguma em casa amando
o marido na unidade da flor
nem garoto suavemente amando garoto
com a política do fogo no peito
a eletricidade atemoriza a cidade
o rádio clama por dinheiro
luz da polícia na tela da TV
risos à meia luz das lâmpadas
em quartos vazios tanques desabam
em crateras de bombas nenhum sonho
do prazer humano é filmado
a fábrica do pensamento passa drogas
carros com seu sonho de Eros de lata
a mente come sua própria carne
numa fome simulada e nenhuma

foda humana é sagrada pois
o trabalho humano é principalmente guerra

a fome da China Esquelética é
lavagem cerebral na hidroelétrica
a América esconde carne louca
na geladeira a Inglaterra
cozinha Jerusalém por demasiado tempo
a França come petróleo e morte
saladas de braços & pernas na África
ruidosamente devoram a Arábia
negros e brancos lutando
contra a núpcia dourada
a indústria da Rússia alimenta
milhões mas nenhum bêbado pode
sonhar o suicídio de Maiakovski
arco-íris sobre a maquinaria
e a resposta para o sol

Estou na cama na Europa
só numa velha roupa de baixo
vermelha simbólica do desejo
de união com a imortalidade
mas o amor do homem não é perfeito
chove em fevereiro
como outrora para Baudelaire
há cem anos
aviões roncam no ar
carros correm pelas ruas
sei para onde vão
vão para a morte mas tudo bem
é que a morte chega antes
da vida que nenhum homem
chegou a amar perfeitamente ninguém
chega à beatitude no tempo a nova
humanidade ainda não nasceu que

eu chore por essa velharia
e saúde o milênio
pois eu vi o sol atlântico
raiar de uma vasta nuvem
em Dover nos penhascos à beira-mar
um petroleiro do tamanho de uma formiga
pendurado sobre o oceano sob a brilhante
nuvem e as gaivotas voando
através das intermináveis escadarias
da luz do sol escorrendo na Eternidade
para as formigas na miríade de campos
da Inglaterra para os girassóis
inclinados comendo o instante
do infinito delfins dourados saltando
pelos arco-íris mediterrâneos
Fumaça branca e vapor nos Andes
os rios da Ásia cintilando
poetas cegos a fundo na solidão
brilho de Apolo nas encostas das colinas
atulhadas de túmulos vazios

Paris, 1958

Para Lindsay

Vachel,[89] as estrelas se apagaram
a escuridão caiu na estrada do Colorado
um automóvel arrasta-se lento na planície
pelo rádio ressoa o clangor do jazz na penumbra
o inconsolável caixeiro viajante acende um cigarro
Há 27 anos em outra cidade
eu vejo sua sombra na parede
você de suspensórios sentado na cama
a mão de sombra encosta uma pistola na sua cabeça
seu vulto cai no assoalho

Mensagem

Desde que mudamos
transamos conversamos trabalhamos
choramos & mijamos juntos
eu acordo pela manhã
com um sonho nos meus olhos
mas você partiu para NY
lembrando-se de mim Bom
eu te amo eu te amo
& teus irmãos são loucos[90]
eu aceito seus casos de bebedeira
Há muito tempo tenho estado só
há muito tempo tenho estado na cama
sem ninguém para pegar no joelho, homem
ou mulher, pouco importa, eu
quero o amor nasci para isso quero você comigo agora
Transatlânticos fervem no oceano
Delicadas armações de arranha-céus não terminados
A cauda do dirigível roncando sobre Lakehurst
Seis mulheres nuas dançando juntas num palco vermelho
As folhas agora estão verdes em todas as árvores de Paris
Chegarei em casa daqui a dois meses e olharei nos teus olhos

Para tia Rose

Tia Rose[91] – agora – se eu pudesse vê-la
com seu rosto afilado e sorriso de longos dentes e dor
de reumatismo – e um comprido e pesado sapato preto
para sua ossuda perna esquerda
coxeando pelo carpete do longo saguão de Newark
passando pelo grande piano negro
até a sala de visitas
onde davam festas
e eu cantava canções legalistas espanholas
com uma esganiçada voz aguda

(histérico) o comitê ouvindo
enquanto você coxeava pela sala
recolhendo o dinheiro
Tia Honey, Tio Sam, um estranho com um braço de manga
de casaco
enfiado no bolso
o enorme moço calvo
da brigada Abraham Lincoln

– sua comprida cara triste
suas lágrimas de insatisfação sexual
(que soluços sufocados e ancas ossudas
sob os travesseiros de Osborne Terrace)

– a vez que fiquei sentado nu na privada
enquanto você empoava minhas coxas com Calomine
contra a queimadura da urtiga – meus tenros
e envergonhados primeiros negros pêlos crespos
o que você pensaria secretamente
sabendo que eu já era homem –
e eu a menina ignorante[92] do silêncio familiar no delgado
pedestal
das minhas pernas no banheiro – Museu de Newark

Tia Rose
Hitler está morto, Hitler está na Eternidade; Hitler está junto
com Tamerlão e Emily Brontë

Porém eu ainda a vejo caminhar, um fantasma em Osborne
Terrace
ao longo do saguão escuro até a porta da frente
mancando um pouco com um sorriso cansado naquilo
que deve ter sido um florido
vestido de seda
recebendo meu pai, o Poeta, na sua visita a Newark
– vejo-a chegar à sala de visitas
dançando na sua perna aleijada
e batendo palmas seu livro
havia sido aceito por Liveright

Hitler morreu e Liveright encerrou as atividades
O Sótão do Passado e *Duradouro Minuto* estão esgotados
Tio Harry vendeu sua última meia de seda
Claire largou a escola de dança interpretativa
Buba está largada um monumento encarquilhado na Casa
de Repouso para Senhoras Idosas piscando para bebês

a última vez que eu a vi você estava no hospital
pálido crânio emergindo da pele cinérea
menina inconsciente com veias azuis
numa tenda de oxigênio
a guerra da Espanha já acabou há muito tempo
Tia Rose

Paris, 1958

No túmulo de Apollinaire[93]

. . . voici le temps
Où l'on connaître l'avenir
Sans mourir de connaissance

I

Visitei Père Lachaise para procurar os restos mortais de Apollinaire no dia em que o Presidente dos Estados Unidos apareceu
na França para a grande conferência dos chefes de estado
é isso aí o aeroporto azul de Orly claridade de primavera no ar
de Paris
Eisenhower chegando do seu sepulcro americano
e sobre os túmulos com sapos de Père Lachaise uma ilusória
neblina espessa como fumaça de marijuana
Peter Orlovsky e eu caminhamos suavemente por Père Lachaise
ambos sabíamos que iríamos morrer
e assim nos demos nossas temporárias mãos ternamente numa
eternidade em miniatura como uma cidade
estradas e sinais pedras e colinas e nomes nas casas de todos
procurando o endereço perdido de um notável Francês do Vazio
para cometer nosso terno crime de homenagear seu abandonado
menhir
e deixar meu temporário Uivo Americano no topo do seu
silencioso Calligramme
para que ele o lesse nas entrelinhas com olhos de Raio X de poeta
assim como miraculosamente lera sua própria lírica da morte
no Sena
espero que algum garotão pirado deixe seu panfleto no meu túmulo para que assim Deus o leia para mim nas frias
noites de inverno do céu

nossas mãos já sumiram daquele lugar minha mão agora escreve
no quarto de Git-Le-Coeur Paris

Ah, Guilherme[94] que pedregulho você tinha no cérebro o que é
a morte
caminhei por todo o cemitério sem conseguir achar seu túmulo
o que você queria dizer com a fantástica atadura craniana dos
seus poemas
Oh solene caveira fétida o que tem você para dizer nada e isso
nem mesmo é uma resposta

Você não pode dirigir automóveis num túmulo de um metro e
oitenta no entanto o universo é um mausoléu suficiente-
mente grande para qualquer coisa
o universo é um sepulcro e eu dou voltas sozinho por aqui
sabendo que Apollinaire andou pela mesma rua há 50 anos
sua loucura acaba de dobrar a esquina e Genet está conosco
roubando livros
o Ocidente está de novo em guerra e de que será o lúcido suicí-
dio que deixará tudo em ordem outra vez
Guillaume Guillaume como invejo sua fama sua contribuição
para as letras americanas
seu Zone com suas longas linhas loucas de besteiras sobre a mor-
te
sai para fora do seu túmulo e fala pela porta da minha mente
solta novas séries de imagens hai-kus oceânicos táxis azuis em
Moscou negras estátuas de Buda
reza por mim na gravação fonográfica da sua existência anterior
com uma voz pausada e triste e com versos de uma profunda
música suave triste e estridente como a 1ª Guerra Mundial
comi as cenouras azuis que você me mandou do túmulo e a ore-
lha de Van Gogh e o peiote desvairado de Artaud
e caminharei pela ruas de Nova York envolto no manto negro da
Poesia Francesa[95]
fazendo improvisos sobre nossa conversa no Père Lachaise em

Paris
e o poema do futuro[96] que recebe sua inspiração da luz que
escorre para dentro do seu túmulo

II

Aqui em Paris sou teu hóspede Oh sombra amistosa
a mão ausente de Max Jacob[97]
Picasso jovem me passa uma bisnaga de Mediterrâneo
eu presente no antigo banquete vermelho de Rousseau eu comi
seu violino[98]
grande festa no Bateau Lavoir não mencionada nos livros de texto
sobre a Argélia
Huidobro esquecido no ósseo oceano Ungaretti recordando o
branco pêlo púbico[99]
Tzara[100] no Bois de Boulogne explicando a alquimia das metra-
lhadoras de cucos
ele chora ao traduzir-me para o sueco
bem vestido de gravata violeta e calças pretas
uma doce barba ruiva que emerge do seu rosto como o musgo
que pende pelas paredes do Anarquismo
ele me contou infindavelmente suas brigas com André Breton
a quem um dia ajudara a aparar o bigode dourado
o velho Blaise Cendrars[101] recebeu-me em seu estúdio e falou-me
cansado da imensidão da Sibéria
Jacques Vaché[102] convidou-me para examinar sua terrível cole-
ção de pistolas
o pobre Cocteau[103] amargurado por causa do outrora maravilho-
so Radiguet diante do seu último pensamento eu desmaiei
Rigaut[104] com uma carta de apresentação para a Morte
e Gide que elogiou o telefone e outras notáveis invenções
em princípio concordamos apesar da sua conversa de roupa de
baixo de lavanda
mas mesmo assim ele bebeu para valer da erva de Whitman e

mostrou-se intrigado por todos os amantes chamados Colorado
príncipes da América chegando com braçadas de Shrapnel e baseball
Ah Guillaume o mundo era tão fácil de combater parecia tão fácil
você sabia que os grandes classicistas políticos iriam invadir Montparnasse
com nenhuma coroa de louro profético para reverdecer suas testas
nenhum ramo verde nos seus travesseiros nenhuma folha das suas guerras – Maiakovski chegou e revoltou-se

III

Voltei sentei-me num túmulo e fiquei encarando teu tosco menhir
um pedaço de granito delgado como um falo inacabado
uma cruz apagada na pedra 2 poemas na lápide um Coeur Renversé
outro Habituez-vous comme moi A ces prodiges que j'annonce Guillaume Apollinaire de Kostrowitsky
alguém deixou um pote de geléia com margaridas e uma rosa surrealista de louça de datilógrafa a 5 ou 10 centavos
alegre túmulo pequeno com flores e coração virado
debaixo de uma delicada árvore musgosa sob a qual me sentei tronco tortuoso
ramagens de verão e cobertura de folhagens sobre o menhir e ninguém lá
Et quelle voix sinistre ulule Guillaume qu'es-tu devenu
seu vizinho ao lado é uma árvore
lá embaixo os ossos cruzados amontoados e talvez o crânio amarelo

e os poemas impressos *Álcools* no meu bolso sua voz no museu
Agora passadas de meia-idade percorrem o cascalho
um homem encara o nome e segue na direção do crematório
o mesmo céu rola entre as nuvens assim como nos dias mediterrâneos da Riviera durante a guerra
enamorado Apolo bebendo comendo ocasionalmente ópio recebendo a luz
Devem ter sentido o choque em St. Germain quando ele partiu Jacob & Picasso tossindo no escuro
uma atadura desenrolada e o crânio largado quieto na cama dedos grossos esticados o mistério e o ego idos
um sino dobra no campanário rua abaixo pássaros gorgeiam nas castanheiras
a Família Bremond dorme ao lado Cristo dependurado peitudo e sexy no túmulo deles
o cigarro queima no meu colo e enche a página de fumaça e chamas
uma formiga percorre minha manga de veludo cotelê a árvore na qual estou recostado cresce vagarosamente
arbustos e ramagens erguem-se entre os túmulos uma sedosa teia de aranha reluz no granito
eu estou enterrado aqui e sentado sobre meu sepulcro à sombra de uma árvore

Morte à orelha de Van Gogh![105]

O Poeta é Sacerdote
O dinheiro contabilizou a alma da América
O Congresso desabou no precipício da Eternidade
O Presidente construiu uma máquina de guerra que vomitará
e varrerá a Rússia para fora do Kansas
O Século Americano foi traído por um Senado louco que não
dorme mais com sua mulher
Franco assassinou Lorca o filho queridinho[106] de Whitman
assim como Maiakovski se suicidou para evitar a Rússia
Hart Crane[107] Platônico insigne se suicidou para soterrar a América errada
assim como milhões de toneladas de cereal humano[108] foram
queimadas em porões secretos sob a Casa Branca
enquanto a India morria de fome e gritava e comia cachorros
loucos encharcados de chuva
e montões de ovos eram reduzidos a pó branco nos corredores
do Congresso
nenhum homem temente a Deus andará de novo por lá por causa do fedor dos ovos podres da América
e os índios de Chiapas continuam a mastigar suas tortillas sem
vitaminas
aborígenes da Austrália talvez resmunguem na selva sem ovos
e raramente eu tenho um ovo para o café da manhã embora meu

trabalho precise de infinitos ovos para nascer de novo na Eternidade
ovos deviam ser comidos ou então devolvidos a suas mães
e o desespero das incontáveis galinhas da América é expressado pela gritaria dos seus comediantes no rádio
Detroit fabricou um milhão de automóveis de seringueiras e fantasmas
porém eu caminho, eu caminho[109] e o Oriente caminha comigo e toda a África caminha
e mais cedo ou mais tarde a América do Norte também caminhará
pois assim como expulsamos o Anjo Chinês da nossa porta, ele também nos expulsará da Porta Dourada do futuro[110]
nós não mostramos piedade para Tanganica
Einstein em vida recebeu zombarias por sua política celestial
Bertrand Russel expulso de Nova York por trepar[111]
e o imortal Chaplin foi expulso das nossas praias com a rosa entre os dentes[112]
uma conspiração secreta da Igreja Católica nos mictórios do Congresso negou anticoncepcionais às incessantes massas da Índia
Ninguém publica uma palavra que não seja o delírio covarde de um robô com mentalidade depravada
o dia da publicação da verdadeira literatura do corpo americano será o dia da Revolução
a revolução do cordeiro sexual
a única revolução incruenta que distribuirá cereais
pobre Genet iluminará os que trabalham nas colheitas de Ohio
Maconha é um narcótico benigno mas J. Edgar Hoover prefere seu mortífero scotch
E a heroína de Lao-Tsé &do Sexto Patriarca[113] é punida com a cadeira elétrica
porém os pobres drogados não têm onde pousar suas cabeças
canalhas em nosso governo inventaram um tratamento torturante para o vício tão obsoleto quanto o Sistema Defensivo de Alarme pelo Radar

eu sou o sistema defensivo de alarme pelo radar
Nada vejo a não ser bombas
não estou interessado em impedir que a Ásia seja Ásia
e os governos da Rússia e da Ásia se erguerão e cairão mas a Ásia
e a Rússia não cairão
o governo da América também cairá mas como pode a América
cair
duvido que mais alguém venha a cair alguma vez a não ser os
governos
felizmente todos os governos cairão
os únicos que não cairão serão os bons
e os bons governos ainda não existem
Mas eles precisam começar a existir eles existem nos meus
poemas
eles existem na morte dos governos da Rússia e da América
eles existem nas mortes de Hart Crane e de Maiakovski
Esta é a hora da profecia sem morte como conseqüência
o universo acabará desaparecendo
Hollywood apodrecerá nos moinhos de vento da Eternidade
Hollywood cujos filmes estão atravessados na garganta de Deus
Sim Hollywood receberá o que merece
Tempo
Infiltração ou gás paralisante pelo rádio
A História tornará profético este poema e sua horrível estupidez
será uma hedionda música espiritual
Eu tenho o arrulhar das pombas e a pluma do êxtase
O Homem não pode agüentar mais a fome da abstração canibal
A guerra é abstrata
o mundo será destruído
mas eu só morrerei pela poesia que salvará o mundo
Monumento a Sacco e Vanzetti ainda não patrocinado para
dignificar Boston
nativos do Quênia atormentados pelos imbecis criminosos da
Inglaterra
a África do Sul nas garras do branco alucinado
Vachel Lindsay[114] Ministro do Interior

Poe Ministro da Imaginação
Pound Ministro da Fazenda
e Kra pertence a Kra e Pucti a Pucti[115]
cruzamento de Blok[116] e Artaud
a Orelha de Van Gogh estampada no dinheiro
chega de propaganda de monstros
e os poetas devem ficar fora da política ou se tornarão monstros
tornei-me monstruoso por causa da política
o poeta russo indiscutivelmente monstruoso no seu diário íntimo
o Tibet deve ser deixado em paz
Estas são profecias óbvias
A América será destruída
os poetas russos lutarão contra a Rússia
Whitman preveniu contra essa "maldita fábula das nações"
Onde estava Theodore Roosevelt[117] quando ele mandou ultimatos do seu castelo em Camden
Onde estava a Câmara dos Deputados quando Crane leu seus livros proféticos em voz alta
Onde estava tramando Wall Street quando Lindsay anunciou o destino final do Dinheiro
Estariam escutando meus delírios nos vestiários do Departamento de Pessoal de Bickford's[118]?
Deram ouvidos aos gemidos da minha alma enquanto eu lutava com estatísticas de pesquisas de mercado no Forum de Roma?[119]
Não eles estavam brigando em reluzentes escritórios, sobre carpetes de parada cardíaca, berrando e negociando com o Destino
brigando com o Esqueleto com sabres, mosquetões, dentes arreganhados, indigestão, bombas de roubo, prostituição, foguetes, pederastia,
de costas para a parede por causa das suas mulheres, apartamentos, gramados, subúrbios, contos de fada,
Portoriquenhos amontoados para o massacre por causa de uma geladeira de imitação chinesa-moderna

Elefantes da misericórdia trucidados por causa de uma gaiola elizabetana de pássaros
milhões de fanáticos agitados no hospício por causa do estridente soprano da indústria
O canto de dinheiro das saboneteiras - macacos de pasta de dentes nos televisores - desodorantes em cadeiras hipnóticas -
atravessadores de petróleo no Texas - aviões a jato riscando as nuvens -
escritores do céu mentirosos diante da Divindade - açougueiros de afiados dentes com chapéus e sapatos, todos Proprietários! Proprietários! Proprietários! com obsessão de propriedade e Ego evanescente!
e seus longos editoriais tratando friamente do caso do negro que berra atacado por formigas pulando para fora da primeira página!
Maquinaria de um sonho elétrico das massas! A Prostituta da Babilônia criadora de guerras vociferando com Capitólios e Academias!
Dinheiro! Dinheiro! Dinheiro! dinheiro celestial da ilusão berrando loucamente! Dinheiro feito de nada, fome, suicídio! Dinheiro do fracasso! Dinheiro da morte!
Dinheiro contra a Eternidade! e os fortes moinhos da eternidade trituram o imenso papel da Ilusão!

Paris 1958

Mescalina[120]

Ginsberg apodrecendo, olhei-o nu no espelho hoje
reparei no velho crânio, estou ficando calvo
minha cabeça brilha na luz da cozinha sob o cabelo fino
como o crânio de algum monge nas velhas catacumbas iluminadas por
um guarda com a lanterna
seguido por um bando de turistas
assim a morte existe
meu gato mia e olha para dentro do armário
Boito canta esta noite na vitrola sua antiga canção de anjos[121]
o busto de Antinoo na fotografia marrom ainda olhando a partir da minha parede
uma luz jorrada das delicadas mãos de Deus manda uma pomba de madeira para a calma virgem
o universo de Beato Angelico[122]
o gato ficou louco e mia arranhando o chão

o que acontecerá quando o gongo da morte golpear a cabeça de ginsberg apodrecendo
em que universo entrarei
morte morte morte morte morte o gato sossegou
estaremos algum dia livres – de Ginsberg apodrecendo
Então deixa apodrecer, graças a Deus que eu sei
graças a quem

graças a quem
Graças a Ti, Oh senhor além do meu olho
o caminho deve levar a algum lugar
o caminho
o caminho
pelo cemitério dos navios que apodrecem, pelas orgias de Angelico
Bip, emite um vagido de bebê e já se foi
talvez seja essa a resposta, não saberia a não ser tendo um filho
Sei lá, nunca tive um filho nunca terei do jeito como estou indo

Sim, eu devia ser bom, devia casar
saber como é
mas não agüento essas mulheres em volta de mim
cheiro de Naomi
bah, estou travado neste familiar ginsberg apodrecendo
nem agüento mais os garotos
não agüento
não agüento
e quem, na verdade, está a fim de tomar no cu
Mares imensos passam sobre
o fluir do tempo
e quem está a fim de ser famoso e dar autógrafos como um astro de cinema?

Quero saber
eu quero eu quero ridículo *saber saber* O QUE ginsberg apodrecendo
eu quero saber o que vai acontecer depois que eu apodrecer
pois já estou apodrecendo
meu cabelo está caindo eu estou barrigudo eu estou cheio de sexo
meu cu se arrasta pelo universo eu sei demais
e não sei o suficiente
quero saber o que acontece depois que eu morrer
logo descobriremos

preciso mesmo saber agora?
adianta alguma coisa adianta adianta
morte morte morte morte morte
deus deus deus deus deus deus deus o Lone Ranger[123]
o ritmo da máquina de escrever
O que posso fazer Céus socando a máquina de escrever
estou travado trocar o disco Gregory ah ótimo ele está fazendo justamente isso
e eu estou consciente demais de um milhão de ouvidos
neste momento orelhas miseráveis, fazendo qualquer negócio
fotografias demais nos jornais
amarelados apagados recortes de jornais
estou saindo do poema para uma bosta contemplativa

lixo da mente
lixo do mundo
o homem é meio lixo
todo o lixo no túmulo

O que poderá Williams[124] estar pensando em Paterson, a morte tão nele
tão já tão já
Williams, o que é a morte?
Você agora se defronta com a grande questão a cada momento
ou você a esquece no café da manhã olhando para a cara do seu velho e feio amor
estará você preparado para renascer
para livrar-se deste mundo e entrar no céu
ou livrar-se, livrar-se e tudo acabado - e ver uma vida - toda a eternidade - passada
para o nada, um enigma proposto pela lua para a terra sem resposta
Nenhuma Glória para o homem! Nenhuma Glória para o homem! Nenhuma glória para mim! Não para mim!
Não adianta escrever quando o espírito não conduz

NY 1959

Ácido lisérgico

Ele[125] é um monstro múltiplo de um milhão de olhos
ele está escondido em todos os seus elefantes e eus
ele zumbe na máquina de escrever elétrica
ele é eletricidade ligada nela mesma, se tiver fios
ele é uma enorme teia de aranha
e eu estou no último milionésimo tentáculo infinito da teia,
 ansioso,
perdido, separado, um verme, um pensamento, um eu
um dos milhões de esqueletos da China
uma das partículas de erros
eu Allen Ginsberg uma consciência separada
eu que quero ser Deus
eu que quero ouvir a infinitésima minúscula vibração da harmonia eterna
eu que espero trêmulo pela minha destruição por essa música
 etérea do fogo
eu que detesto Deus lhe dou um nome
eu que cometo erros na eterna máquina de escrever
eu que estou Condenado

Mas na extremidade final do universo a Aranha sem nome com
 milhões de olhos
tecendo-se interminavelmente
o monstro que não é um monstro chega perto de mim com

maçãs, perfumes, ferrovias, televisores, crânios
um universo que se come e se bebe a si mesmo
sangue do meu crânio
criatura tibetana de peito cabeludo e Zodíaco no meu estômago
esta vítima sacrificial incapaz de estar numa boa

Meu rosto no espelho, o cabelo fino, sangue congestionado em listas sob os olhos, chupador de caralhos, uma ruína, uma luxúria falante
um estalo, um rosnado, um tique de consciência no infinito
um miserável aos olhos de todos os Universos
tentando escapar do meu Ser, incapaz de chegar até o Olho
eu vomito, eu estou em transe, meu corpo é tomado por convulsões, meu estômago se revolta, água saindo da minha boca, aqui estou eu no inferno
ossos secos de miríades de múmias sem vida nuas na teia, os Fantasmas, eu sou um Fantasma
eu grito de onde estou na música, para o quarto, para quem mais estiver perto, você, É você Deus?
Não, você quer que eu seja o seu Deus?
Não haverá Resposta?
É preciso haver sempre uma resposta? responde você,
como se dependesse de mim dizer Sim ou Não
Graças a Deus que eu não sou Deus! Graças a Deus que eu não sou Deus!
Porém eu anseio por um Sim ou por uma Harmonia para penetrar nela
em qualquer canto do universo, em qualquer condição seja qual for
um Sim Há . . . um Sim eu Sou . . . um Sim você É . . . um Nós

Um Nós
e isso deve ser um Ele, e um Eles, e uma Coisa Sem Resposta
Ele rasteja, ele espera, ele pára, ele começa, ele é as Trombetas da Batalha na sua Múltipla Esclerose

ele não é minha esperança
ele não é minha morte na Eternidade
ele não é minha palavra, nem a poesia
atenção à minha palavra

Ele é uma Armadilha Fantasma tecida pelos sacerdotes em
Sikkim ou no Tibet
um telão no qual mil fios de cores diferentes
estão entretecidos, uma raquete espiritual de tênis
da qual quando a olho irradiam-se ondas etéreas de luz
energia brilhante passando pelos fios como por bilhões de anos
os feixes de fios trocando de tonalidade transformando-se um
no outro como se a
Armadilha Fantasma
fosse uma imagem do Universo em miniatura
parte consciente sensível da máquina interligada
fazendo ondas que saem do Tempo até o Observador
exibindo sua própria imagem em miniatura de uma vez por
todas
repetida minúscula cada vez menor com intermináveis variações
através de si mesma
sendo o mesmo em cada parte

Esta imagem da energia que se reproduz a si mesma nas profun-
dezas do espaço do próprio Princípio
naquilo que poderia ser um 0 ou Aum[126]
e variações seguidas feitas da mesma Palavra círculos que se su-
cedem no mesmo molde da sua Aparição original
criando uma imagem maior de si mesma através das profundezas
do Tempo
girando para fora pelas faixas de distantes Nebulosas & vastas
astrologias
contidas, para serem fiéis a si mesmas, numa Mandala pintada na
pele de um Elefante
ou na fotografia de uma pintura no flanco de um Elefante ima-
ginário que sorri, pois com que o elefante se parece é uma

piada irrelevante -
ele pode ser um Signo sustentado por um Demônio Flamejante,
ou um Ogro da Transciência,
ou numa fotografia da minha própria barriga no vazio
ou no meu olho
ou no olho do monge que fez o Signo
ou no Seu próprio Olho que Se encara finalmente e morre

e contudo um olho pode morrer
e contudo meu olho pode morrer
o monstro do bilhão de olhos, o Inominável, o Irrespondível, o Escondido-de-mim, o interminável Ser
uma criatura que se pare a si mesma
freme na sua mais recôndita partícula, vê simultaneamente por
todos os seus olhos em cada qual de um modo diferente
o Uno e o não uno se movem por seus próprios caminhos
não consigo acompanhar

E eu fiz uma imagem do monstro aqui
e farei outra ele dá sensação de Criptozóides
ele rasteja e ondula sob o mar
ele está chegando para ocupar a cidade
ele invade o cerne de cada Consciência
ele é delicado como o Universo
ele me faz vomitar
pois eu tenho medo de perder sua aparição
ele aparece de qualquer maneira
ele aparece de qualquer maneira no espelho
ele escorre para fora do espelho como o mar
ele é uma miríade de ondulações
ele escorre para fora do espelho e afoga quem o olha
ele afoga o mundo quando afoga o mundo
ele se afoga a si mesmo
ele flutua para longe como um cadáver cheio de música
com o barulho da guerra na sua cabeça
um riso de bebê na sua barriga

um grito de agonia no escuro mar
um sorriso nos lábios de uma estátua cega
ele estava lá
ele não era meu
eu queria usá-lo para mim
ser heróico
mas ele não está à venda para esta consciência
ele segue por seu caminho para sempre
ele completará todas as criaturas
ele será o rádio do futuro
ele se ouvirá a si mesmo no tempo
ele quer um descanso
ele está cansado de se ouvir e se ver
ele quer outra forma outra vítima
ele me quer
ele me dá bons motivos
ele me dá motivos para existir
ele me dá intermináveis respostas
uma consciência para separar-se e uma consciência para ver
eu sou chamado para ser Um ou o outro, para dizer se sou
ambos e ser nenhum
ele pode cuidar de si sem mim
ele é o Duplamente sem Resposta (não responde a esse nome)
ele zumbe na máquina de escrever elétrica
ele bate uma palavra fragmentária que é
uma palavra fragmentária,

MANDALA

Deuses dançam nos seus próprios corpos
Novas flores abrem-se esquecendo a Morte
Ôlhos celestiais acima do desconsolo da ilusão
Eu vejo o alegre Criador
Faixas elevam-se num hino aos mundos
Bandeiras e estandartes tremulando na transcendência

Uma imagem permanece no final com miríades de olhos na Eternidade
Esta é a Obra! Este é o Saber! Este é o Fim do homem!

SF, 2 de junho, 1959

Salmo mágico[122]

Porque o mundo está à beira do abismo e ninguém sabe o que
vira depois
Oh Fantasma que minha mente persegue de ano para ano desce
do céu para esta carne trêmula
colhe meu olho fugitivo no vasto Raio que não conhece limites —
Inseparável - Mestre
Gigante fora do tempo com todas as suas folhas caindo - Gênio
do Universo - Mágico do Nada onde nuvens vermelhas
aparecem -
Indizível Rei das rodovias que se foram - Ininteligível Cavalo
saltando fora do sepulcro - Poente sobre a grande Cordilheira e inseto - Cupim -
Lamentoso - Riso sem boca, Coração que nunca teve carne para
morrer - Promessa que não foi feita - Consolador, cujo
sangue arde em um milhão de animais feridos -
Oh Misericórdia, Destruidor do Mundo, Oh Misericórdia, Criador das Ilusões Acalentadas, Oh Misericórdia, arrulho cacofônico da boca quente, Vem,
invade meu corpo com o sexo de Deus, sufoca minhas narinas
com a infinita carícia da corrupção,
transfigura-me em vermes viscosos de pura transcendência sensorial, ainda estou vivo,
grasna minha voz com o mais feio que a realidade, um tomate
psíquico falando-Te por milhões de bocas,

Alma minha com miríades de línguas, Monstro ou Anjo, Amante que vem foder-me para sempre - véu branco do Polvo sem Olhos -
Cu do Universo no qual desapareço - Mão Elástica que falou com Crane[128] – Música que toca na vitrola dos anos vinda de outro Milênio - Ouvido dos edifícios de NY
Aquilo em que acredito - que vi - procurei incessantemente na folha cachorro olho - sempre culpa, falta, - o que me faz pensar -
Desejo que me criou, Desejo que escondo no meu corpo, Desejo que todo Homem conhece Morte, Desejo ultrapassando o mundo Babilônico possível
que faz minha carne sacudir-se em orgasmos do Teu Nome que não conheço nunca conseguirei nunca dizer -
Dizer à Humanidade para dizer que o grande sino toca um tom dourado nos balcões de ferro em cada milhão de universos,
eu sou Teu profeta volta para casa para este mundo para gritar um insuportável Nome pelo odioso sexto dos meus 5 sentidos
que conhece Tua mão em seu falo invisível, coberta pelos bulbos elétricos da morte -
Paz, Solucionador onde embaralho ilusões, vagina de Boca Mole que entra no meu cérebro por cima, Pomba da Arca com um ramo de Morte.

Enlouquece-me, Deus estou pronto para a desintegração da minha mente, desgraça-me no olho da terra,
ataca meu coração cabeludo come meu caralho Invisível coaxar do sapo da morte salta em mim matilha de pesados cães salivando luz,
devora meu cérebro fluxo Uno de interminável consciência, tenho medo da tua promessa devo fazer que minha oração grite no medo -
Desce Oh Luz Criador & Devorador da Humanidade, arrebenta o mundo na sua loucura de bombas e morticínio,
Vulcões de carne sobre Londres, em Paris uma chuva de olhos -

caminhões carregados de corações de anjos para lambuzar
as paredes do Kremlin - a caveira de luz para Nova York -
miríade de pés recobertos de jóias nos terraços de Pequim -
véus de gás elétrico baixando sobre a Índia - cidades de
Bactéria invadindo o cérebro - a Alma escapando para as
ondulantes bocas de borracha do Paraíso -
Este é o Grande Chamado, esta é a Toxina da Guerra Eterna,
este é o grito da Mente assassinada na Nebulosa,
este é o Sino Dourado da Igreja que nunca existiu, este é o Bum
no coração do raio do sol, esta é a trombeta do Verme na
Morte,
Apelo do agarrão castrado sem mãos Doação da semente dou-
rada do futuro pelo terremoto & vulcão do mundo -
Sepulta meus pés sob os Andes, esparrama meus miolos sobre a
Esfinge, hasteia minha barba e cabelo no Empire State
Building,
cobre minha barriga com mãos de musgo, enche meus ouvidos
com teu clarão, cega-me com arco-íris proféticos
Que eu prove finalmente a merda de Ser, que eu toque Teus ge-
nitais na palmeira,
que o vasto Raio do Futuro entre pela minha boca para fazer
soar Tua Criação Eternamente Não-nascida, Oh beleza
invisível para meu Século!
que minha oração ultrapasse minha compreensão, que eu depo-
site minha vaidade a Teus pés, que eu não mais tema o
Julgamento de Allen neste mundo
nascido em Newark chegado para a Eternidade em Nova York
chorando novamente no Peru pela definitiva Língua para
salmodiar o Indisível,
que eu ultrapasse o desejo de transcendência e entre nas calmas
águas do universo
que eu cavalgue esta onda, não mais eternamente afogado na
torrente da minha imaginação
que eu não seja assassinado pela minha própria doida magia, cri-
me este a ser punido nos piedosos cárceres da Morte,
homens entendei minha fala fora de seus próprios corações

turcos, ajudem-me os profetas com a Proclamação,
que os Serafins aclamem Teu Nome, Tu subitamente em uma
imensa Boca do Universo fazendo a carne responder.

1960

A resposta

Deus responde com minha condenação!
esta poesia apagada do lenho ardente
minhas mentiras respondidas pelo verme no meu ouvido
minha visão pela mão que cai sobre meus olhos para co-
bri-los
diante da visão do meu
esqueleto
– meu anseio de ser Deus pela trêmula carne barbada do maxilar
que cobre meu crânio como a pele de um monstro
Estômago vomitando a videira da alma, cadáver no
assoalho de uma cabana de bambu, carne do corpo
rastejando
rumo a seu pesadelo do destino que cresce no
meu cérebro
O barulho do estrondo da criação adorando seu Carrasco, o
salto
dos pássaros para o Infinito, latidos como o
som
do vômito no ar, sapos coaxando Morte nas árvores
eu sou um Serafim e não sei se vou para dentro do Vazio
eu sou um homem e não sei se vou para dentro da Morte –
Cristo Cristo pobre desesperançado
alçado à Cruz entre as Dimensões –
para ver o Sempre-Incognoscível!

um som de gongo morto treme por toda a minha carne e um
imenso Ser entra no meu
cérebro vindo do longe que vive para sempre
Nada mais além da Presença poderosa demais para registrar!
a Presença
na Morte, diante da qual estou indefeso
transforma-me de Allen em uma caveira
Velho Caolho dos sonhos dos quais não acordo a não ser morto
mãos puxadas para a escuridão por uma horrenda Mão
– cego contorcer-se do verme, cortado – o arado
é o próprio Deus
Que monstruoso baile da escuridão anterior ao universo
volta para visitar-me como um comando cego!
e possa eu apagar esta consciência, fugir de volta
para o amor de Nova York e o farei
Pobre lamentável Cristo com medo da predita Cruz,
Imortal –
Fugir, mas não para sempre – a Presença virá, a hora
chegará, uma estranha verdade penetra o universo, a morte
mostra seu Ser como antes
e eu me desesperarei por *ter esquecido*! *esquecido*! a volta
ao meu destino,
para morrer disso –
O que é sagrado quando a Coisa é todo o universo?
rasteja em cada alma como um órgão de vampiro
cantando
atrás das nuvens iluminadas pela lua –
pobre criatura vem agachada
sob as estrelas barbudas num campo negro no Peru
para depositar minha carga – morrerei de horror de
morrer!
Nem diques nem pirâmides, mas a morte, e devemos nos prepa-
rar para essa
nudez, pobres ossos sugados até ressecarem por Sua

longa boca
de formigas e vento, & nossas almas assassinadas
para preparar Sua Perfeição!
O momento chegou, Ele fez Sua vontade ser revelada para
sempre
e nenhuma fuga para o velho Ser além das estrelas não irá
chegar ao mesmo escuro porto oscilante
de insuportável música
Nenhum refúgio no Eu, que está em chamas
nem no Mundo que também é Seu para ser
bombardeado & Devorado!
Reconhece Seu poder! Larga
minhas mãos – minha atemorizada caveira
– pois eu havia escolhido a auto-estima –
meus olhos, meu nariz, minha cara, meu caralho,
minha alma – e agora
o Destruidor sem cara!
Um bilhão de portas para o mesmo novo ser!
O universo vira-se pelo avesso para devorar-me!
e a poderosa irrupção de música sai para fora da porta desumana –

1960

O fim

Eu sou Eu, velho Pai Olho de Peixe que procriou o oceano, o verme no meu próprio ouvido, a serpente enrolada na árvore,
Sento-me na mente do carvalho e me oculto na rosa, sei se alguém desperta, ninguém a não ser minha morte,
vinde a mim corpos, vinde a mim profecias, vinde a mim agouros, vinde espíritos e visões,
Eu recebo tudo, morro de câncer, entro no caixão para sempre, fecho meu olho, desapareço,
caio sobre mim mesmo na neve de inverno, rolo numa grande roda pela chuva, observo a convulsão dos que fodem,
carros guincham, fúrias gemem sua música de fagote, memória apagando-se no cérebro, homens imitando cães,
gozo no ventre de uma mulher, a juventude estendendo seus seios e coxas para o sexo, o caralho pulando para dentro
derramando sua semente nos lábios de Yin,[129] feras dançam no Sião, cantam ópera em Moscou,
meus garotos excitados ao crepúsculo nas varandas, chego a Nova York, toco meu jazz num Clavicêmbalo de Chicago,
Amor que me engendrou retorno a minha Origem sem nada perder, flutuo sobre o vomitório
empolgado por minha imortalidade, empolgado por essa infinitude na qual aposto e a qual enterro,
vem Poeta, cala-te, come minha palavra e prova minha boca no teu ouvido.

NY, 1960

Nota: Salmo Mágico, a Resposta & O Fim *registram as visões experimentadas depois de tomar Ayahuasca, uma poção espiritual do Amazonas. A mensagem é: Alargar a área da consciência.*

— A. G.

de

SANDUÍCHES DE REALIDADE

"Cadernos secretos rabiscados e páginas selvagens batidas a máquina para meu próprio prazer"

Dedicado
ao Puro Imaginário
POETA
Gregory Corso

O automóvel verde[130]

Se eu tivesse um Automóvel Verde
iria procurar meu velho companheiro
na sua casa no oceano ocidental.[131]
Ha! Ha! Ha! Ha! Ha!

Tocaria minha busina na sua máscula porta,
lá dentro sua mulher e três
crianças espreguiçando-se nuas
no assoalho da sala.

Ele viria correndo para fora
até meu carro cheio de heróica cerveja
e pularia gritando ao volante
pois ele é o maior volante.

Peregrinaríamos até a mais alta montanha
das nossas antigas visões das Montanhas Rochosas
rindo nos braços um do outro,
nosso deleite acima das mais altas Rochosas.

e depois da antiga agonia, bêbados de anos novos,
lançando-nos até o nevado horizonte
arrebentando o pára-lama com bop original
de carro envenenado na montanha

sacudiríamos a nevoenta rodovia
onde anjos de angústia
cambaleiam entre as árvores
e berram diante do motor.

Arderíamos a noite toda entre os pinheiros do pico
visíveis de Denver[132] na escuridão do verão,
clarão nada natural da floresta
clareando o topo da montanha:

infância adolescência idade & eternidade
se abririam como doces árvores
para as noites de outra primavera
atordoando-nos de amor,

pois juntos somos capazes de ver
a beleza das almas
ocultas como os diamantes
dentro do relógio do mundo,

somos capazes, assim como os mágicos
chineses, de confundir os imortais
com nossa intelectualidade
escondida na neblina,

no Automóvel Verde
que eu inventei
imaginei e visualizei
nas estradas do mundo

mais real que o motor
numa pista do deserto
mais puro que Greyhound[133] e
mais rápido que o jato físico.

Denver! Denver! voltaremos

roncando pelo gramado do edifício City &County
que recebe a pura chama esmeralda
raiando no rasto do nosso carro.

Desta vez compraremos a cidade!
Descontei um grande cheque no caixa do meu crânio
para abrir uma miraculosa universidade do corpo
no teto da estação rodoviária.

Porém primeiro percorreremos os pontos do centro da cidade
bilhares barracos botequins de jazz cadeia
prostíbulos da rua Folsom
até os mais escuros becos de Larimer[134]

prestando homenagem ao pai de Denver
perdido nos trilhos da ferrovia,[135]
estupor de vinho e silêncio
reverenciando os cortiços das suas décadas,

nós o saudaremos e à sua santificada maleta
de escuro moscatel, beberemos e
quebraremos as doces garrafas
em Diesels demonstrando nossa fidelidade.

E depois seguiremos guiando bêbados pelas avenidas
por onde marcharam exércitos e por onde ainda desfilam
cambaleando sob o invisível
pendão da Realidade –

trombando pelas ruas
no automóvel do nosso destino
dividiremos um cigarro de arcanjo
e adivinharemos o futuro um do outro:

famas de sobrenatural iluminação,
desolados e chuvosos vãos no tempo,

a grande arte aprendida na desolação
e nossa separação "beat" seis décadas depois . . .

e numa encruzilhada de asfalto
nos tratamos mais uma vez com
principesca gentileza, lembrando
famosas conversas mortas de outras cidades.

O pára-brisas cheio de lágrimas,
a chuva que molha nosso peito nu,
e juntos nos ajoelhamos na escuridão
no meio do tráfego noturno do paraíso

agora renovando o solitário juramento
que fizemos um para o outro
certa vez no Texas:
não posso inscrevê-lo aqui . . .
. . . .
. . . .

Quantas noites de Sábado
teremos deixado bêbadas com esta lenda?
Como fará a jovem Denver para carpir
seu olvidado anjo sexual?

Quantos garotos baterão no piano negro
imitando os excessos de um santo da terra?
Ou garotas que cederão ao desejo sob seu espectro
nos colégios da noite melancólica?

Quando tivermos o tempo todo na Eternidade
na tênue luz de rádio deste poema
sentaremos atrás das sombras esquecidas
ouvintes do jazz perdido de todos os Sábados.

Neal, agora seremos heróis reais

numa guerra entre nossos caralhos e o tempo:
vamos ser os anjos do desejo do mundo
e levemos o mundo para a cama conosco antes de morrer.

Dormindo sós ou acompanhados
por garota ou garoto ou sonho,
não me faltará o amor e a você a saciedade:
todos os homens caem, nossos pais caíram antes,

mas ressuscitaremos essa carne perdida,
nada mais que o trabalho de um momento da mente:
um monumento fora do tempo para o amor
na imaginação:

um mausoléu construído por nossos próprios corpos
consumidos pelo poema invisível -
tremeremos em Denver e resistiremos
mesmo que o sangue e rugas ceguem nossos olhos.

Assim, este Automóvel Verde,
eu o dou para você em fuga
um presente, um presente
da minha imaginação.

Continuaremos guiando
pelas Rochosas
continuaremos guiando
por toda a noite até a aurora,

até voltar à sua ferrovia, a Southern Pacific[136]
sua casa e seus filhos
e seu destino de perna quebrada
você guiando de volta pela planície

a o amanhecer: e eu de volta
às minhas visões, meu escritório
e apartamento no leste
retornarei a Nova York.

NY 1953

Sobre a obra de Burroughs

O método deve ser a mais pura carne
　　e nada de molho simbólico,
verdadeiras visões & verdadeiras prisões
　　assim como vistas vez ou outra.

Prisões e visões mostradas
　　com raros relatos crus[137]
correspondendo exatamente àqueles
　　de Alcatraz e Rose.

Um lanche nu[138] nos é natural,
　　comemos sanduíches de realidade.
Porém alegorias não passam de alface.
　　Não escondam a loucura.

San Jose, 1954

Poema de amor sobre um tema de Whitman[139]

Entrarei silencioso no quarto de dormir e me deitarei entre
noivo e noiva,
esses corpos caídos do céu esperando nus em sobressalto,
braços pousados sobre os olhos na escuridão,
afundarei minha cara em seus ombros e seios, respirarei sua pele
e acariciarei e beijarei a nuca e a boca e abrirei e mostrarei seu
traseiro,
pernas erguidas e dobradas para receber, caralho atormentado
na escuridão, atacando
levantado do buraco até a cabeça pulsante,
corpos entrelaçados nus e trêmulos, coxas quentes e nádegas
enfiadas uma na outra
e os olhos, olhos cintilando encantadores, abrindo-se em olhares
e abandono,
e os gemidos do movimento, vozes, mãos no ar, mãos entre as
coxas,
mãos na umidade de macios quadris, palpitante contração de
ventres
até que o branco venha jorrar no turbilhão dos lençóis
e a noiva grite pedindo perdão e o noivo se cubra de lágrimas de
paixão e compaixão
e eu me erga da cama saciado de últimos gestos íntimos e beijos
de adeus -

tudo isso antes que a mente desperte, atrás das cortinas e portas
    fechadas da casa escurecida
cujos habitantes perambulam insatisfeitos pela noite,
fantasmas desnudos buscando-se no silêncio.

Malest cornifici tuo catullo[140]

Estou feliz, Kerouac, seu louco Allen
finalmente conseguiu: achou um cara novo
e minha imagem de um garoto eterno
passeia pelas ruas de San Francisco,
lindo, e me encontra nas cafeterias
e me ama. Ah, não pense que estou maluco.
Você está zangado comigo. Pelos meus amantes?
É duro comer merda, sem ter visões;
quando eles me olham, para mim é o Paraíso.

Registro de um sonho: 8 de junho, 1955

Uma noite bêbado na minha casa com um garoto, San Francisco: deitado dormindo: escuridão:
voltei para Cidade do México
e vi Joan Burroughs[141] debruçada
para a frente numa cadeira de jardim, braços
nos joelhos. Examinou-me com
límpidos olhos e sorriso abatido, seu
rosto reconstituído na refinada beleza
que a tequilla e o sal haviam tornado estranha
antes da bala na sua testa.

Falamos sobre a vida desde então.
Bem, o que Burroughs está fazendo agora?
Bill na terra, ele está na África do Norte.
Oh, e Kerouac? Jack continua por aí
com o mesmo gênio Beat de antes,
cadernos de anotações cheios de Buda.
Espero que ele consiga, ela riu.
E Huncke, ainda está em cana? Não,
da última vez que o vi foi em Times Square.
E como vai Kenney? Casado, bêbado
e cheio da grana no Leste. E você? Novos
amores no Oeste -

Então soube
que ela era um sonho: e perguntei-lhe
- Joan, que espécie de sabedoria têm
os mortos? você ainda pode amar
suas amizades mortais?
O que você lembra de nós?
Ela
apagou-se à minha frente - No momento seguinte
eu vi seu túmulo encardido pela chuva
atrás um epitáfio ilegível
sob o ramo nodoso de uma pequena
árvore no capim selvagem
de um jardim abandonado no México.

Fragmento 1956[142]

Agora, para a vinda do poema, que eu seja digno dele
& cante santamente o pathos natural da alma humana,
a pele nua e original sob nossos sonhos
& roupagens do pensamento, a própria identidade perfeita
radiante de paixões e rostos intelectuais
Quem carrega as linhas, a dolorosa contorção
enrugada sobre os olhos, o corpo todo
respirando e sensível entre flores e prédios
de olhos abertos, autoconsciente, trêmulo de amor -
Alma que eu tenho, que Jack tem, Huncke tem,
Bill tem, Joan tinha e ainda tem na minha lembrança,
que o vagabundo tem nos seus trapos, o louco em sua roupa
preta.
Almas idênticas umas às outras, assim como parado na
esquina há dez anos atrás eu olhei Jack
e lhe disse que éramos a mesma pessoa - olha
nos meus olhos e fala com você mesmo, isso me torna o
amante de todo mundo, Hal meu contra sua vontade,
eu já tinha sua alma no meu corpo quando
ele olhava zangado - junto ao lampião da 8ª Avenida e 27ª
Rua em 1947 - eu acabara de voltar da África
com um vislumbre da visão que na verdade
viria para mim no seu tempo assim como viria para todos - Jack
o pior assassino, Allen o maior covarde

com uma faixa de amor amarelo[143] atravessando
os meus poemas, uma bicha da cidade, Joe Army[144] gritando
de aflição na prisão de Dannemora em 1945,
quebrando os brancos nós dos seus dedos nas grades
seu triste companheiro parvo de cela levando porradas dos
guardas
um assoalho de ferro por baixo, Gregory chorando em Tombs[145]
Joan com olheiras sob os olhos de benzedrina
escutando a paranóia pela parede,
Huncke de Chicago sonhando nas Arcadas
do infernal Pokerino[146] de luz azul na pele de Times Square,
o pálido rosto aos berros de Bill King[147] na janela do metrô
debatendo-se no minuto final do vão da morte para voltar,
o próprio Morphy,[148] arqui-suicida, esvaindo-se em sangue
no Passaic, trágico e perplexo nas suas
últimas lágrimas, atingindo a morte naquele instante
humano, intelectual, barbudo, quem mais
seria ele nesse momento a não ser ele mesmo?

Um estranho chalé novo em Berkeley[149]

A tarde toda colhendo amoras pretas junto a uma cambaleante cerca marrom

debaixo de um ramo inclinado com seus velhos abricós estragados no meio das folhas;

consertando o vazamento nas intrincadas entranhas do mecanismo de uma nova privada;

eu achei um bule de café bom entre as moitas junto da varanda, rolei um pneu grande para fora dos arbustos escarlates, escondi minha maconha;

reguei as flores, jogando a água iluminada pelo sol de uma para a outra, voltando por algumas divinas gotas a mais para as vagens e margaridas;

por três vezes dei a volta ao gramado e suspirei distraidamente:

minha recompensa, quando o jardim me deu suas ameixas saídas de dentro da forma de um arbusto no canto,

um anjo que teve consideração pelo meu estômago e pela minha língua ressecada e desamada.

Iluminação de Sather Gate[150]

Por que nego o maná para os outros?
Porque o nego para mim.
Por que me neguei para mim mesmo?
Quem mais me rejeitou?
Agora acredito que você seja adorável, minha alma, alma de Allen, Allen -
e você tão amada, tão doce, tão lembrada na sua verdadeira amabilidade,
seu Allen original nu respirando
alguma vez você voltará a negar alguém?

Querido Walter, obrigado pelo seu recado
Proibo-o de deixar de tocar-me, homem a homem, Autêntico Americano.

Bombardeiros rasgam o céu, em uníssonos doze,
os pilotos suam nervosos diante dos comandos das suas cabines quentes.
Sobre quais almas despejarão eles suas bombas mal-amadas?

O Campanário espeta as nuvens com sua inocente cabeça de granito branco (?) para que eu o olhe.

Uma senhora aleijada explica a gramática francesa com uma voz
aguda e doce: Regarder é olhar -
toda a língua francesa olha nas árvores do campus.

As vozes assombradas das garotas marcam silenciosos encontros para as 2 horas - no entanto uma delas acena dando adeus e acaba sorrindo - sua saia vermelha balançando mostra o quanto ela se ama.

Outra, envolta num clarão de saias escocesas, saltita apressada sobre o cimento - pela porta - oh, coitada! - quem irá recebê-la nos escritórios do amor?

Quantos garotos lindos eu já vi neste lugar?
As árvores parecem a ponto de mexer-se - ah! elas se mexem na
brisa.
Novamente o ronco dos aviões no céu. Todos olham para cima.

E você sabia que todo esse esfregar de olhos & dolorosos movi-
mentos da testa
dos estudantes de terno entrando em Dwinelle (saguão) são
sinais sagrados? - ansiedade ou medo?

Por quantos anos terei que flutuar nesse adocicado cenário de
árvores & seres humanos pisoteando o chão -
Oh, devo estar maluco a ficar por aqui sentado sozinho no vazio
& espiando & construindo pensamentos de amor!
Mas do que devo duvidar a não ser dos meus próprios olhos
brilhantes, o que tenho a perder a não ser a vida que hoje
é uma visão nesta tarde.

Meu estômago está leve, descontraio-me, novas frases entram em cena para descrever as formas espontâneas do Tempo - árvores, cachorros dormindo, aviões atravessando o ar, negros com seus livros para o lanche da ansiedade, maçãs e sanduíches, hora do almoço, sorvete, Intemporal -

E até mesmo o mais feio buscará a beleza - "O que você vai fazer Sexta à noite?"
pergunta o marinheiro com seu gorro branco de aprendiz & botões dourados & capote azul,
e o macaquinho de paletó verde e calças bojudas e pasta cheia de livros na qual está escrito "Quartetos"
Toda Sexta à noite, belos quartetos para homenagear e agradar minha alma e toda a sua cabeleira - Música![151]
e ele depois se afasta em largas passadas, partindo pedaços de chocolate de uma barra embrulhada em papel Hershey marrom e papel prateado,
comendo a rosa de chocolate.

& como poderão esses outros garotos ser felizes em seus uniformes marrons de treinamento militar?

Agora uma menina aleijada rebola enquanto caminha com gestos de foda dos seus quadris tortos -
deixa ela rolar seus olhos em abandono & "camp"[152] angelical pelo campus rebolando prazeirosamente o corpo -
alguém certamente sacará essa energia pélvica.

Essas listas brancas escorrendo da sua torta de chocolate, Senhora (segurando-a diante do seu nariz enquanto termina a frase preparatória da mordida),
foram pintadas aí para deliciá-la pela artística mão industrial de algum espanhol numa distante doceira,
habilidosa mão para simplórias mensagens de listas brancas em milhões de doces-mensagem.
Eu tenho uma mensagem para vocês todos - denotarei cada uma das suas particularidades!

E lá vai o Professor Hart cruzando iluminado pelos anos o portal e a arcada que ele construiu (na sua mente) e conhece - ele também viu certa vez as ruínas de Yucatan -

seguido por um solitário faxineiro de chapéu cinzento de vendedor italiano de frutas como o de Chico Marx[153] empurrando sua redonda barriga entre as árvores.

N[154] vê todas as garotas
como visões da
sua buceta interna,
sim, é verdade!
e todos os homens passam
por aí pensando
nos seus caralhos do espírito.

E agora vejam esse pobre garoto apavorado
com seus pêlos negros de dois dias
por toda a sua cara suja,
como deve odiar seu caralho
- Chineses parem de tremer

e agora, para terminar com isso, uma subida e uma elipse -

Agora, os garotos estão conversando com as meninas "Se eu fosse uma garota eu amaria todos os rapazes" & as garotas dando risadinhas do outro lado, todas bonitas de algum jeito e até eu tenho minhas camas e amantes secretos sob outra luz da lua, estejam certos

e a qualquer momento espero ver entrar em cena um carrinho de bebê
e todo mundo voltar-se atento como o fizeram para os aviões e a risada, como num Campus grego
e o cachorrão marrom de pêlos hirsutos deitado preguiçosamente na sombra de olhos abertos
levanta a cabeça & fareja & baixa a cabeça sobre suas patas douradas & deixa sua barriga roncar despreocupadamente.
. . . os rubros olhos do leão
Deixarão escorrer lágrimas de ouro.[155]

Agora o silêncio é quebrado, estudantes derramam-se pela praça, as portas estão cheias, o cachorro levanta-se e vai embora,
a aleijada rebola saindo de Dwinelle, até mesmo uma monja, pergunto-me a seu respeito, uma velha senhora tornada distinta por sua bengala,
olhamos todos, o silêncio se mexe, enormes mudanças no chão, e no ar voam pensamentos por todo lugar, enchendo o espaço.

Minha dor por Peter não me amar era uma dor por eu mesmo não me amar.
Enormes Carmas de mentes partidas em corpos maravilhosos incapazes de receberem o amor por não se reconhecerem a si mesmos como adoráveis - Pais e Professores!

Vejo em todas as pessoas a visível evidência de um eu interior pelo modo como me tratam: quem se ama me ama a mim que me amo.

1956

Garatuja[156]

Rexroth, seu rosto refletindo a cansada
        bem-aventurança humana
Cabelo branco, sobrolho vincado
        bigode tagarela
                flores jorrando
                        da cabeça triste,
ouvindo Edith Piaf e suas canções de rua
        enquanto ela passeia com o universo
                e toda sua vida que passou
                e as cidades que desapareceram
                        só ficou o Deus do amor
                                sorrindo

Meu triste Eu

para Frank O'Hara[157]

Certas vezes quando meus olhos estão vermelhos
eu subo até o alto do prédio da RCA
e contemplo meu mundo, Manhattan –
meu prédio, ruas onde pratiquei façanhas,
coberturas de prédios, camas, apartamentos
sem água quente
– na Quinta Avenida embaixo a qual também está presente
na minha mente
seus carros-formiga, pequenos táxis amarelos, homens
que caminham do tamanho de fiapos de lã –
Panorama das pontes, nascer do sol sobre a máquina de Brooklyn,
pôr do sol sobre Nova Jersey onde nasci
& Paterson onde brinquei com formigas –
meus amores mais tarde na 15ª Rua,
meus amores no Baixo East Side,
meus fabulosos amores de outrora no Bronx
distante –
caminhos cruzados nessas ruas escondidas,
minha história recapitulada, minhas ausências
e êxtases no Harlem –
– o sol brilhando sobre tudo o que tenho
num pestanejar para o horizonte
na minha última eternidade –
a matéria é água.

Triste,
tomo o elevador e vou
para baixo, pensativo
e caminho pelas calçadas olhando as vidraças
dos homens, os rostos,
querendo saber quem ama
e detenho-me atordoado
diante da vitrine da loja de automóveis
parado perdido em pensamentos calmos
o tráfego subindo e descendo pela 5ª Avenida
atrás de mim
esperando por um momento quando...

Hora de ir para casa & preparar o jantar & escutar
as românticas notícias da guerra pelo rádio

...todo movimento pára
& eu caminhe na tristeza atemporal da existência,
ternura escorrendo entre os prédios
as pontas dos meus dedos roçando o rosto da realidade
meu próprio rosto sulcado de lágrimas no espelho
de alguma vidraça – no crepúsculo –
quanto não sinto mais
qualquer desejo –
de bombons – ou de possuir roupas ou as lamparinas
japonesas do intelecto –

Confuso por causa do espetáculo ao meu redor,
o Homem batalhando nas ruas
com pacotes, jornais,
gravatas, ternos maravilhosos
rumo a seu desejo
Homens, mulheres, uma torrente nas ruas
luzes vermelhas disparando apressados relógios &
movimentos nas esquinas –

E toda essas ruas levando,
tão intrincadas, buzinadas, alongadas
para avenidas
espreitadas pelos altos prédios ou incrustadas
nos cortiços
no meio desse trânsito engarrafado
carros e motores que berram
tão dolorosamente até chegar a esse
campo, esse cemitério
essa quietude
de leito de morte ou montanha
já vista
nunca mais reconquistada ou desejada
pela mente que chegará
no dia em que toda a Manhattan que eu vi tiver desaparecido

NY, 1958

Peço-lhe que volte & fique contente

Esta noite fiquei ligado na janela do meu apartamento
sentado às 3 da manhã
olhando incandescentes tochas azuis
embaixo a rua amplamente iluminada
densas sombras assomando no asfalto recém-colocado
– assim como os rabinos medievais da semana passada
andando penosamente no escuro
lixo cruamente virado – bastões
& latas
e senhoras cansadas sentadas nos latões
de lixo espanhol – no calor mortal
– faz um mês
os hidrantes de incêndio tiveram um vaza-
mento –
hoje às 3 da tarde o sol numa neblina –
agora tudo escuro lá fora, um gato silencioso
atravessa a rua – eu mio
e ele olha para cima e passa por
uma pilha de entulho no caminho
até o brilhante latão dourado de lixo
(fósforo na noite
e fedor do beco)
(ou então do lixo nas portas)
– Acho que a América é um caos

A polícia atravanca as ruas com sua ansiedade
A viatura guincha & pára
Hoje uma mulher, 20 anos, bateu no irmão
que brincava com seus tijolos infantis
brincava com um enorme rochedo –
"Não faça isso agora! a polícia! a polícia!"
E não havia polícia lá –
Olho por cima do meu ombro –
Um monte de lixo do outro lado.

Gás lacrimogêneo! Dinamite! Bigodes!
Deixarei crescer a barba e carregarei adoráveis
bombas,[158]
destruirei o mundo, me infiltrarei entre
as fendas da morte
E transformarei o universo – Ha!
Tenho o segredo, carrego
salames subversivos na
minha pasta amarrotada
"Alho, pobreza, um testamento para o céu,"
um estranho sonho na minha carne:

Nuvens radiantes, eu ouvi a voz de Deus no
meu sono, ou de Blake acordado,[159] ou minha
própria ou
o sonho de uma rotisseria de vacas mugindo
e porcos grunhindo –
O golpe de uma facada
um dedo decepado no meu cérebro –
umas poucas mortes que eu conheço –

Oh, irmãos na Láurea
Será o mundo real?
Será a Coroa de Louros
uma piada ou uma coroa de espinhos? –

Depressa, passa
pelo cu
Lá vou eu
Vem Pavor

– a rua lá fora,
eu espreitando Nova York
O caminhão negro passa roncando &
vibrando fundo –

Que
tai
se
os
mundos
fossem
uma
série
de degraus
Que
tal
se
os
degraus
se encontrassem
de novo
na
Margem

– Deixando-nos voar como pássaros para dentro do Tempo
– olhos e faróis de carros –
A retração do vazio
dentro da Nebulosa

Essas Galáxias cruzam-se como roldanas & elas passam

como gás –
Que florestas nascem.

15 de setembro, 1959

Para um velho poeta no Peru[160]

Porque nos encontramos ao escurecer
Debaixo da sombra do relógio
da estação
Quando minha sombra visitava Lima
E seu espectro morria em Lima
rosto velho precisando fazer a barba
E minha barba juvenil brotando
magnífica como os cabelos dos mortos
nas areias de Chancay
Porque por engano pensei que você estava
melancólico
Saudando seu pé de 60 anos de idade
com o cheiro de morte
das aranhas no assoalho
E você saudando meus olhos
com sua voz de anisete
Por engano achando-me genial
por eu ser tão moço
(meu rock and roll é o movimento de um
anjo voando na cidade moderna)
(seu obscuro arrastar os pés é o movimento
de um serafim que perdeu
suas asas)

Beijo-o na sua gorda bochecha (mais uma vez amanhã
Debaixo do esplêndido relógio de Disaguaderos)
Antes de eu partir para minha morte num desastre aéreo
na América do Norte (há muito tempo)
E você partir para seu ataque do coração numa rua
indiferente da América do Sul
(Ambos rodeados pelos gritos
de comunistas com flores
enfiadas no cu)
– você muito antes de mim –
ou numa longa noite só num quarto
no velho hotel do mundo
observando uma porta negra
...rodeado de pedaços de papel

MORRE COM GRANDEZA NA TUA SOLIDÃO

Velho ,
Eu profetizo a Recompensa

Mais vasta que as areias de Pachacamac
Mais brilhante que uma máscara de ouro batido
Mais doce que o gozo dos exércitos nus
fodendo no campo de batalha
Mais rápida que um tempo passado entre
a velha noite de Nasca e a nova Lima
ao anoitecer
Mais estranha que nosso encontro junto ao Palácio
Presidencial em um café
fantasmas de uma velha ilusão, fantasmas
do amor indiferente –

A OFUSCANTE INTELIGÊNCIA

Emigra da morte
Para oferecer-te novamente um sinal da Vida

Bravia e bela como uma trombada de automóveis
na Plaza de Armas

Eu juro que vi essa Luz
Não deixarei de beijar sua horrenda bochecha
quando seu caixão for fechado

E os carpidores humanos partirem
para seu velho e cansado
Sonho.

E você despertar no Olho do
Ditador do Universo.

Outro milagre estúpido! Estou
enganado mais uma vez!
Sua indiferença! meu entusiasmo!
Eu insisto! Você tosse!
Perdidos no vagalhão de Ouro que
escorre através do Cosmos.

Argh, estou cansado de insistir! Até logo,
eu vou para Pucalpa
para ter visões.
Seus límpidos sonetos?
Eu quero ler seus mais sujos
e secretos rascunhos,
sua Esperança,
na Sua mais obscena Magnificência. Meu Deus!

19 de Maio de 1960

Nota: *Chancai, Pachamanic, Nasca – culturas pré-incaicas do deserto costeiro do Peru. Miríades de relíquias foram encontradas por saqueadores de túmulos escavando a areia dessas necrópoles.*[161]

Allen Ginsberg

Nota bibliográfica

Poesia:

Howl and Other Poems, City Lights Books, San Francisco, 1956.

Kaddish and Other Poems, City Lights Books, SF, 1961

Empty Mirror, Early Poems, Totem/Corinth, New York, 1961.

Reality Sandwiches, City Lights Books, SF, 1963.

Ankor Wat, Fulcrum Press, London, 1968.

Airplane Dreams, Anansi, City Lights Books, SF, 1968.

Planet News, City Lights Books, SF, 1969.

The Gates of Wrath, Rhymed Poems 1948-51, Four Seasons, Bolinas, 1972.

The Fall of America, Poems of These States, City Lights Books, SF, 1973.

Iron Horse, Coach House Press, Toronto/City Lights, SF, 1974.

First Blues, Full Court Press, NY, 1975.

Mind Breaths, Poems 1971/76, City Lights, SF, 1978.

Poems All Over The Place, Mostly 70's, Cherry Valley, NY, 1973.

Plutonian Ode, Poems 1977-1980, City Lights Books, SF, 1982.

Prosa

The Yage Letters, (com William Burroughs), City Lights, SF, 1963.

Indian Journals, David Hazelwood/City Lights, SF. 1970.
Gay Sunshine Interview; Grey Fox Press, Bolinas, 1974.
Allen Verbatim: Lectures on Poetry, etc., editado por Gordon Ball, McGraw Hill, NY, 1974.
The Visions of the Great Remeberer, Mulch Press, Amherst, Mass., 1974.
Chicago Trial Testimony, City Lights Trashcan of History Series, SF, 1975.
To Eberhart From Ginsberg, Penmaen Press, Lincoln, Mass., 1976.
Journals Early Fifties Early Sixties, editado por G. Ball, Grove Press, NY, 1977.
As Ever: Collected Correspondence Allen Ginsberg & Neal Cassady, Creative Arts, Berkeley, 1977.
Composed on the Tongue, (Literary Conversations, 1967-1977), Grey Fox Press, Bolinas, 1980.
Straight Heart's Delight: Love Poems and Selected Letters (com Peter Orlovsky), Gay Sunshine Press, SF, 1980.

Antologias, Entrevistas, Ensaios, Bibliografias, Álbuns Fotográficos:

The New Americam Poetry 1945-1960, Dow Allen ed., Grove Press, NY, 1960.
A Casebook of the Beat, T. Parkinson, ed., Thos. Y. Crowel, NY, 1961.
The Marihuana Papers, D. Solomon ed., Bobs-Merril, NY, 1966.
Paris Review Interviews (por Tom Clark), Viking, NY, 1967.
The Poem in its Skin, Paul Carrol ed., Big Table/Follet, Chicago, 1968.
Playboy (entrevista com Paul Carrol), Chicago, Abril 1969.
Scenes Along the Road, A. Charters ed., Gotham Book Mart, NY, 1970.
Allen Ginsberg Bibliography 1943-1967, G. Dowden ed., City Lights, SF, 1970.

Poetics of the New American Poetry, Allan & Tallman eds., Grove, NY, 1973.

The Beat Books, A. & G. Knight eds., Califórnia, PA., 1974.

The Naked Poetry, Berg &Mazey eds., Bobbs-Merrill, NY, 1976.

Visionary Poetics of Allen Ginsberg, Paul Portuges, Ross-Erikson, Santa Barbara, 1978.

Talking Poetics from Naropa Institute, Waldman and Webb eds., Shambala, Boulder, Vol. 1 - 1978, Vol. 2 - 1979.

Allen Ginsberg Bibliography 1969-1978, M. Kraus, The Scarecrow Press, Inc. Metuhen, New Jersey, 1980.

The Post Moderns, D. Allen & G. Butterick, Grove, NY, 1982.

Letters to Allen Ginsberg, por William Burroughs, 1953-57, Full Court Press, NY, 1982.

Gravações em Disco:

Howl and Other Poems, Fantasy-Galaxy Records, Berkeley, 1959.

Kaddish, Atlantic Verbum Series, NY, 1966.

William Blake's Songs of Innocence &of Experience Tuned by Allen Ginsberg, MGM Records, 1970.

Blake Album II, Fantasy-Galaxy Records, 1971.

Gate, duas noites com Allen Ginsberg, The Loft, Munich, 1980.

First Blues: Songs, produzidos por John Hammond, 1975-81, John Hammond Records, NY, 1983.

Giorno Poetry Systems, 1975-80, G.P.S. Institute, NY.

First Blues, A. G. em harmônio, A. &S. Charters, Folkways Records, NY, 1981.

Birdbrain, com The Gluons, Wax Tax 1981, Denver, Colorado.

Filmes:

Pull My Daisy, dir. Robert Frank &A. Leslie, roteiro de Jack

Kerouac com Corso, Orlovsky, Rivers e Amram, NY, 1958 dist. New Yorker Films.

Me & My Brother, direção de Robert Frank com os irmãos Orlovsky, Joe Chaikin, NY, 1960, mesma distr.

Reinaldo & Clara, dirigido por Bob Dylan e astros da Rolling Thunder Review, distribuído por Circuit Films, Minneapolis, Minessota.

Fried Shoes, Cooked Diamonds, com Corso, Burroughs, Leary, Orlovsky, Waldman, direção Constanzo Allione, distr. Centre Productions, Boulder, Colorado.

The Living Tradition: Ginsberg on Withman, filme e mais cassette e guia para professores, Center Productions.

Obras sobre Ginsberg e a Beat

A seguir, são apresentadas as principais fontes de consulta para a preparação do ensaio, das notas e da própria tradução.

Tyttel, John, *Naked Angels,* McGrawHill, 1976; um excelente estudo sobre Ginsberg, Kerouac e Burroughs, combinando de forma inteligente o levantamento biográfico e o ensaio literário; um dos melhores livros sobre o tema Beat.

Cook, Bruce, *The Beat Generation,* Charles Scribner & Sons, 1970: Cook é jornalista e crítico literário e nesta obra atua mais como jornalista fazendo uma grande reportagem, um painel abrangente e informativo sobre o assunto. Há uma tradução espanhola (*La Generation Beat,* ed. Barral, 1974), que vale a pena ser lida.

Kramer, Jane, *Allen Ginsberg in America,* Vintage Books, 1968, depoimentos e reportagens sobre a movimentação de Ginsberg na época, com "flash-backs" biográficos; bastante marcado pela euforia triunfalista daquele momento. Há uma tradução francesa (da UGE, de 1973).

Faas, Ekbert, *Towards a New American Poetics,* Black Sparrow Press, 1978; estudos e depoimentos sobre poetas contemporâ-

neos americanos, inclusive Ginsberg, Creeley e Bly, com uma elucidativa entrevista de Ginsberg.

Lebel, Jean Jacques e Jouffroy, Alain, *La Poésie de la Beat Generation,* ed. Denoêl, 1965: uma antologia abrangente, com o resumo biográfico dos principais poetas Beat, um pouco datada e marcada pelo deslumbramento da descoberta da Beat pelos franceses.

Krim, Seymour, *A Geração Beat,* Brasiliense, 1970; a tradução da antologia *The Beats,* bastante desigual, incluindo alguns autores sem maior importância e uma longa peça de Mailer que pouco tem a ver com o tema; vale a pena por reproduzir também alguns textos contra a Beat, que todos deveriam ler para evitar sua repetição 30 anos depois.

Pivano, Fernanda, *Jukebox All'Idrogenio,* Mondadori, 1965, e *Mantra del re di Maggio,* Mondadori, 1973; edições bilingües, recomendadas como sua melhor tradução pelo próprio Ginsberg; *Jukebox* abre com um ensaio enorme (80 pgs.) de Pivano, tentando mostrar que Ginsberg é um grande poeta e não só um fenômeno comportamental; nota-se um certo receio diante de uma possível censura italiana em algumas das justificativas usadas; *Mantra* abre com um importante depoimento de Ginsberg onde ele explica sua concepção de prosódia e a importância que teve para ele a leitura de Pound, e fecha com a tradução italiana da sua entrevista para a Paris Review. Há diferença entre a tradução de Pivano e a feita aqui, sob dois aspectos: um é a tentativa de maior aproveitamento da sonoridade da língua e outro, certas desconstruções de frases na tradução italiana para a adjetivação de substantivos de Ginsberg, como por exemplo *"albe cimiteri alberi verdi retro cortili"* para *"backyard green tree cemetery dawns".*

OM . . . Entrétiens et Témoignages, ed. Seuil/Tel Quel, 1979, uma excelente edição francesa de entrevistas e depoimentos

com sua entrevista para a Paris Review por Thomas Clark, o relato dos encontros de Ginsberg e Pound, o depoimento para o processo dos "sete de Chicago" (onde Ginsberg deixou a Comissão de Inquérito perplexa com suas explicações sobre Mantrans) e a entrevista para o *Gay Sunshine.*

Sexualidade e Criação Literária, ed. Civilização Brasileira, 1980, coletânea de entrevistas com *gays* literariamente importantes, inclusive Burroughs e Ginsberg, que fala de anarquismo, transmissão do conhecimento através de relações homossexuais, sua expulsão de Cuba e outros temas interessantes.

Da obra de Ginsberg, além das poesias, foram de especial utilidade o *Allen Verbatim* (editado por Gordon Ball, que durante um tempo seguiu Ginsberg com um gravador, transcrevendo palestras e debates sobre literatura e suas explosivas revelações sobre o tráfico de drogas e sua relação com a ação da polícia e da CIA), além dos *Journals.*

Notas da tradução

As notas são indispensáveis na tradução de Ginsberg, cuja poesia é rica em alusões, referências a outros textos, a lugares e pessoas, a passagens autobiográficas e momentos da trajetória Beat. Boa parte das notas baseia-se nas da edição italiana, já citada, feitas por Fernanda Pivano. Também foram utilizados dados biográficos sobre Ginsberg e outros autores e personagens, extraídos dos livros de Titell, Cook e Kramer, entre outros, e dos diários de Ginsberg (*Journals Early Fifties Early Sixties*) além das informações dadas por ele próprio, na correspondência que mantivemos sobre sua tradução para o português. Alterações significativas e licenças poéticas na tradução foram sempre devidamente anotadas.

1. *William Carlos Williams* - é um dos maiores poetas americanos do século XX, líder do movimento "nativista", inovador, entre outros motivos, por incorporar a linguagem falada à poesia, aproveitando seu ritmo e valores sonoros para criar uma nova prosódia. Nasceu e passou sua vida em Paterson, Nova Jersey, onde praticou a medicina. Paterson é também o lugar de nascimento de Ginsberg, além de tema de um dos principais poemas de Williams. Conheceram-se em 1948; o contato com Williams ajudou Ginsberg a ampliar suas concepções sobre a criação poética, desde então mais voltada para a espontaneidade e os valores sonoros da fala. Williams prefaciou não só *Uivo* mas também *Empty Mirror*, uma coletânea de poemas anteriores de Ginsberg que só foi publicada em 1961.
2. O poema *Uivo* foi escrito em fins de 1955, na época em que Ginsberg morou na Califórnia, e foi lido no famoso recital poético da Galeria Six de San Francisco. Publicado em 1956, valeu um processo por pornografia contra seu editor, o também poeta Lawrence Ferlinghetti. Verdadeira bíblia Beat, sua importância é enorme, como painel e manifesto de uma geração rebelde e também pelo que apresenta de inovações literárias. Suas longas frases, com um ritmo muito veloz, receberam influência da

"prosódia bop espontânea" de Jack Kerouac, principalmente da poesia em prosa do seu *Visions of Cody.* Também retoma trechos e situações de *On the Road.* Segundo Ginsberg, influiu na sua criação a leitura de hai-kus e outros textos orientais. Muitos críticos o acharam torrencial, porém prolixo. É um erro de avaliação. *Uivo* é um texto sintético (daí seu ritmo): cada uma das suas frases longas é uma série de versos curtos, encadeados. Ou seja, é como se fosse uma sucessão de poemas breves e rápidos. Alguns deles tem uma estrutura semelhante ao Hai-Ku: três enunciados, onde cada um deles modifica ou questiona o anterior.

Carl Solomon, a quem está dedicado *Uivo,* é um escritor "neo-dadaísta", autor de *Mishaps Perhaps.* Ginsberg o conheceu no Instituto Psiquiátrico de Columbia, onde permaneceu internado durante 8 meses em 1948. O internamento foi uma forma de evitar sua prisão, por sugestão dos advogados da Universidade de Columbia, onde ele terminava sua graduação depois de uma carreira acadêmica das mais tumultuadas. Isto, como conseqüência de um desastrado incidente, quando Ginsberg foi flagrado num carro roubado, em companhia de Herbert Huncke e mais dois delinqüentes que ele abrigava no seu apartamento do Harlem. O encontro de Ginsberg e Solomon é famoso: ambos, ao se verem, apresentaram-se como personagens de Dostoievski: "Quem é você?", "Eu sou Michkine" (Ginsberg); "Eu sou Kirilov" (Solomon). Solomon havia morado na França e conhecia bem a literatura francesa moderna, o Dadaísmo, Surrealismo e Artaud, sobre o qual havia feito um trabalho; contribuiu para familiarizar Ginsberg com essa vertente literária. Saindo do hospício, Solomon foi trabalhar como leitor para a Ace Books, ajudando na publicação do *Junkie* de Burroughs.

3. *Hipsters* - expressão de gíria do circuito de jazz e drogas nos anos 40, designando o marginal rebelde e tomador de drogas. Depois, sua utilização ampliou-se em conexão com a difusão da Beat. Norman Mailer, em 1958, escreveu vários estudos sobre o "Hipster" (em *Advertisement for Myself*), romantizando-o, fazendo sua apologia como precursor de uma nova cultura e contrastando-o com o "Square", o quadrado. Na época, "hipster" era quase sinônimo de Beat. Daí deriva seu diminutivo, "hippie", corrente a partir dos anos 60.

4. *Odes obscenas nas janelas do crânio* - é o episódio que provocou a suspensão (e quase expulsão) de Ginsberg da Universidade de Columbia em 1945. Com 19 anos, Ginsberg já era um rebelde provocador na vida acadêmica, visto com reservas por freqüentar a vida boêmia e "hipster" de Nova York e ter-se tornado amigo de figuras como William Burroughs, Jack Kerouac e Herbert Huncke. Sua faxineira recusava-se a arrumar seu alojamento na universidade; em represália, Ginsberg escreveu algumas frases com o dedo na poeira que recobria a janela: *Fuck the Jews* (ele mesmo era judeu) e a afirmação que o então reitor de Columbia não tinha

culhões. A suspensão também se deveu a Ginsberg hospedar no seu alojamento a Jack Kerouac e Lucien Carr, que haviam sido expulsos de Columbia e estavam proibidos de pôr os pés lá.

5. *Laredo* - no Texas, fronteira com o México, ponto de passação de drogas pela fronteira, algo assim como Corumbá ou Ponta Porã no caso brasileiro. Em fins dos anos 40, Burroughs teve uma fazenda no Texas (perto de Houston) onde plantava maconha.

6. *que comeram fogo em hotéis mal-pintados ou beberam terebentina* - alusão ao suicídio de um jovem poeta da época, que realmente bebeu terebentina. *Hotéis mal-pintados,* no original *paint hotels:* havia uma lei municipal em Nova York pela qual todos os prédios tinham que ser pintados a cada dois anos. Evidentemente, os hotéis baratos e outros prédios pobres eram recobertos por uma pintura aplicada de qualquer jeito.

7. *álcool e caralhos e intermináveis orgias* - no original, *endless balls,* sendo que balls é ambíguo e polissêmico, pois quer dizer bolas, culhões (relativo ao caralho da mesma frase), bailes, drogas e, em "slang", festas orgiásticas.

8. *incomparáveis ruas cegas sem saída:* aqui há uma dupla tradução para uma palavra com duplo sentido. No original, *incomparable blind streets,* onde *blind street* pode ser a mesma coisa que *blind alley,* um beco sem saída. A imagem *ruas cegas* (tradução literal) também cabe, pelo contraste com o *clarão da mente* e os postes de iluminação que vem logo em seguida. Ginsberg usa muito as palavras com duplo sentido, como recurso para a polissemia. Sempre que isto tem uma função no texto enriquecendo-o e adequando-se ao seu ritmo e prosódia, foi utilizada a dupla tradução, uma palavra para cada sentido.

9. *pulando nos postes dos pólos do Canadá & Paterson* - é o mesmo caso da nota anterior. No caso original, *leaping towards the poles of Canada &Paterson.* Onde *pole* tanto pode ser um pólo geográfico como um poste de rua, mastro, estaca, etc. A dupla tradução gerou uma aliteração perfeitamente coerente com o estilo de Ginsberg.

10. *Bickford's* - cadeia de lanchonetes onde Ginsberg trabalhou como lavador de pratos depois de formar-se em Columbia. Na mesma frase, há outra lanchonete, *Fugazzi's,* que ficava no Village e também é citada no *Kaddish.*

11. *pulverizações tangerianas de ossos* - alusão ao reumatismo que Burroughs teve em Tanger naquela época, de tanto drogar-se. *Newark,* na mesma frase, fica em Nova Jersey (assim como Paterson), encostado em Nova York; algo como Osasco ou Guarulhos para São Paulo; atualmente abriga a colônia portuguesa da região.

12. *e assim embarcaram num navio para a África* - alusão autobiográfica à viagem num petroleiro até Dakar em 1947, depois de reencontrar-

se com Burroughs na sua fazenda no Texas e antes de retomar sua graduação em Columbia, interrompida pela suspensão de 1945. Ginsberg já havia trabalho em navios de carga no ano anterior e voltaria a fazê-lo em 54, já morando na Califórnia e viajando até o Ártico.'

13. *que desapareceram nos vulcões do México:* alusão ao suicídio do poeta John Hoffman, que se jogou num vulcão do México. A propósito de México, também a viagem relatada no final de *On the Road* e a temporada que Burroughs passou lá em 1950/51. Ginsberg permaneceu seis meses no México, em 53/54, antes de estabelecer-se na Califórnia, hospedado numa fazenda na região de Palenque. Na mesma frase, *a cinza da poesia espalhada na lareira Chicago,* sobre os originais de textos queimados por seus autores que não conseguiam encontrar editor.

14. *que distribuíram panfletos supercomunistas:* neste trecho, *Union Square* é a praça de Nova York, ponto de reunião do pessoal do Village, de Beats e onde se faziam manifestações políticas; *Los Alamos* (Nevada), o centro de pesquisas nucleares onde foi desenvolvido o projeto da bomba atômica; *Staten Island,* ilha residencial em Nova York à qual se chega de balsa. A balsa comparece nos poemas de Ginsberg associada à barca da morte: ver o final de *Um Supermercado na Califórnia.*

15. *NC, herói secreto destes poemas* - Neal Cassady, protagonista de alguns dos romances de Kerouac: Dean Moriarty em *On the Road*, Cody Pomeroy em *Visions of Cody* e *Book of Dreams.* Cassady escreveu *The First Third*, narrativa autobiográfica sobre sua infância em companhia do seu pai em Denver, ou seja sua vida com um vagabundo errante e alcoólatra. Ele é um personagem axial na Beat. Conheceu Ginsberg e Kerouac em 1946 em Nova York, conforme é narrado na abertura de *On the Road,* quando acabava de sair do reformatório. Sua exuberante conversação tem algo a ver com a "prosódia bop" de Kerouac. Em 1948, teve uma relação a três com Ginsberg e com sua própria mulher. Ginsberg tentou recomeçar esse relacionamento em 1954, quando Cassady, novamente casado, morava em San José, Califórnia, e trabalhava como ferroviário. Ver, a propósito, o poema *O Automóvel Verde,* incluído nesta edição. Cassady, cuja vitalidade e apetite sexual eram impressionantes, levou uma vida errante, juntou-se por algum tempo ao grupo nômade ligado ao escritor Ken Kesey e morreu, por excesso de drogas, em 1969 no México.

16. *e o horror dos sonhos de ferro da Terceira Avenida* - nesta avenida passava uma via elevada de trem, sobre uma estrutura de ferro.

17. *agências de emprego* - os *unemployment offices*, agências de assistência a desempregados. Na época em que escreveu *Uivo*, Ginsberg havia parado de trabalhar e vivia apenas do subsídio para desempregados.

18. *que caminharam a noite toda com os sapatos cheios de sangue* - alusão ao reencontro de Ginsberg com Herbert Huncke em 48, quando

este saiu da prisão e passou quatro dias vagando por Nova York antes de aparecer no seu apartamento no Harlem, com os pés escorrendo sangue; este reencontro precede a prisão e internamento de Ginsberg relatados acima.

19. *fundo lodoso dos rios de Bovery* - Bovery é um bairro de boêmios e marginais, algo como o Baixo Bexiga em São Paulo ou Baixo Leblon no Rio.

20. *clavicêmbalos nos seus sótãos:* no seu diário, Ginsberg fala de Bill Keck, que construía pianos artesanais (clavicórdios ou harpsicórdios) e morava num sótão de cobertura (um "loft"), contando como ambos tomaram Peiote, o alucinógeno mexicano, em 1952.

21. *rodeados pelos cestos de laranja da teologia* - o apartamento de Ginsberg no Harlem em 1948 era sublocado de um amigo seu, teólogo; os caixotes de laranja serviam como estantes para os livros.

22. *borsht* - a sopa russa de beterrabas, também prato típico na cozinha judaica. Ginsberg descende de judeus russos (a propósito, ver *Kaddish).*

23. *Madison Avenue* - a avenida, em Nova York, das agências de propaganda e outros altos negócios.

24. *ruelas de sopa & carros de bombeiros de Chinatown* - no bairro chinês de Nova York de fato havia alguns pontos de distribuição de sopa para os pobres.

25. *saltaram no imundo rio Passaic* - este rio atravessa Nova Jersey e nele se suicidou um dos amigos de Ginsberg; ver o poema *Fragmento 1956*, onde este e outros episódios mencionados no *Uivo* são retomados.

26. *Birminghan* - cidade do Alabama na qual, ao que consta, teria surgido o Jazz.

27. *Denver* - no Colorado, a cidade de Neal Cassady (ver *On the Road);* lá estava Ginsberg em 1947, durante seu relacionamento mais íntimo com o aventureiro errante. Ver, também o poema *O Automóvel Verde.*

28. *Alcatraz* - a famosa prisão insular de San Francisco também é mencionada em outro poema incluído nesta edição, *Sobre a Obra de Burroughs.*

29. *que se recolheram ao México para cultivar um vício:* referência, principalmente, ao período em que William Burroughs, já totalmente dependente de heroína, morou no México, e que terminou quando ele matou acidentalmente sua mulher Joan, em 1951. Ver, nesta edição, o poema *Relato de Sonho,* e também o *Junkie* de Burroughs.

30. *Montanhas Rochosas* - Denver fica no sopé desta cadeia de montanhas. Ver, também, *O Automóvel Verde.*

31. *Tanger para os garotos* - novamente a propósito de Burroughs, que viveu num prostíbulo masculino de Tanger em 1952, voltou para lá em 1954 e permaneceu até 57, vivendo com garotos de aluguel, drogando-se pesadamente e escrevendo o *Naked Lunch.* Ao que consta, Burroughs

passou seu último ano lá sem tomar banho ou trocar de roupa uma só vez, durante um ano inteiro. Percebendo que estava a ponto de morrer, foi para Londres, fez um tratamento de desintoxicação, cortou a heroína, mudou-se em 58 para Paris, onde terminou seu *Naked Lunch* (na mesma época em que Ginsberg também esteve lá).
32. *Pacífico Sul para a locomotiva negra* - um jogo de palavras com Southern Pacific, a ferrovia na qual Cassady trabalhava. Sobre a locomotiva negra como símbolo, ver também o *Sutra do Girassol*, nesta edição.
33. *Harvard* - Gregory Corso morou nessa famosa universidade durante quase dois anos (1954/55), praticamente o tempo todo trancado na biblioteca, pesquisando principalmente Shelley e o romantismo inglês. Corso conheceu Ginsberg em 1950, aos 20 anos, recém-saído da prisão de Clinton, Dannemora, onde permaneceria por três anos e escrevera seus primeiros poemas.
34. *que jogaram salada de batatas em conferencistas* - o autor da façanha foi Carl Solomon, pouco depois de ele e Ginsberg se conhecerem.
35. *domínios de mausoléu druídico do amor* - no original, *dolmen-realms of love*, onde *dolmen* designa os mausoléus encontráveis nas Ilhas Britânicas, feitos de gigantescas pedras; daí a imagem seguinte, *corpos tão pesados quanto a Lua*. Na mesma frase, *Pilgrim State, Rockland, Greystone,* manicômios.
36. *Beat* - o termo Beat foi cunhado por Herbert Huncke e difundido por Kerouac e por John Clellon Holmes, autor de *Go!* É uma palavra ambígua e polissêmica, pois tanto quer dizer batido, derrotado ("beaten") como também a batida rítmica do jazz. *Beatnik,* no mesmo sentido, é um termo depreciativo, criado pela mídia conservadora.
37. *Moloch* - a divindade fenícia e cartaginesa para quem eram feitos sacrifícios humanos. Sob efeito de Peiote, Ginsberg olhou um prédio de San Francisco e viu nele as feições do deus-devorador, inspirando o trecho.
38. *Rockland* - o manicômio estadual onde Solomon, na época, estava internado.
39. *Utica* - cidade industrial do estado de Nova York, lugar particularmente árido e desagradável, inspirando a Ginsberg a imagem das suas mulheres vertendo chá pelos seios em vez de leite.
40. *dentro da Noite Ocidental* - aqui houve uma licença poética na tradução. No original é *Western Night* e refere-se à noite na Califórnia, na Costa Oeste americana, onde Ginsberg na época morava no chalé também mencionado em outros textos dessa edição, como *Transcrição de Música de Órgão*, o final da parte II de *Kaddish* e *Um Estranho Chalé Novo em Berkeley*. Acontece que Western em inglês tanto pode ser referente ao Oeste como Ocidental (da mesma maneira como *Eastern,* que pode ser no Leste americano ou no Oriente asiático). Traduzindo

Western por *Ocidental* em lugar de *do Oeste*, o sentido da imagem é ampliado.
41. *Peter* - Nesta frase são citados vários integrantes do grupo Beat de Nova York. Peter Orlovsky é poeta e músico. Ginsberg o conheceu em 1954 na Califórnia, passando ambos a ter um íntimo relacionamento que dura até hoje.
42. *Lucien* - é Lucien Carr, colega de Ginsberg e Kerouac em Columbia, desligado da universidade depois de ter cometido um assassinato. Carr incentivou Kerouac a escrever. Mais tarde, desligou-se da Beat, adotou um modo de vida convencional e pediu para que seu nome não fosse citado, ou seja, que a identidade dos personagens baseados nele, criados por Kerouac e Ginsberg, não fosse revelada.
43. *Huncke* - o já citado Herbert Huncke, que também morou um tempo com Burroughs na plantação de maconha no Texas e que, nos anos 50, chegou a estar preso em Sing-Sing. Os demais personagens na mesma frase são os já citados Neal Cassady, William Burroughs, Jack Kerouac, Carl Solomon e o próprio Allen Ginsberg.
44. *Jagarnata* - divindade oriental, uma das manifestações de Vishnu ou de Krishna.
45. *Letes* - o rio na entrada do Hades, o reino dos mortos da mitologia grega, cruzado pela barca de Caronte.
46. *SUTRA DO GIRASSOL* - os Sutra são textos védicos, de doutrina religiosa ou filosófica. O girassol é uma flor-símbolo para Ginsberg, que teve uma estranha experiência místico-visionária em 1948 no seu apartamento no Harlem; enquanto lia o poema *Ha! Sun-Flower* dos *Songs of Experience* de Blake e se masturbava, ouviu a voz do próprio Blake, recitando o poema; nesta ocasião, experimentou um estado de hipersensibilidade muito semelhante ao Satori budista ou a certas viagens de ácido. Esta experiência o convenceu que como poeta, estava destinado a prosseguir pela trilha de William Blake, ou seja, dos autores visionários, proféticos e messiânicos. Sua trajetória como poeta comprova que isto realmente aconteceu.
47. *Frisco* - San Francico. Os moradores desta cidade não apreciam essa designação.
48. *Sanduíches Gordurosos de Joe* - Joe's é outra cadeia de lanchonetes.
49. *Wobblies* - corruptela de *Industrial Workers of the World*, movimento operário e sindicalista de esquerda das primeiras duas décadas do século.
50. *Meu Psicanalista acha que estou muito bem* - as experiências de Ginsberg com a psicanálise são ricas e variadas. Quando conheceu Burroughs, em 44/45, este o psicanalisava (e também a Kerouac) estimulando-o a assumir sua identidade sexual e superar o sentimento de culpa. Na mesma época, tentou ser paciente de Wilhelm Reich. Mais tarde, interrom-

peu o tratamento com dois outros analistas, ortodoxos, percebendo que estes apenas tentavam enquadrá-lo nos padrões vigentes de normalidade. Finalmente, já em San Francisco, foi paciente de outro analista Philip Hicks; ao expor a insatisfação com a vida que levava na época (trabalhando em pesquisas de mercado) e seu desejo de tornar-se um eremita urbano dedicado à poesia, Hicks lhe perguntou porque, então, não fazia isso, mostrando-lhe que não havia nada de errado em viver de forma na qual se sentisse melhor. É significativo que a menção a isso compareça em *America*, poema de ruptura, totalmente informal e contrastante com os valores poéticos cultivados na época pela crítica de orientação acadêmica e formalista. Os parágrafos finais de *América* são escritos imitando a fala caipira e dos negros do Sul dos Estados Unidos.

51. *Tom Mooney* - líder político de centro-esquerda, preso várias vezes nos anos 30 e 40.

52. *Sacco e Vanzetti* - mártires do anarquismo; militantes operários falsamente acusados de um assassinato cometido em 1920, presos e executados na cadeira elétrica em 1927, apesar do protesto mundial contra esse assassinato. A propósito da simpatia de Ginsberg pelo anarquismo, ver sua entrevista para o *Gay Sunshine*, publicada no Brasil no volume *Sexualidade e Criação Literária* (Civilização Brasileira, 1980), onde relata, também, que alguns dos poetas do grupo San Francisco provinham de movimentos de tendência anarquista. *Os garotos de Scottsboro* são nove garotos negros presos em 1931 no Alabama, falsamente acusados de terem violentado uma mulher branca, criando-se em torno do episódio um grande escândalo de fundo racista.

53. *Amendoins* - no original "garbanzos", grão de bico; é interessante o tratamento que Ginsberg dá às reuniões do PC, ao mesmo tempo irônico e nostálgico, ou seja, uma provocação para os dois lados, para a esquerda tradicional e para o establishment conservador dos Estados Unidos em plena guerra fria, recém-saídos do Macarthismo e da guerra da Coréia.

54. *Scott Nearing* - candidato socialista à Presidência em 1919.

55. *Mãe Bloor* - Elia Reeve Bloor (1882-1951), líder do PC americano.

56. *Israel Amster* - outro líder comunista do período que antecede a 2ª guerra.

57. *Naomi Ginsberg* - mãe de Ginsberg. O poema *Kaddish* é um relato fiel da sua loucura e das experiências vividas por Allen Ginsberg na sua infância e juventude. Para muitos comentaristas, como Titell e Cook, *Kaddish* é não só o poema mais longo e de maior fôlego de Ginsberg mas também sua obra-prima, seu texto mais ousado, pela forma como ele concilia a narrativa e o ritmo e imagens da poesia. Pode-se ver que em Kaddish há uma tensão entre três códigos: as descrições feitas numa linguagem fluente e informal, os trechos solenes e eloqüentes e alguns to-

ques de ironia, auto-reflexivos, contrastando com a solenidade e a piedade. Na tradução deste poema, assim como em outros (*Supermercado na Califórnia,* inclusive) utilizou-se alternadamente as formas pronominais *tu* e *você*. Embora isto seja uma heresia gramatical, cabe no contexto, já que existe a variação, no original, entre o coloquial e informal (onde cabe o *você*) e o solene (onde deve ir o *tu*). Isto, além dos eventuais problemas de inteligibilidade que a forma indireta do *você* pode criar. Ginsberg começou a escrever Kaddish em 1957 em Paris, e o terminou em Nova York em 1959. A maior parte do texto (a 2ª parte) foi escrita de uma enfiada só, em 40 horas consecutivas, ao que consta sob efeito de uma mistura de morfina e meta-anfetamina; depois foi reelaborada e tornada mais enxuta, eliminando algumas repetições, inclusive a partir de sugestões feitas pelo poeta Lawrence Ferlinghetti, que leu a primeira versão.

Vale assinalar que não só *Kaddish,* mas também os demais poemas do livro com este título são um questionar e um tematizar a morte. O conjunto dos textos é algo como uma experiência iniciática, resultando em uma nova consciência e uma nova corporeidade depois desse confronto com a morte, tornado mais agudo pela ingestão de uma diversidade de alucinógenos.

Kaddish é um lamento fúnebre, o canto aos mortos da tradição hebraica; vários trechos transcrevem a liturgia judaica, porém dessacralizando-a, tornando-a parte de uma mística pessoal do próprio poeta, como no final da primeira parte do poema.

58. *Adonais* - Aqui Ginsberg está mencionando o poema com este título escrito por Shelley em 1821, em homenagem a Keats que acabara de morrer. *Adonai* é Senhor em hebraico.

59. *A chave na janela* - este símbolo é retomado e esclarecido no final da segunda parte do *Kaddish.*

60. *Louis* - é Louis Ginsberg, pai de Allen, também poeta, de algum renome mas bastante acadêmico e conservador. Na verdade, a trajetória de Ginsberg tem muito a ver com a busca da unidade, a superação do contraste entre duas imagens: a do pai, apolíneo, cerebral e contido, e da mãe, dionisíaca, louca e revolucionária; ou seja, mente e corpo, consciente e inconsciente.

61. *Marie Dressler* - atriz famosa dos primórdios do cinema.

62. *Chaliapin no Met* - Met é o Metropolitan Opera Theater. Chaliapin foi um grande cantor lírico, talvez o maior baixo-cantante do século, especializado em interpretar o papel-título da ópera *Boris Godunov* de Mussorgski.

63. *Jovens Socialistas* - no original, YPSL, *Young People Socialist League,* ou seja, o departamento juvenil da organização de esquerda.

64. *uma fábrica de escravos como caralhos* - aqui há um termo intradu-

zível, *sweatshop*, no original, que designaria um estabelecimento ou fábrica com condições de trabalho particularmente precárias e duras. Ginsberg imaginou um homem da neve e Frankenstein como representação da morte, cujo corpo seria uma colagem de coisas como um *sweatshop*, ferro elétrico, cachorro, etc.

65. *Emily Dickinson* - grande poetisa americana (1830/1886), de dicção intimista, desconhecida em vida e publicada postumamente.

66. *um tostão, um pão* - tradução de *a penny a pickle*, sacrificando a fidelidade mas mantendo a aliteração.

67. *Sacco Vanzetti, Norman Thomas, Debs Altgeld, Sandburg, Poe - Brochuras Azuis* - Norman Thomas foi candidato a Presidente pelo Partido Socialista; Eugene Debs, parlamentar e líder socialista; Altgeld chegou a ser governador de Illinois; Sandburg é o poeta Carl Sandburg; *Brochuras Azuis*, no original *Little Blue Books.* A expressão Blue Books reaparece, significando, conforme o contexto, panfletos políticos ou livros didáticos.

68. *Buba* - vovó em russo: é a avó de Ginsberg, mãe de Louis e sogra de Naomi.

69. *drogaria* - é a *drugstore* americana que além de produtos de farmácia tem balcão de lanchonete e de produtos diversos; por isso há pessoas tomando Coca.

70. *Zdanov* - Ministro soviético da cultura durante o stalinismo; "zdanovismo" e "realismo socialista" são sinônimos.

71. *Tia Rose* - tia de Ginsberg por parte do pai; ver logo adiante o poema dedicado a ela; promovia reuniões a favor dos legalistas espanhóis durante a guerra civil nesse país (1936/39).

72. *Pat Eve News* - abreviatura de *Paterson Evening News*, ou seja, o jornal vespertino de Paterson.

73. *Haworthone* - referência a Nathanael Haworthone, autor de *The Scarlett Letter*, mestre das histórias de mistério.

74. *Stenka Razin* - herói nacional russo, rebelde cossaco torturado e executado em 1671.

75. *Daily Worker* - era o jornal do PC americano.

76. *Buchenvald* - o campo de concentração nazista.

77. *Yisborach, v'yistabach...* - oração hebraica: *Seja bendito, seja louvado, glorificado, exaltado, alçado ao céu, declarado excelso, reverenciado, celebrado o nome do Santo, Bendito seja Ele.* A mesma oração é retomada no *Hino* do final deste trecho do Kaddish. O que foi dito acima, sobre o contraste entre diferentes códigos e a tensão poética daí resultante, é bem ilustrado por esta passagem: a descrição crua, realista e informal da cena de sedução, aliás extremamente ambígua, e logo em seguida a oração.

78. *aquele ano eu estive no hospício* - o internamento de 1948, já citado.

79. *Gimbel's* - loja de departamentos, algo como as nossas Lojas Americanas.
80. *Hearst* - William Randolf Hearst, magnata da imprensa americana, acusado de ser o rei da imprensa marrom e conservadora. O Cidadão Kane de Orson Welles teria sido inspirado nele.
81. *Shema Y'Israel* - em hebraico, *escuta Israel.*
82. *Svul Avrum* - é o nome do próprio Ginsberg em hebraico, Irving Allen, ou seja, Israel Abrahão.
83. *viagem ao México* - é a mesma viagem ao México relatada no seu Diário e mencionada em uma das notas do *Uivo*, em 1953, quando passou seis meses numa fazenda em Palenque; na volta, passou por Nova York e foi para a Califórnia, na tentativa de recomeçar sua relação com Neal Cassady.
84. *Colônia de Férias Nicht-Gedeiget* - é a mesma colônia de férias da Despreocupação mencionada antes, agora grafada em Ídiche.
85. *chalé da Costa Oeste* - o mesmo onde ele terminou de escrever *Uivo,* mencionado em seguida: *escrevi hinos aos loucos.*
86. *Ma Rainey* - grande cantora de jazz da primeira metade do século.
87. *Sheol* - o território da Morte, equivalente hebraico do Hades grego.
88. *Lord Beaverbrook* - magnata inglês da imprensa; por isso a imagem *prédio de papel.*
89. *Lindsay* - é Vachel Lindsay, poeta americano (1879-1931), autor de *Congo Bombo,* que viajou pelo país declamando seus textos. Ele se suicidou tomando veneno: a pistola do poema é uma licença poética.
90. *teus irmãos são loucos* - os irmãos de Peter Orlovsky.
91. *Tia Rose* - irmã de Louis Ginsberg; a primeira metade do poema fala de uma reunião de coleta de fundos a favor dos legalistas republicanos da guerra civil espanhola. A *Brigada Abraham Lincoln* era um corpo de voluntários estrangeiros, entre os quais alguns notáveis intelectuais, que participou dessa guerra.
92. *menina ignorante do silêncio familiar* - alusão ao homossexualismo do próprio Ginsberg.
93. *NO TUMULO DE APOLLINAIRE* - neste poema, Ginsberg homenageia a vanguarda que ele ficou conhecendo inicialmente através de William Burroughs e de Carl Solomon. Ginsberg conta, em vários dos seus depoimentos, que na Universidade de Columbia não se tocava neste assunto, assim como também não se falava em Whitman e outros poetas rebeldes e inovadores, como Hart Crane ou William Carlos Williams.

Ginsberg adota aqui o ritmo do próprio Apollinaire, principalmente de *Zone* e outros poemas de *Álcools,* com seus versos longos contendo períodos sem pontuação (*as longas linhas loucas de besteiras sobre a morte* mencionadas no poema). Há citações e menções de textos do grande poeta francês, com *Zone* (o *Cristo peitudo é sexy* do final do poe-

ma é um comentário sobre o tratamento informal dado a Cristo no *Zone*), além de *La Maison des Morts* e de *Inscription pour le Tombeau du Peintre Henri Rousseau Douanier,* ou seja, o poema de Apollinaire sobre o túmulo do pintor "douanier" Rousseau, em *Poèmes Retrovés.* Também há referências a episódios relatados na *Autobiografia de Alice B. Toklas* de Gertrude Stein, cuja contribuição literária – a inclusão da fala americana na linguagem literária – é reconhecida por Ginsberg.

A epígrafe do poema – em tradução livre, *aqui está o tempo / quando se conhecerá o futuro / sem morrer de conhecimento* – tem a ver com uma frase de outro poema de Ginsberg, *Morte Ã Orelha de Van Gogh!: esta é a hora da profecia sem morte como conseqüência,* comentada a seguir, na nota 105.

94. *Guilherme* - no original, William, o prenome de Apollinaire traduzido para o inglês. O nome de Apollinaire (1880/1918) é Guillaume-Albert-Wladimir-Alexandre-Apollinaire de Kostrowitzky. Nascido no Vaticano, filho de uma aristocrata polonesa (Apollinaire chegou a afirmar que era filho ilegítimo do Papa), morou algum tempo na Alemanha, entre outros lugares, e por isso seu nome algumas vezes foi consignado ou registrado como Wilhelm.

O pedregulho na cabeça e a atadura craniana são referências ao modo como Apollinaire morreu: oficial francês de artilharia na Primeira Guerra Mundial, foi atingido por um estilhaço de granada em 1916, viveu ainda dois anos, mas com a saúde debilitada, submetido a operações, semi-paralisado, morrendo de complicações advindas de uma gripe. O retrato mais conhecido de Apollinaire (que comparece na capa da edição das suas poesias completas) é com a cabeça enfaixada.

95. *e caminharei pelas ruas de Nova York envolto no manto negro da poesia francesa* - no original, *and will walk down the streets of New York in the black cloak of French poetry. Cloak* quer dizer manto, capa (como em *cloak and dagger,* capa e espada) mas também é verbo, *to cloak*, envolver, cobrir, revestir. Daí ter sido acrescentado o "envolto" ao manto, reforçando a imagem.

Três versos acima, a *gravação fonográfica da sua existência anterior:* é uma gravação que realmente foi feita, ainda no sistema de cilindros, em 1912, da qual participaram Apollinaire, Paul Fort, André Salmon e André Billy (biógrafo de Apollinaire).

96. *e o poema do futuro* - alusão ao célebre verso de Apollinaire, *o hino do futuro será paradisíaco,* também transcrito por André Breton em *Les Pas Perdus.*

97. *eu presente no antigo banquete vermelho* - é o banquete organizado por Apollinaire, Picasso e outros em homenagem ao pintor "Douanier" Rousseau, também descrito na *Autobiografia de Alice B. Toklas* de Gertrude Stein.

98. *Max Jacob* - poeta francês ligado ao cubismo; havia um círculo de amigos particularmente íntimos, constituído por Apollinaire, Picasso, Jacob e André Salmon, também poeta. Seria a geração literária entre o pós-simbolismo e o surrealismo, notável por suas inovações, da qual os nomes mais importantes na literatura francesa são Apollinaire e Pierre Reverdy.
99. *Huidobro* - o grande poeta chileno da primeira metade do século, um dos inovadores da poesia moderna. Sua obra mais importante é *Altazor.* Seu valor até hoje não foi plenamente reconhecido, sendo mais um poeta para iniciados; daí a imagem *esquecido no ósseo oceano.* Na mesma linha figura Ungaretti, por contraste, pois um morreu relativamente jovem e pouco conhecido e o outro teve uma vida longa (1888-1970) durante a qual conheceu a fama e a consagração. A menção ao branco pêlo púbico corresponde a um episódio real, uma festa no Village em Nova York, na qual estavam Ginsberg e Ungaretti, quando os escritores presentes leiloaram seus pêlos púbicos para arrecadar fundos em favor de uma revista literária dirigida por Ed Sanders. O pêlo de Ungaretti, que também participou da doação, era, obviamente, branco.
100. *Tzara* - Tristan Tzara, poeta rumeno (1896-1963), radicado na França, líder do movimento dadaísta e que depois também participou do movimento surrealista nos anos 30, brigando e reconciliando-se várias vezes com André Breton, mentor do surrealismo.
101. *Blaise Cendrars,* poeta suíço, francófono (1887-1961), que viajou pelo mundo todo, inclusive pelo Brasil, quando teve um importante relacionamento com nossos modernistas de 22.
102. *Jacques Vaché* - autor de *Lettres de Guerre.* André Breton o conheceu no exército, durante a Primeira Guerra Mundial, e chegou a afirmar que suas concepções surrealistas se inspiravam nele. Personagem misterioso, chegou-se a dizer que havia sido inventado por Breton. Mas há provas da sua existência, inclusive da sua morte: foi encontrado num quarto de hotel, logo depois do término da guerra, junto com mais dois rapazes, todos mortos por doses excessivas de ópio. Não se sabe se foi suicídio coletivo ou acidente. O ópio corria solto na época; é mencionado também no final deste poema *(comendo ocasionalmente ópio).* Sabe-se que Apollinaire teve, por volta de 1912, um caso amoroso com uma misteriosa mulher (depois de separar-se de Marie Laurencin, pintora) que começou com um encontro numa "fumerie" de ópio.
103. *Cocteau e Radiguet* - *Raymond Radiguet* é um caso interessante na literatura francesa. Morreu em 1923, com 20 anos. Extremamente precoce, escreveu sua obra dos 14 aos 20 anos. Seu livro mais conhecido é *Le Diable au Corps* (que foi filmado) e também deixou *Les Joues en Feu*, poemas, e *Le Bal du Comte D'Orgel.* Jean Cocteau o considerava um novo Rimbaud, um exagero, pois Radiguet era um talento precoce,

mas não inovador. *Cocteau,* poeta, dramaturgo, cineasta, artista plástico e personagem mundano da cultura francesa, o descobriu e também se apaixonou por ele.

104. *Rigaut* - Jacques Rigaut, outro poeta aventureiro, itinerante e ligado ao movimento surrealista, escreveu *Agence Genèrale du Suicide* e matou-se em 1929, com um tiro no coração. Sua morte é tema de um romance de Drieu de la Rochelle e de um extraordinário filme de Louis Malle, *Le Feu Follet (Trinta Anos Esta Noite).*

105. *MORTE À ORELHA DE VAN GOGH!* - este poema é, em certa medida, um diálogo com o famoso texto de Antonin Artaud, *Van Gogh o Suicidado pela Sociedade.* Ambos têm em comum o tom de acusação indignada e a politização do suicídio dos artistas "malditos". Convém destacar, neste e em outros textos de Kaddish, inclusive o *Apollinaire,* a constante referência a poetas que se suicidaram: Maiakovsky, Hart Crane, Lindsay, Vaché, Rigaut; e também a referência aos que morreram prematuramente: Lorca, Radiguet, Apollinaire. Temos, nestes poemas, uma viagem órfica, com Ginsberg refazendo o percurso de Orfeu, patrono dos poetas, descendo ao reino dos mortos e lá encontrando seus pares (a interpretação é reforçada pela menção da barca do Letes no *Supermercado na Califórnia).* Esta é uma viagem arquetípica da poesia. No entanto, há em *Morte à Orelha de Van Gogh!* uma frase que poderia servir como epígrafe para a obra ou então para a trajetória de Ginsberg: *esta é a hora da profecia sem morte como conseqüência.* Ou seja, Ginsberg assume-se como um continuador da tradição romântica, dos poetas proféticos, indignados com seu tempo e sua sociedade; no entanto, diz que esse conflito entre o poeta e sua sociedade não mais terá como conseqüência a destruição do poeta, sua tragédia e maldição; pelo contrário, ele será ouvido pela sociedade e sua voz ecoará com mais força que a dos políticos. Este é o tema central do seu poema sobre Van Gogh, que também poderia se chamar "Morte à Morte", morte ao símbolo da maldição, da exclusão do poeta e seu banimento, que é a orelha cortada de Van Gogh. A biografia de Ginsberg confirma o acerto dessa visão da relação entre a poesia e sociedade.

106. *Lorca o filho queridinho de Whitman* - esta passagem remete a uma teoria de Ginsberg, exposta na sua entrevista para o Gay Sunshine, sobre uma espécie de genealogia, de transmissão iniciática pelo contato sexual entre homossexuais. Ele fala de um homem com quem Neal Cassady havia transado na juventude, o qual por sua vez transara com o próprio Walt Whitman. Ou seja, uma espécie de linhagem, por essa via, desde Whitman até o próprio Ginsberg. *Queridinho* é tradução de *fairy,* "fadinha", que em gíria quer dizer boneca, bicha, afeminado, maricas.

107. *Hart Crane* - grande poeta americano (1899-1932), autor de *White Buildings* e de *The Bridge;* parte de sua obra dá continuidade à tradição de Whitman, inclusive no profetismo e messianismo. Alguns comenta-

ristas apontam a relação do texto de Ginsberg com o de Crane, pelos versos longos e uso de travessões, Crane se matou, jogando-se de um navio.

108. *milhões de toneladas de cereal humano* - alusão a manobras altistas para manter o preço dos produtos, queimando cereais e também pulverizando o excesso de produção de ovos (algo semelhante às grandes queimas de café no Brasil depois da crise de 29).

109. *eu caminho, eu caminho* - *but I walk, I walk,* aqui não só no sentido de ir para frente ou prosseguir, mas de andar a pé, em contraste com os automóveis do verso anterior.

110. *expulsamos o anjo chinês* - é o *Oriental Exclusion Act* de 1911, que impôs limites à imigração de chineses nos Estados Unidos; uma lei com clara motivação racista.

111. *Bertrand Russel expulso de Nova York por trepar* - o grande filósofo, matemático e pacifista inglês foi efetivamente expulso de Nova York nos anos 40, depois de um grande escândalo alimentado pela imprensa conservadora, por viver maritalmente com uma mulher e por ter proposto o "casamento livre", ou seja, que as pessoas vivessem juntas algum tempo antes de casarem, para saberem se realmente a união valia a pena.

112. *e o imortal Chaplin foi expulso de nossas praias* - a expulsão de Chaplin foi nos anos 50, em pleno macarthismo, acusado de idéias comunistas. Desde então, passou a viver na Europa. Einstein também foi hostilizado pelo FBI e tachado de comunista, por causa do seu pacifismo internacionalista, e isso dos anos 30 até 50.

113. *Sexto Patriarca* - mentor do Budismo.

114. *Lindsay* - Vachel Lindsay; ver o poema dedicado a ele. O poeta era um crítico do mercantilismo e da ganância na mesma linha de Whitman.

115. *e Kra pertence a Kra e Pucti a Pucti* - *Kra e Pucti* são algumas das glossolalias, ou seja, urros, gritos, sons não semantizados, que estão no texto de Antonin Artaud *Para acabar com o julgamento de Deus*, sua obra derradeira terminada pouco antes de morrer.

116. *Blok* - Aleksander Alexandrovich Blok (1880-1921), o grande poeta simbolista russo.

117. *onde estava Theodore Roosevelt* - Theodore Roosevelt (não confundir com Franklin Roosevelt) foi presidente dos Estados Unidos na primeira década do nosso século; responsável pela tese intervencionista do "big stick" e por várias ações imperialistas. O *castelo em Camden* é a casa onde Whitman morou em Camden, Nova Jersey, e escreceu *Democratic Vistas*, livro político e profético no qual pedia uma América mais democrática e menos gananciosa.

118. *Bicford's* - a lanchonete onde Ginsberg trabalhou lavando pratos depois de graduar-se em Columbia, Nova York.

119. *enquanto eu lutava com estatísticas de pesquisa de mercado* - Ginsberg trabalhou durante vários meses em pesquisas de mercado, como analista de dados na firma Towne-Oller de San Francisco, em 1954; foi seu último emprego fixo (estava bem, tinha até duas secretárias), antes de dedicar-se apenas à poesia.
120. *MESCALINA* - os cinco poemas que encerram o livro *Kaddish* são, todos eles, relatos de experiências com alucinógenos: mescalina, ácido lisérgico e aiauasca (yage). Esses textos, três escritos nos Estados Unidos e dois no Peru, representam uma mudança no seu estilo, passando do informal para o delírio, bastante próximo, em alguns momentos, da escrita automática surrealista. Têm em comum o interrogar a morte, o querer saber o que acontecerá depois. Essa proximidade com a morte é, ao mesmo tempo, uma exaltação da vida; viver integralmente significa também conviver com a perspectiva da morte.
121. *Boito* - é Arrigo Boito, compositor italiano de ópera, autor de *Mefistofele,* cujo coral de abertura (muito bonito, por sinal) Ginsberg estava ouvindo naquele momento.
122. *Beato Angélico* - o grande pintor do final da Idade Média.
123. *Lone Ranger* - Personagem de histórias em quadrinhos, na linha do Zorro.
124. *Williams* - William Carlos Williams.
125. *ÁCIDO LISÉRGICO* - este poema foi escrito durante uma experiência com LSD promovida pelo departamento de pesquisas médicas da Universidade de Stanford, gravada e durante a qual eram mostradas gravuras, tocadas músicas, etc., ou seja, no estilo das sessões de LSD com médicos e pesquisadores que estiveram em voga no começo dos anos 60. Mais tarde, Ginsberg escreveu um texto indignado, publicado em *Poems All Over the Place,* exigindo as gravações de volta e afirmando que essas sessões gravadas eram um recurso da CIA para ficar sabendo da intimidade de pessoas que incomodavam o Sistema. Quanto à tradução, deve ser assinalado que neste poema os pronomes não foram elididos. Os pronomes são obrigatórios em inglês, ou, pelo menos, muito mais necessários na estrutura da frase, e mais dispensáveis em português. Há inúmeros *I* e *he* eliminados na tradução; no entanto, neste poema eles foram mantidos, já que está sendo relatado o confronto entre o eu e um "ele", entre o indivíduo e uma estranha alteridade, ao mesmo tempo o inconsciente, o transcendental e o mistério, mutante e ameaçador. Várias imagens de poema correspondem aos estímulos visuais apresentados durante a sessão.
126. *Aum* - som mantrânico, tibetano.
127. *SALMO MÁGICO* - inicia a série de três poemas sob aiauasca, obtido no Peru. A busca do Aiauasca e os efeitos resultantes são descritos na correspondência de Ginsberg e Burroughs, *The Yage Letters.* Os três

poemas, *Salmo Mágico, A Resposta, e O Fim*, tem uma relação triádica e dialética. O primeiro é um chamamento, uma invocação. O segundo, a resposta, a aparição da própria morte. E o terceiro, a síntese, a transcendência integrando vida e morte.

128. *Crane - Hart Crane.*

129. *Yin* - princípio "feminino", "passivo", da cosmogonia do Taoísmo chinês, contraposto ao Yang, princípio "masculino"; representam a Terra e o Céu. O Tao é um círculo, uma roda que gira graças ao confronto dessas duas instâncias.

130. *O AUTOMÓVEL VERDE* - este poema tematiza a relação de Ginsberg com Neal Cassady e retoma as aventuras vividas por eles no final dos anos 40, também mencionadas no *Uivo.* Há várias menções a episódios relatados no livro de Cassady, *The First Third.*

131. *Casa no Oceano Ocidental* - é a casa em San Jose, Califórnia, onde Cassady vivia com a mulher e filhos. Logo depois, Ginsberg, que estava em Nova York, iria para lá, na tentativa de reatar com Cassady, e acabaria ficando por alguns anos na Califórnia.

132. *Visíveis de Denver* - ver a nota 27, de *Uivo*.

133. *Greyhound* - a companhia interestadual de ônibus nos Estados Unidos.

134. *becos de Larimer* - rua de Denver onde ficaram os cortiços e moravam os vagabundos e os despossuídos por causa da crise de 29; foi lá que Cassady passou alguns anos da sua infância, morando numa casa de cômodos, uma espécie de habitação coletiva, junto com seu pai, desempregado e alcoólatra.

135. *homenagem ao pai de Denver/ perdido nos trilhos da ferrovia* - como pode ser visto em *On the Road,* Cassady tinha a idéia fixa de voltar a encontrar seu pai. Os versos seguintes referem-se ao seu alcoolismo: ele era uma "wino", bebedor de vinho.

136. *Southern Pacific* - a ferrovia onde Neal trabalhava.

137. *raros relatos crus* - no original, *with rare descriptions.* Aqui também foi feita a dupla tradução. *Rare* quer dizer, raro, diferente, especial, mas também cru, mal-passado, como em *rare-done meat,* bife mal-passado. Consultando Ginsberg, este respondeu que os dois sentidos valiam. *Crus* faz um par com *nu,* dando *nu e cru*, expressão idiomática que significa verdadeiro, realístico.

138. *um lanche nu* - Ginsberg estava recebendo por carta os primeiros trechos desta obra de Burroughs, terminada só quatro anos mais tarde.

139. *POEMA DE AMOR SOBRE UM TEMA DE WHITMAN* - o tema comparece em *The Sleepers* de Whitman e passagens de *Song of Myself.* Ginsberg na verdade tematiza sua paixão por Cassady e a relação que teve com ele em 48. Caso alguém resolva comparar com o original inglês, convém avisar que este tem um erro: na edição da City Lights, na décima segunda linha, onde está *hot lips* (lábios quentes), deve-se ler hot lips

(coxas quentes), segundo a revisão preparada pelo próprio Ginsberg para a edição da Harper & Row que está para sair.

140. MALEST CORNIFICI TUO CATULLO - o original é em endecassílabos e baseia-se no poema de Catullo: *Malest, Cornifici, tuo Catullo/ mâles, me hercule, et labora atosiose/et magis magis dies et horas/ quem tu, quod, minimum fai ilimumquest/que solatus es allocuciones?/irascor tibi sic meos amores?/paulum quid luber allocutions,/maestius lacrimis Simonideis.* Em tradução livre, algo como: *Vai mal, Cornificio, vai mal / o teu Catullo, oh Hércules, e sofre / cada vez pior a cada dia e hora/ e você nem me dá uma palavra/da mais fácil, da mais barata/ você está zangado comigo, por causa dos meus amores? /uma palavra só/ nem que seja mais triste que o pranto de Simonideis.* Ginsberg na verdade responde a Catullo (um começa dizendo que está mal, o outro, que está feliz) e celebra seu encontro com Peter Orlovsky.

141. *Joan Burroughs* - um dos personagens mais trágicos da história Beat. Conheceu William Burroughs em 1943, grávida de outro homem; logo a seguir , Joan e William casaram-se. Ela acompanhou toda a odisséia de Burroughs pelo mundo do tráfico de drogas, tal como relatada em *Junkie* e metaforizada em *Naked Lunch* e textos seguintes. Joan era viciada em benzedrina. Em 1947, mudaram-se para a fazenda em New Warverly, perto de Houston, Texas. Em 48, tiveram que deixar o Texas por causa de complicações com a polícia e mudaram-se para Algiers, perto de Nova Orleans, morando num sítio. O lugar é descrito em *On the Road*. Em 1949, depois de uma batida policial no sítio, mudaram-se para o México. Em setembro de 1951, aconteceu a tragédia: numa festa em casa de amigos, Joan propôs a Burroughs, que era um exímio atirador e andava armado, uma brincadeira de Guilherme Tell: ela colocou um copo de vodka sobre a cabeça e insistiu para que Burroughs o acertasse com um tiro. Este inicialmente relutou e depois concordou com a brincadeira. Disparou o tiro, que acertou no meio da testa de Joan. Burroughs foi processado por homicídio involuntário e prosseguiu sua trajetória errante: Tanger, Peru e Colômbia, de novo Tanger, Inglaterra, Paris, de novo Inglaterra, onde fixou residência, já não mais viciado em heroína.

Tanto Ginsberg como Kerouac davam grande valor aos sonhos, anotando-os. É um traço comum com os surrealistas. Boa parte do diário (*Journals*) de Ginsberg é de anotações de sonhos, assim como um dos livros de Kerouac, *Book of Dreams.*

142. *FRAGMENTO 1956* - este poema é quase um complemento de Uivo, em outro ritmo. São novamente citados episódios e personagens das aventuras e transgressões dos anos 40. O mesmo tema é retomado em outro poema dessa época, *The Names,* publicado mais recentemente em *Poems All Over the Place.* Quando Ginsberg conheceu Kerouac, em 1944, apaixonou-se por ele, identificando-o com Rimbaud. O episódio mencio-

nado a seguir quando sentiu que ele e Kerouac eram o mesmo personagem, ou uma só "alma", é relatado mais detalhadamente em *Allen Verbatim.*

143. *faixa de amor amarelo - amarelo*, em inglês *yellow* que também designa covarde; alusão à sua timidez nas suas primeiras experiências amorosas.

144. *Joe Army* - é o *Julien* de *Duluoz* de Kerouac; pediu para que seu nome verdadeiro não fosse revelado; talvez se trate de Lucien Carr.

145. *Gregory chorando em Tombs* - Gregory Corso; Tombs é a prisão onde ele passou três anos.

146. *nas arcadas do infernal Pokerino - Pokerino* Arcades era um salão de bilhar na região do Time Square onde Herbert Huncke fazia ponto e agia.

147. *Bill King* - jovem advogado alcoólatra que se jogou da janela do Metrô, episódio também mencionado no *Uivo*.

148. *Morphy* - amigo de "Joe Army", suicida, mencionado também no *Duluoz* de Kerouac e no *Uivo.*

149. *UM ESTRANHO CHALÉ NOVO EM BERKELEY* - o mesmo onde ele terminou de escrever *Uivo* e que é citado no final de *Kaddish.* Ginsberg informa que o poema foi escrito no mesmo dia e na mesma folha de papel que *Um Supermercado na Califórnia.*

150. *ILUMINAÇÃO DE SATHER GATE* - este estranho texto pansexualista, quase uma crônica, tem como cenário o Campus da Universidade de Berkeley, frenquentado por Ginsberg por uns três meses, quando ele começou uma pós-graduação, abandonada logo em seguida, com a firme convicção que a comunidade acadêmica nada mais tinha a lhe oferecer. Curiosamente, foi em Berkeley que Ginsberg ajudou a insuflar manifestações estudantis que por sua vez originaram o ciclo contracultural e de grandes manifestações pacifistas dos anos 60. Isto, pouco depois de Ginsberg voltar, em 1964, de uma estadia de três anos em outros países, principalmente do Oriente. A inclusão de *Sather Gate* foi uma das sugestões de Ginsberg para a presente edição.

151. *Quartetos* - aqui há um jogo de palavras: ao mesmo tempo quarteto de jazz *e os Quatro Quartetos* de T. S. Eliot, obra considerada como exemplar na poesia contemporânea, pela comunidade acadêmica.

152. *"camp" angelical* - outro jogo de palavras: ao mesmo tempo abreviatura de *Campus* (cidade universitária) e *camp*, que segundo Susan Sontag seria uma estética do excesso, do predomínio da forma, uma nova sensibilidade que captaria o mundo como fenômeno estético (em seu *Against Interpretation*, de 1964).

153. *Chico Marx* - um dos irmãos Marx do cinema: Groucho, Harpo, Chico e Beppo.

154. *N vê todas as garotas* - *N* é Neal Cassady.

155. ... *os rubros olhos do leão deixarão escorrer lágrimas de ouro* - citação de William Blake.
156. *Rexroth* - é Kennet Rexroth, importante poeta e crítico, ligado ao grupo Black Mountain (Olson, Duncan, Creeley), que já morava em San Francisco desde os anos 30 e incentivou a formação do grupo *Renaissance* (Lamantia, McClure, Whalen, etc.), o qual, somando-se aos Beat de Nova York, contribuiu para dar uma projeção nacional à Geração Beat. No entanto, Rexroth fez restrições a *Uivo* quando da sua publicação. No poema, o *bigode tagarela* no original é *gassy mustache; gassy* é falante tagarela, mas também, segundo Ginsberg, estaria associado à sua visão de Rexroth parado debaixo de um antigo lampião de rua de gás.
157. *Frank O'Hara* - importante poeta contemporâneo americano, autor do Manifesto Personalista; morreu prematuramente em um acidente de automóvel nos anos 60. Foi diretor do Museu de Arte de Nova York.
158. *adoráveis bombas* - uma das idéias de Solomon, que de fato queria jogar uma bomba num estádio durante um jogo de baseball.
159. *ou de Blake acordado* - alusão à sua iluminação de William Blake, já mencionada nestas notas.
160. *PARA UM VELHO POETA NO PERU* - o velho poeta é Martin Adam. O poema foi escrito pouco antes de Ginsberg encontrar o aiauasca e ter as experiências relatadas nos poemas do final do *Kaddish.*
161. *Chancai, Pachamanic* - nota mantida como no original.

Cronologia dos poemas

A seqüência dos poemas, nesta edição, é a mesma das edições originais de *Howl and Other Poems, Kaddish and Other Poems* e de *Reality Sandwiches.* A data e lugar de criação constam dessas edições originais (e foram mantidas na presente), apenas em alguns dos poemas; em outros, não. A seguir, as datas e lugares dos poemas, tiradas da seqüência cronológica elaborada por Ginsberg para a edição das suas poesias completas que está sendo preparada pela Harper & Row:

O Automóvel Verde: Nova York, 1953; *Canção:* San José, Califórnia, em casa de Neal Cassady, 1954; *Sobre a Obra de Burroughs,* San José, 1954; *Poema de Amor Sobre Tema de Whitman:* San Jose, 1954; *Malest Cornifici Tuo Catullo:* San Francisco, 1955; *Registro de Sonho:* San Francisco, 1955; *Uivo* e *Nota de Pé de página para Uivo:* San Francisco, final de 1955; *Um Estranho Chalé Novo:* Berkeley, 1955; *Um Supermercado na Califórnia:* Berkeley, 1955; *Transcrição de Música de Órgão:* Berkeley, 1955; *Sutra do Girassol:* Berkeley, 1955; *América:* Berkeley, 1956; *Fragmento 1956,* Berkeley, 1956; *Iluminação de Sather Gate:* Bekerley, 1956; *Garatuja,* Berkeley, 1956; *Europa, Europa!:* Paris, 1958; *Para Lindsay:* Paris, 1958; *Mensagem:* Paris, 1958; *Para Tia Rosa:* Paris, 1958; *No Túmulo de Apollinaire:* Paris, 1958; *Morte À Orelha de Van Gogh:* Paris, 1958; *Meu Triste Eu*: Nova York, 1958; *Kaddish:* Paris, 1957 - Nova York, 1959; *Mescalina:* Nova York, 1959; *Ácido Lisér-*

gico: Palo Alto, Calif, 1959; *Peço-lhe que Volte &Fique Contente:* Nova York, 1959; *Para um Velho Poeta no Peru:* Lima, Peru, 1960; *Salmo Mágico:* Lima, 1960; *A Resposta:* Lima, 1960; *O Fim:* Nova York, 1960.

Sobre o tradutor

Claudio Willer é poeta e ensaísta, autor de *Anotações para um Apocalipse* (Massao Ohno Editor, 1964), *Dias Circulares* (Massao Ohno, 1976) e *Jardins da Provocação* (Massao Ohno-Roswitha Kempf, 1981). Traduziu e prefaciou *Os Cantos de Maldoror* de Lautréamont (ed. Vertente, 1970) e *Os Escritos de Antonin Artaud* (L&PM, 1983), coletânea de textos do famoso autor "maldito" francês. Está preparando um novo volume de textos de Artaud, outra coletânea de Ginsberg, do seus textos em prosa, e uma biografia de Dashiel Hammett, além do seu próximo livro de poesias, *Estranhas Experiências*. É Secretário Geral da União Brasileira de Escritores eleito em 1982 e reeleito em 1984. Colaborou em diversas publicações culturais.